LAVÍNIA QUEIROZ

se Ty me vês



Copyright © 2025 Lavínia Queiroz
Todos os direitos reservados.
Criado no Brasil.

Design de Capa: Sophia Oliveira (@estudiopotti)
Revisão Textual: Thaís Flor (@palavralapidada)

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança que não seja expressa previamente por parte da autora, trata-se de mera coincidência.

É expressamente proibida a reprodução, total ou parcial, ou qualquer tipo de impressão sem prévia autorização da autora deste livro. Abre-se exceção para citações breves para resenhas e avaliações. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punida pelo artigo 184 do Código Penal.

AVISO DE CONTEÚDO

Neste livro você vai encontrar menções e algumas cenas de: ***violência e tentativa de abuso sexual***. Tudo é tratado de forma cuidadosa e não gráfica, mas se sinta encorajado a respeitar seus limites, caso algum desses temas lhe seja incômodo demais.

PLAYLIST



Este livro contém uma playlist, para escutá-la basta procurar pelo título do livro no Spotify :)

DEDICATÓRIA



Para todos que já se sentiram invisíveis aos olhos de Deus, que este livro te lembre quem é teu El-roi

1| AUSÊNCIA DE GRAÇA?



Bahia, 1986

— Mariá!

O grito da mãe fez a moça derrubar o cesto de roupas no chão. Ela fechou os olhos bem apertados antes de conferir se nenhuma peça havia se sujado com a queda.

— Onde tu se meteu, menina? — O chamado se repetiu, impaciente.

— Já vou! — Mariá apoiou a cesta no quadril e atravessou o quintal de casa.

Dona Célia estava parada na porta da cozinha, amarrando o saco da farinha de mandioca feita no dia anterior. O coração da jovem se apertou só de imaginar qual favor lhe seria pedido.

— Preciso terminar a comida, leva isso. — Estendeu o saco.

— Levar aonde?

— Não ouviu teu pai me mandando separar um tanto da farinha pra dar ao Luiz?

— A senhora quer que eu vá na casa do Luiz? — A boca da moça secou. — Ah, não, mainha, por favor. Eu me tremo toda só de passar na frente da casa daquela peste.

— Olha a boca! — Sua mãe avançou até ela e segurou seu rosto. — Se teu pai te escutar desrespeitando o compadre dele, vai quebrar teus dentes.

Mariá engoliu as palavras, pois sabia não existir exagero no aviso. Seu coração batia rápido no peito e um arrepio passeou pela espinha.

— Só entrega a farinha e volte pra casa. — Célia afrouxou os dedos do rosto fino e ergueu o queixo da filha. — Entrega e sai.

A voz da mulher permanecia áspera, porém ganhou um toque de brandura sutil que Mariá aprendeu a entender como afeto.

— Vou terminar de pegar as roupas e levo — a moça respondeu num murmúrio.

Cogitou ser o mais vagarosamente possível na tarefa, contudo, a possibilidade de escurecer antes que estivesse de volta a fez rejeitar a ideia. Tirou todas as peças do varal e buscou o saco de farinha na cozinha.

— Posso ir também? — Jorge surgiu como um raio na frente dela, quase lhe fazendo tropeçar.

Mariá lançou um olhar para o garoto. Jorge era um de seus três irmãos homens, tinha apenas sete anos e toda disposição do mundo para importunar a irmã mais velha.

— Não, vou arranjar problema se te levar.

Já conseguia ver o irmão aprontando alguma e lhe rendendo uma bela surra por levá-lo consigo. Por isso, ignorou as súplicas dele e atravessou a porteira do pequeno terreno da família.

Mariá morava com os pais e mais cinco irmãos numa cidadezinha no interior da Bahia. Seus dias eram recheados de simplicidade e trabalhos, tanto os domésticos quanto os na modesta plantação de mandioca, utilizada para produzir a farinha responsável por boa parte do sustento da família.

Estaria contente por ter um pouco de tempo sozinha com seus pensamentos, se o destino em questão não fosse a casa de Luiz. Detestava a maneira que olhava para ela, como se fosse um pedaço de carne exposto na feira e ele estivesse doido para pôr as mãos.

— Para com esse medo besta, menina! — Ela deu um tapinha em cada lado do rosto depois de repetir as palavras da mãe. — É só um velho nojento, ele não vai mexer com tu.

As palavras “velho nojento” foram um adicional dela, mas indispensáveis, na sua opinião.

Tentou prestar atenção no céu azul-claro do fim de tarde, nas vacas e bezerros pastando nos terrenos à beira da estrada de terra e na brisa fresca em sua pele. Seu trajeto durou cerca de quinze minutos e sentia-se menos apavorada ao fim dele.

— Entrega e sai, entrega e sai, entrega e sai.

Seus sussurros cessaram ao parar na varanda. Espiou pela janela aberta, mas não viu ninguém, então bateu palmas e esperou em meio a uma prece para o dono não estar. Contudo, logo escutou passos se arrastando pelo

chão.

— Entrega e sai, entrega e sai, entrega e…

— Mariázinha? — A irmã de Luiz surgiu da lateral da casa.

Todo pavor no corpo da moça evaporou e ela abriu um sorriso torto.

— Chica? O que faz aqui?

— Isso é jeito de receber uma amiga? — A mulher riu, aproximando-se.

— Desculpa, eu não sabia que tu tava aqui.

— Cheguei ontem pra fazer uma visita ao meu irmão. Aquele homem não toma jeito e se recusa a ir me ver na capital, então preciso vir pra cá se ainda quiser ter algum contato.

Mariá assentiu, observando Francisca da cabeça aos pés. Toda a vizinhança só falava dela nos primeiros meses após sua partida para Salvador, depois de "tirar a sorte grande", como diziam, e ter encantado um doutor. Agora estava casada, era professora e vivia uma vida melhor, mas sempre aparecia para rever o irmão. Aos olhos de Mariá, ser irmã de Luiz era o único defeito dela.

— O que é isso? — Chica apontou para o saco nas mãos da moça.

— Farinha. Meu pai prometeu ao teu irmão que daria um pouco e vim entregar.

— O Seu Antônio continua igual. — Ela pegou o alimento. — Vamos, entra e toma um gole d'água antes de voltar.

Mariá aceitou e seguiu a mulher para dentro da casa. Atravessaram a sala e um corredor onde ficavam os quartos antes de chegar na cozinha. Ali, a moça sentou-se num dos bancos de madeira e ficou admirando a outra. O vestido branco tinha detalhes em bordado na gola e na barra, e a cintura era marcada por uma faixa florida. Seus cachos curtos estavam muito bem arrumados e os trejeitos eram distintos do que a jovem estava acostumada.

— Tá bonita — elogiou, de olhos brilhantes.

— Tu também! Desabrochou como uma flor de maracujá, exuberante.

— Exube… o quê? — Ergueu o lábio superior numa careta.

— Exuberante, Mariá. — Chica riu, entregando o copo de água. — Significa ser dona de uma beleza bem grande.

— Obrigada. — Encolheu-se, sorrindo tímida.

— Trouxe uns livros comigo, posso te emprestar pra continuar os estudos. E a leitura ainda vai te ajudar a conhecer palavras novas!

— Não sei mais ler. — A moça alisou o braço. — Esqueci um bocado

de coisas.

— Tudo bem, aposto que vai lembrar quando recomeçar.

— Acho que não é uma boa ideia. Tenho um monte de trabalho em casa e na roça. E meu pai nem deixaria, não quer que eu encha a cabeça de bobagens.

— Como eu disse, Seu Antônio não mudou nadinha! — Chica esfregou a testa. — Vou falar com ele, fique sossegada. Posso até te ajudar a estudar enquanto estou por aqui.

Mariá se limitou a sorrir. A desesperança já havia ocupado muito espaço em seu coração, sonhar parecia um erro de menina.

— Conta como é lá na capital — pediu, querendo mudar de assunto.

Francisca abriu um sorriso delicado e atendeu ao pedido. Falou da escola onde lecionava e de alguns dos alunos, dos novos amigos e de como tudo era tão diferente do cotidiano ali, onde cresceu.

— Qual lugar de lá tu mais gosta? — Mariá perguntou ansiosa.

— A praia! O mar é lindo.

— É só um rio grandão. — Abanou a mão.

— É *bem* grandão. — A mais velha achou graça. — Mas também gosto de caminhar pelas ruas do centro. A cidade tá crescendo, ainda atrás comparada a São Paulo e ao Rio, porém logo será moderna como elas.

— Tu já foi no Rio de Janeiro? — Arregalou os olhos, lembrando como Chica desejava conhecer a cidade.

— Já, Benicio me levou no nosso primeiro aniversário de casamento. É como um sonho! Estamos pensando até em nos mudar no ano que vem.

A moça assobiou. Mal podia acreditar que a amiga mais velha que tinha estudado na capital e voltado para compartilhar seus conhecimentos no lugar onde nasceu agora era esposa de um homem de boa condição e tinha um emprego na capital, com direito a viagens e tudo.

— Tua vida mudou mesmo! Nunca imaginei que uma de nós podia chegar tão longe.

— Quem sabe um dia tu também alcance lugares bem altos.

— Só em sonho. — Soltou um riso incrédulo.

— Deixe disso! Tudo é possível, sabia?

— Minha vida é isso aqui, Chica. Vou viver igual até morrer.

— Rogando praga? Vira essa boca pra lá, mulher!

— É a verdade. — Deu um gole na água fria e chacoalhou os ombros.

— Deus pode ter algo inesperado pra tu, minha amiga.

— Sinto minha fé estremecida. — Ela abaixou os olhos. — Não sei se Ele me vê, não sei mais.

— Ei — pegou as mãos dela —, mesmo que fique aqui pra sempre, tua vida ainda pode ser linda. Deus é bom e tá cuidando do teu futuro.

Mariá forçou um sorriso e assentiu, mesmo incerta.

— Tua casa lá em Salvador é bonita? — Tentou mudar o rumo da conversa outra vez, porém não foi preciso.

— Chica? — A voz de Luiz fez os pelos dos braços de Mariá se arrepiarem.

— E-eu já vou. — Ficou de pé.

— Espera, meu marido tá com ele e quero que te veja.

Os dois homens logo chegaram na cozinha; o dono da casa abriu um sorriso torto ao ver a moça, enquanto o outro tirou o chapéu e estendeu a mão para um cumprimento educado. Mariá fugiu dos olhos de Luiz e não abriu a boca durante a curta conversa dirigida pela amiga, se limitando a acenos de cabeça.

— Bom, é melhor irmos antes que escureça. — Dr. Benicio ofereceu o braço para a esposa. — Tia Edite nos espera para o jantar, meu bem.

— Vamos, sim. — Francisca sorriu para Mariá. — Passo na tua casa amanhã e converso com teu pai sobre nosso assunto.

Outro sorriso forçado foi dado pela moça.

— Vou levar tu em casa, Mariázinha. — Luiz cruzou os braços.

— Não precisa! — Ela arregalou os olhos e apressou-se a sair, contudo, ele a segurou pelo cotovelo.

— Teu pai me manda um presente e eu deixo a filha dele voltar sozinha num breu desses? Ah, não!

— Boa ideia, irmão. — Chica sorriu, alheia aos temores da amiga. — Cuide da nossa Mariá.

— Pode deixar. — O homem ergueu as sobrancelhas para a jovem.

Como ninguém percebia quão sujo ele era? Aos olhos de Mariá, Luiz era tão repugnante quanto os sapos gosmentos que coaxavam na lagoa perto de sua casa. Pensou se imaginava coisas aquele tempo todo. Talvez estivesse enlouquecendo. Luiz era um homem decente na visão geral, quem sabe fosse *ela* o problema.

Observou o casal sair pela porta da frente e deixá-la sozinha com Luiz. Olhou para ele, que a encarava de volta. O rosto anguloso perfeitamente barbeado exibiu um sorriso ao mesmo tempo que ele umedecia os lábios. Era

um homem alto e forte, a pele avermelhada por receber sol constante tinha algumas rugas consequentes dos quase cinquenta anos.

— Melhor a gente ir logo. — Mariá engoliu o nó apertando sua garganta e começou a andar.

Luiz se moveu de costas, mantendo a moça debaixo de sua supervisão. Parou quando encostou na porta de madeira, e sua postura dizia não pretender sair dali.

— O que acha da gente prosear um pouco?

— Não, preciso ir. — Mariá tentou se aproximar da porta, mas ele estendeu o braço e a manteve onde estava.

— Vai fazer essa desfeita comigo?

O corpo dela enrijeceu.

— Me deixa sair! — Ela avançou contra ele, contudo, o homem era muito mais forte e a agarrou pela cintura. — Para, Luiz!

— Isso é jeito de me tratar, menina? É *Seu* Luiz. — Uma risada pegajosa saiu dele e a moça se contorceu. — Posso ser teu, se quiser. Adoraria tu aqui me esquentando, o que acha?

— Prefiro morrer. — Cuspiu no rosto dele e a face do homem se transformou.

— Sua desgraçada!

Aquilo soou irônico para a moça. Uma piada de mau gosto. Sim, ela vinha sentindo-se alvo de uma terrível ausência de graça, sua vida já era ruim suportando um lar sem amor e sobrecarregada pelas palavras ásperas dos pais, sem qualquer perspectiva de mudança; agora, estava presa nos braços do homem que mais odiava.

Luiz a empurrou no chão e ela bateu contra o banco de madeira debaixo da janela. Teve certeza de que o objeto rasgou seu braço, a ardência se espalhou como fogo.

— Olha aqui, sua coisinha mal-agradecida. — Luiz a puxou pelos cabelos e a colocou de pé sob gritos. — Sempre ajudei tua família e é isso que ganho em troca?

— Me solta! — Tentou chutá-lo, em vão.

Ela virou o rosto quando percebeu que a intenção do homem era beijá-la. O hálito dele lhe provocou ânsia.

Meu Deus, se o Senhor ainda me vê mesmo, por favor, me tira daqui.

A oração veio junto de lágrimas grossas e quentes.

Luiz a virou de costas para ele, prendendo-a contra si, e cobriu a boca

de Mariá, a puxando em direção ao quarto no corredor.

As esperanças dela jaziam aos seus pés quando viu uma única chance de salvação diante de si. Não teve tempo de hesitar, apenas projetou seu cotovelo com toda força contra as costelas do homem e aproveitou os três segundos em que ele afrouxou o aperto para se desvencilhar, pegar o vaso na mesinha ao lado e acertar a cabeça de Luiz com toda força, estilhaçando o objeto em vários pedaços.

Ela não esperou para vê-lo tombar, apenas correu para fora da casa rumo à escuridão do anoitecer como se sua vida dependesse disso. E sabia que dependia.

2| O SANGRAR DE UM CORAÇÃO



Mariá parou de correr apenas quando cruzou o quintal de casa. Seu corpo cedeu no banco de madeira ao lado da porta e ela tentou recuperar o fôlego, o peito subia e descia violentamente e usou as costas das mãos para secar o rosto suado.

Sentiu o braço arder e levou os dedos à região, sujando-os de sangue fresco. Precisou se contorcer para enxergar o ferimento comprido, começando pouco abaixo do ombro e chegando quase ao cotovelo.

— Onde tu se enfiou? — A voz seca do pai soou ao lado dela e Mariá virou o rosto, encontrando-o parado na porta.

Demorou um instante para decidir não contar os verdadeiros fatos.

— Bênção, pai. — Ficou de pé. — Fui levar a farinha do Luiz.

— E por que demorou tanto?

— A Chica tava lá e queria me ver. Nem percebi que tinha escurecido.

— E ela veio fazer o que neste fim de mundo?

— Parece que veio com o marido ver os parentes.

— Hum, se foi por isso que tu demorou, tudo bem. — Ele analisou a filha, estreitando os olhos ao perceber seu estado. — Veio correndo?

— Sim, fiquei com medo. — Ela desviou o olhar e passou por ele na porta, desejando entrar em casa.

— O que foi isso no teu braço? — Puxou seu ombro de maneira brusca e a moça resmungou de dor.

— E-eu fui pegar uma manga no meio do caminho e me acidentei. Vou lavar.

De cabeça baixa, Mariá se esgueirou até os fundos da casa e lavou o machucado, mordendo o lábio para conter os gemidos. Tudo que mais queria era se encolher no canto da cama que dividia com as irmãs e chorar baixinho até dormir, porém precisava agir naturalmente, caso não quisesse despertar suspeitas.

Sendo assim, arranjou um pedaço velho de roupa e enfaixou o braço, depois seguiu sua rotina costumeira da noite.

— O gato comeu tua língua? — a mãe perguntou, após seu silêncio absoluto desde que sentara à mesa.

A família estava na cozinha, jantando envolta na melodia das vozes de cinco filhos. Jorge e José eram os gêmeos de sete anos; depois vinha Marcelina, de nove; Hélio, de quatorze; e Regina, de dezesseis. Mariá compunha o sexteto com seus dezenove anos.

— Não, mainha — ela respondeu, mexendo o pirão de um lado para o outro no prato.

— Pensei que ia ficar feliz depois de ver a Francisca.

— Só tô cansada, posso deitar?

— Precisa ajudar tua mãe a limpar a cozinha depois — o pai lembrou, sem tirar os olhos do prato.

— A Regina pode fazer isso. — A resposta de Dona Célia pegou a segunda filha de surpresa.

— Eu ia na venda do Seu João ver a novela! — Regina reclamou e ganhou um olhar duro por parte da mãe.

— Quer levar uma coça, menina? Vai fazer o que mandei e ai de tu se reclamar.

Mariá aproveitou a boa vontade da mãe e foi para o quarto encolher-se sobre o colchão fino, mas reconfortante depois da experiência traumática.

Talvez mainha acredite em mim, ela pensou, abraçando o próprio corpo enquanto pensava se valia mesmo a pena esconder o acontecido.

Por ora, decidiu dormir e tentar esquecer tudo. Quem sabe no dia seguinte a tensão em seu corpo tivesse diminuído o bastante para voltar ao normal.

Já era embalada por um sono suave quando foi puxada com violência para fora da cama. Abriu os olhos e demorou alguns segundos para discernir o rosto do pai e entender suas palavras.

— Quando ia contar o que aconteceu na casa do Luiz? — Gotas de saliva respingaram no rosto dela.

— O quê?

— Tu vai explicar isso agora, entendeu?

Mariá não teve tempo de formular uma resposta, apenas foi arrastada até a sala e viu-se diante do homem que prometia dominar seus pesadelos por um longo tempo.

Luiz estava parado no centro do cômodo, pressionando um pano contra o topo da cabeça. Mariá podia ver seus irmãos espiando pela porta do quarto dos rapazes, provavelmente depois da mãe os empurrar para lá. Por falar na Dona Célia, ela encarava a filha com o semblante sério.

— Quebrou um vaso na cabeça dele? — o pai perguntou.

— S-sim.

— Ah! — Luiz deu um riso sarcástico. — Viu? Ela assume!

— Ele tentou me arrastar pro quarto dele! — Mariá vociferou, enojada pela presença daquele homem na sua casa.

— Deixa de ser mentirosa! Tu ficou se atirando pra mim e depois resolveu mudar de ideia.

— Me atirando? — Ela arregalou os olhos. — É mentira! Eu queria ir embora e ele ficou no caminho, depois me agarrou e tentou beijar minha boca. Aí, eu… — sua voz embargou — … eu taquei o vaso na cabeça dele, senão, só Deus sabe o que essa praga ia fazer comigo.

Luiz abriu a boca e ergueu as sobrancelhas, encenando choque de forma maestral. Ele balançou a cabeça como se não pudesse acreditar no que ouvia.

— Antônio, tu sabe como eu respeito a memória da minha falecida mulher — começou, num tom magoado. — E já te falei também do carinho que sinto por tua menina e sobre querer casar com ela daqui a uns anos. Aí, de repente, ela aparece na minha casa e se insinua pra mim! Eu, como homem, não resisti e dei um beijo nela, não pretendia fazer mais nada, sou um sujeito honrado. Mas de repente só senti a dor na cabeça e caí desmaiado.

— Isso tudo foi só uma confusão, tenho certeza. — Antônio soltou Mariá e a encarou. — Pede desculpa e colocamos um fim nisso.

Mariá prendeu a respiração. Como poderia pedir desculpas por quase ser abusada?

— Eu não vou pedir. — Ela abaixou a cabeça, os olhos marejados. — Ele queria me fazer mal, pai.

— Pede logo, Mariá. — O pai apertou o braço machucado e ela conteve o grito.

— Desculpa — balbuciou entre lágrimas.

— Pronto! Pode ir em paz, Luiz. — Antônio estendeu a mão para ser apertada pelo homem, mas ele não se moveu. — O que foi?

Mariá ergueu a cabeça e percebeu o mesmo olhar que tantas vezes viu naquele rosto. Estava tramando algo tão ruim quanto a alma dele.

— O vaso que ela quebrou era da minha falecida e custava caro, eu quero que pague por ele.

— Caro? — Célia se pronunciou pela primeira vez. — Caro quanto?

— Vale uma cabeça de gado. — O canto dos lábios do homem se ergueu.

— Era de ouro por acaso? — Antônio perdeu o ar sereno. — Eu não posso te dar um dos meus bois.

— Então era bom tua filha ter pensado melhor antes de criar confusão comigo.

Mariá sentiu o peso do olhar dos pais e se encolheu no lugar.

— Somos compadres, mas sabe que eu nunca fico no prejuízo. — Luiz se aproximou do outro homem com altivez e indicou a moça com um gesto de cabeça. — Ou paga, ou levo ela comigo.

— Prefiro morrer! — Mariá fez uma careta de profundo asco.

— Teu pai vai decidir. — Luiz encolheu os ombros. — Amanhã à noite eu volto pra receber meu pagamento. Passar bem.

Ele inclinou a cabeça e saiu da casa, deixando um silêncio pesado atrás de si.

— Pai… — Mariá se voltou para o homem e segurou sua mão calejada. — Por favor, acredita em mim. Ele tentou me…

— Cala a boca! — O pai esbravejou. — Olha o buraco que tu nos meteu! Que diacho tinha na cabeça pra ficar sozinha com um homem na casa dele?

— Ele inventou que ia me trazer pra casa porque tava escuro! Eu não queria, mas a Chica e o marido acharam bom e não pude negar.

— Aposto que fez alguma coisa, não fez? — Puxou a mão para longe do toque da filha.

Mariá soltou um suspiro exasperado. Ele estava lhe acusando de ter culpa naquilo tudo?

— O senhor devia me proteger — murmurou às lágrimas. — Devia ter me defendido dele.

— Devia deixar ele te levar, isso sim! Desse jeito me livrava do

problema de vez. É só isso que tu traz, problemas!

O coração frágil da moça se partiu em milhares de pedacinhos e procurou alguma migalha de afeto e compreensão no rosto da mãe, no entanto, a mulher fitava o chão sem demonstrar um pingo de sentimento.

— Vá deitar e me deixa pensar em como resolver isso — o pai mandou.

Ela não resistiu, apenas virou as costas, entrou no quarto e se aconchegou na colcha de retalhos que há poucas semanas costurara para si.

Não fez nenhuma prece dessa vez, apenas chorou amarga e silenciosamente, incerta a respeito do futuro reservado para si.

3| PREPARANDO A MERCADORIA



O quarto ainda estava parcialmente escuro quando um chute no joelho acordou Mariá. Ela abriu os olhos e virou-se para Marcelina, espremida entre ela e Regina. Um sorriso fraco se esticou por seu rosto ao ver a irmã babando, devia estar num sono muito agradável, diferente do breu inquieto enfrentado por ela.

Ficou encarando o teto até estar claro o bastante para levantar; talvez, se começasse as tarefas mais cedo, seus pais a enxergassem com menos aborrecimento. Levantou-se com cuidado para não despertar as irmãs, saiu do quarto e foi para a cozinha, onde se surpreendeu com a presença dos pais.

— Ela acordou. — A mãe balançou o braço do pai, sentado de costas para a porta.

— Aconteceu alguma coisa? — Mariá perguntou.

— Senta. — Antônio apontou para o espaço vazio ao seu lado, sem lhe dirigir o olhar.

Mariá obedeceu. Podia perceber o ar pesado e seu peito se comprimiu com um mau presságio.

— Tu quer ir morar com o Luiz? — Antônio finalmente a encarou.

— Já disse que prefiro a morte — respondeu magoada.

— Então vamos ter que escolher a outra opção, pagar pelo vaso.

— Não temos dinheiro.

— *Ainda.*

— Vai dar o boi a ele? Aquele encosto não pode só deixar pra lá?

— Eu conheço o Luiz há mais tempo do que tu, não existe essa opção. Ou damos o que ele quer, ou vai arranjar um jeito de se vingar, e não quero

sangue dentro das minhas terras.

A moça piscou repetidas vezes, entendendo que talvez seu pai também soubesse quão ruim o homem era.

— Vamos conseguir, pai. — Ela cobriu a mão dele e lhe deu um sorriso suave, contudo ele se afastou e abaixou a cabeça. — O que foi?

— Tem uma feira acontecendo na cidade aqui do lado, eu e tu vamos lá agora de manhã.

— Vender a farinha que mainha fez?

— Não, te vender.

Mariá não teve certeza se escutou direito, então pediu para o pai repetir. Na segunda vez, pensou ainda estar dormindo.

— E-eu? — Apontou para o próprio peito.

— Sim — seu pai cerrou os dentes —, algumas pessoas vão lá procurar gente pra… trabalhar nas plantações.

Pelo jeito que ele fugia de seu olhar, ela suspeitou que nem todos tinham essa motivação.

— Pai, por favor… — A frase morreu, incompleta em seus lábios.

— E agora? Casar com o Luiz ainda parece pior que a morte?

Mariá franziu as sobrancelhas. Aquilo era uma artimanha para ela aceitar a proposta? Não, não podia tornar sua vida ainda mais difícil. Comparada a viver debaixo do mesmo teto que Luiz, sua vida era maravilhosa.

— Ele queria abusar de mim. — Cuspiu as palavras, sem acreditar que seu pai persistia em não acreditar nela.

— Ele gosta de tu.

— Gosta? — Um riso seco saiu da moça. — Se ele gosta, deveria ter casado comigo, não me atacado.

— Tenho certeza que as coisas não foram como tá descrevendo. — Coçou a cabeça calva.

— Queria que acreditasse em mim. Mas, se não acredita, pode me levar, não caso com aquele homem nunca.

— Não seja burra, menina. — A mãe bateu na mesa. — Vai ter um marido pra cuidar de tu, pode começar tua própria família. Não gosta da ideia?

— Eu amaria, se o marido fosse um homem, não um monstro.

— Essa é tua decisão? — O pai retomou a palavra.

Mariá se recusou a responder, mordendo os lábios e abaixando o

olhar.

— Célia, arrume a Mariá. — Antônio se colocou de pé. — Dê um jeito nessa mata que ela tem na cabeça e coloque um vestido bom.

A mulher hesitou, todavia, ao perceber que as coisas seriam mesmo assim, levantou-se e segurou o braço da filha, a levando ao próprio quarto. Lágrimas silenciosas molharam as bochechas da moça enquanto a mãe puxava seus fartos cabelos crespos para prendê-los num coque apertado atrás da cabeça.

Depois, Célia foi até o quarto onde Mariá dormia e separou um vestido branco simples, ainda sem nenhum remendo.

Eles querem deixar sua mercadoria apresentável, pensou, preenchida pelo horror.

Pronta, ela foi levada de volta à cozinha, onde seu pai esperava.

— Coma rápido, quero ir antes dos outros acordarem.

E saiu de casa sem que a filha pudesse pronunciar mais nada.

Mariá olhou para a mãe e a viu dar as costas para pegar um beiju e encher um copo com água, os quais colocou diante dela antes de sair também, deixando-a sozinha no cômodo.

Era como se tivessem lhe enterrado e decretado que a partir dali ela não passava da distante lembrança de uma filha que não tinham mais.

***

O beiju e a água estavam intocados quando os pais de Mariá retornaram para a cozinha.

— Eu disse pra comer logo — Antônio repreendeu, mas não obteve resposta. — Tá se fazendo de surda?

Mariá os encarou com olhos vazios e se dirigiu até a mãe, de quem pegou a trouxa contendo seus poucos pertences. Não conferiu, apenas saiu da casa e parou ao lado da carroça preparada para partir.

Marido e esposa se encararam, desconfiados do comportamento.

— Ela deve estar pra morrer de tanto ódio — Célia disse baixinho, observando a filha subir no veículo.

— Não foi isso que vi nos olhos dela. — Antônio franziu a testa e tomou o mesmo rumo de Mariá.

Subiu na carroça e perguntou se a moça estava pronta; ganhou apenas um balançar de cabeça positivo, o bastante para golpear o burro e começarem a se mover.

— Espera! — Célia gritou e correu até eles.

Mariá sentiu uma chama de esperança renascer dentro dela, que logo se extinguiu ao perceber que a mãe não pretendia lhe salvar.

A mulher tirou uma correntinha de dentro do bolso e deixou na mão da filha. Os primeiros raios de sol incidiram sobre o pingente de cruz dourado e ele reluziu.

— Eu não acredito mais nessas coisas, mas tu sim. Talvez te ajude.

A mesma sombra de afeto que costumava ver no rosto e atos da mãe se fez presente naquele momento. Mas Mariá estava cansada de migalhas.

Ela balançou a cabeça assentindo, com a expressão fechada, e jogou o presente dentro da trouxa de qualquer jeito.

E a carroça voltou a se mover.

4| QUASE UM LEILÃO



— Deus te acompanhe, meu filho. — Encostada na pilastra da varanda, Zuleide observava Elias subir na carroça.

— Ele tá sempre comigo, mainha, fica sossegada. — O homem entortou os lábios num sorriso.

— Amém, amém. — Ela aproximou-se sorridente do veículo, porém fechou a expressão ao lembrar de algo. — Ai de tu se esquecer minha farinha de novo!

Ele conteve uma risada, temendo receber alguns tapas como resposta.

— Consigo ver tu rindo por esses olhos que eu te dei! — Ela beliscou o braço dele.

— A senhora me deu? Oxe, podia jurar que foi Deus.

Outro beliscão se seguiu e Elias tratou de calar a boca.

— Da última vez tive que pedir farinha emprestada à Marta e ela ficou me olhando de nariz em pé.

— Porque tavam brigadas. Agora já são amigas de novo, né?

— Já.

— Ótimo, então vou esquecer a farinha — ele disse, golpeando o burro para se afastar da senhora.

— Nem pense, seu menino malcriado! — Zuleide gritou de punhos erguidos e o filho se limitou a acenar, sem se virar para vê-la.

Elias aspirou o ar úmido pela chuva que caiu de madrugada, feliz por finalmente poder desfrutar de algumas horas de silêncio solitário. Amava a mãe, mas já se acostumara à ausência de sua faladeira e as visitas tornaram-se uma mistura de alegria e urgência de fuga.

Fazer compras estava no topo de sua lista de coisas mais detestáveis, não era à toa que cultivava a maior parte dos mantimentos no quintal de casa

e armazenava o que podia em quantidades suficientes para tornar esse compromisso raro, mas nem a obrigação conseguiu deixá-lo mal-humorado.

Seu espírito de bicho do mato estava contente só de imaginar mais meia hora de paz na volta para casa, então, assim que parou na praça da cidade, onde a feira acontecia semanalmente, abaixou o chapéu sobre o rosto e fugiu de todos os conhecidos tagarelas, sendo objetivo em quais vendedores parava.

— Virou um cangaceiro foragido? — Uma voz familiar veio de trás dele enquanto esperava o vendedor encher um saco de farinha.

— Assim o senhor me ofende, reverendo — murmurou sarcástico, olhando de canto de olho para o homem alto que havia parado ao seu lado.

— Era teu papel preferido nas nossas brincadeiras de menino.

Elias soltou um riso baixo.

— Já tenho trinta anos, não sou um menino há muito tempo.

— É, daqui a pouco tá com a cabeça mais alva que a neve. — Indicou o cabelo e barba do amigo, que tinham uns poucos fios grisalhos.

— Achei que pastores não zombassem da aparência de suas ovelhas.

— Só zombo de tu. — Deu um sorrisinho.

— Que sorte a minha.

Elias pagou pela farinha e começou a andar para a próxima barraca. A visão do precioso café o fez esquecer do amigo em seu encalço. Ele e o pastor Otávio foram vizinhos por boa parte de suas vidas, até este se mudar para os fundos da igreja onde pastoreava, alguns anos antes.

— Vou te deixar no teu momento feliz. — Otávio deu dois tapinhas nas costas do amigo.

— Até o culto. — Elias acenou, distraído com os sacos cheios de café.

— Só esperava te ver no próximo sábado. — Ulisses, o dono da barraca, pegou um saco para colocar a compra de seu cliente mais fiel.

— Mainha tá em casa.

— Fugindo? — Riu.

— Também. Mas meu café acabou rápido demais esse mês, não sei como, se tomei a mesma quantidade de sempre.

— Melhor pra mim. — Ulisses exibiu os dentes.

— O que eu ganho por engordar teus bolsos?

— Vou colocar um pouco a mais. Satisfeito?

— Muito. — Sorriu, apontando para o café. — Pode encher.

Enquanto Ulisses caprichava na porção, Elias se distraiu com uma movimentação na calçada. Dois homens discutiam algo, ao passo que uma moça abraçada ao próprio corpo encarava o chão. O braço dela estava enfaixado e notou a mancha vermelha no tecido quando ela levou a mão à cabeça para ajeitar os fios assanhados.

Uma curiosidade anormal se apoderou dele e não conseguiu tirar os olhos da estranha, até que ela ergueu o rosto por sentir sua atenção. Ele não desviou o olhar e capturou um vislumbre das íris escuras e opacas antes de ela abaixar a cabeça novamente.

— Elias? — Ulisses chamou, e pelo tom não era a primeira vez.

— Hum? — murmurou, se forçando a encarar o homem.

— Perdeu alguma coisa?

— Quem são? — Apontou com o queixo para o trio e o vendedor seguiu seus olhos.

— Não sei, mas não vai querer se meter nisso.

Ulisses devolveu o medidor para o saco de café e lhe entregou a porção comprada.

— Bandidos? — Ergueu a sobrancelha.

— Sim, gente ruim mesmo. Escutei falarem de um Mauro, e o único que conheço não é metido com coisa que preste.

— Fala tudo de uma vez! — Elias fechou a expressão.

O vendedor olhou para os lados e fez um sinal para o outro se aproximar. Elias franziu as sobrancelhas ainda mais, inclinando o tronco para frente.

— Tem uma fazenda de cana-de-açúcar aqui na região e soube que o dono, esse tal de Mauro, gosta de se aproveitar das famílias com muitos filhos, se oferecendo pra comprar alguns pra trabalharem na plantação dele. A maioria não tem coragem de fazer isso com as crianças, mas os pais mais desalmados aceitam trocar suas crias por uns cruzeiros.

Elias cerrou os dentes para conter um xingamento. Só de imaginar algo assim, seu sangue fervia.

— E esse homem ali quer vender a moça? É filha dele?

— Pelo pouco que escutei antes de tu chegar, é isso mesmo.

— A gente tem que impedir!

— Ficou maluco? Eu que não me meto com esses bandidos.

— Ulisses, vão vender a moça! Se a gente não fizer nada, somos tão desalmados quanto esses pais que tu falou.

— Pode ir lá se quiser, mas eu fico aqui. — Ergueu as mãos.

Elias soltou um arquejo e voltou-se para o trio, ainda parados ali perto. Sua mente foi preenchida pela imagem de uma menininha risonha correndo descalça por sua casa e de repente sendo arrancada de lá e levada até um lugar onde seria explorada e maltratada.

— Volta aqui! — Ulisses tentou pará-lo, porém Elias se desvencilhou e correu até o trio.

— Quanto é? — perguntou antes mesmo de eles notarem sua aproximação.

— Quanto é o quê? — O homem que parecia ser o comprador o encarou.

— Ela. — Apontou para a moça amedrontada.

— Chegou tarde, já estou acertando o pagamento. — Abanou a mão para dispensá-lo, mas Elias não se moveu.

— Eu pago o que ele ofereceu e mais metade.

Os dois homens o fitaram ao mesmo tempo.

— Mesmo? — O pai arregalou os olhos.

— Ela não vale tudo isso. — O comprador cruzou os braços. — Meu patrão ainda tá sendo generoso. Essa coisinha magrela não deve dar de nada no campo, mas talvez tenha alguma utilidade na casa.

— Ela vale isso e muito mais. — Elias cerrou os punhos, controlando a vontade de socar o sujeito. Virou-se para o pai. — Aceita ou não?

— O senhor tem outra oferta? — perguntou ao primeiro interessado.

— Não vou gastar mais do que ofereci.

— Então tá vendida pra esse homem. — Apontou para Elias.

O outro balançou a cabeça, como se estivesse diante de uma péssima transação, e foi embora. Os ombros de Elias relaxaram.

— Certo, pague. — O pai estendeu a mão.

— Quanto?

Seus olhos dobraram de tamanho quando escutou o valor.

— Eu… — Bateu a boca, pensando no que dizer. — Eu só tenho a mesma quantia que ele ia pagar.

— Mas tu disse… — O pai parou e soltou um riso desacreditado. — Acabou de passar a perna em nós dois?

— Não é minha culpa se foram desatentos. — Encolheu os ombros.

O outro fez menção de chamar pelo antigo comprador, ainda perto o bastante, contudo, Elias o puxou pelo braço.

— Olhe, vai trocar seis por meia dúzia. Me dê logo a moça e aceite o dinheiro.

O mais velho ponderou antes de puxar seu braço para fora do aperto e assentir.

— Só um momento — Elias disse. — Já volto com o dinheiro.

Ele correu até a barraca de Ulisses, que assistia a tudo apreensivo. Tinha um grande problema, só portava parte do valor pedido e precisaria convencer o amigo a lhe ajudar.

— Ficou maluco? Eu não vou te emprestar essa dinheirama! É tudo que tirei nesses dois dias de trabalho.

— Eu te pago amanhã cedo, sem falta.

— Elias… o que tu viu nessa mulher? Não me diga que foi enfeitiçado!

— Por favor — insistiu, reprimindo o desejo de ser curto e grosso —, me dê o dinheiro. Te pago amanhã.

— Ai, meu santinho, o que eu fiz pra arranjar esses amigos sem juízo?

— Vai emprestar ou não?

— Vou. — Revirou os olhos e pegou o dinheiro escondido no bolso interno da camisa. Deixou as notas na mão de Elias. — Se minha mulher descobrir…

— Amanhã antes da missa o dinheiro estará nas tuas mãos.

— Vai vir à missa? Teu pastor não vai gostar.

Elias soltou um suspiro, sem qualquer humor para responder à brincadeira, e partiu com o dinheiro. Não podia parar para pensar de que lugar tiraria o valor para ressarcir Ulisses. Se o fizesse, talvez desistisse, e assim se odiaria para sempre.

— Aqui. — Pagou ao pai.

— Ela é sua. — Puxou a moça pelo braço e a colocou diante dele.

Sem olhar para trás, o senhor caminhou apressado para o lugar onde estacionara sua carroça. Subiu e desapareceu rua acima.

Elias analisou a moça imóvel ao seu lado. Tinha cabelo crespo e pele retinta como ele, mas o que mais lhe chamava a atenção eram as íris abatidas. Ele engoliu o bolo em sua garganta. Não podia negar, havia acabado de comprar uma pessoa.

5| A DEUS-DARÁ



— Tudo bem? Pode me dizer teu nome?

Mariá ergueu o rosto e fitou o estranho que havia acabado de pagar para ter posse dela. Seu coração parecia uma flor recém-amassada: murcho, marcado e aparentando ausência de vida.

Sempre gostou de palavras, ficava encantada ao ver que a união de algumas letras poderia expressar tudo que queria. No entanto, bastou ver sua casa sumindo atrás de si para o brilho delas desaparecer. Não sentia vontade de dizer nada, como se estivesse mesmo morta, emudecida e sem sequer o anseio de comunicar algo.

— Não me escuta? — o homem perguntou, linhas se formando em sua testa. — Ou não fala?

Mariá não respondeu nem esboçou reação.

— Depois eu descubro. — Ele soltou um suspiro. — Vem, vamos pra casa.

Ela se permitiu ser guiada pela rua até uma carroça e ficou olhando o desconhecido deixar algumas compras na parte de trás antes de subir no assento.

— Pode vir — chamou ao vê-la parada, dando batidinhas no espaço ao seu lado.

A moça olhou ao redor, analisando se poderia correr e impedir o destino reservado para ela. Contudo, não sabia para onde ir ou se o pai a procuraria, então subiu na carroça e se acomodou ao lado do condutor.

Ficou aliviada quando o homem não tentou conseguir mais nenhuma informação, recaindo em completo silêncio.

Aproveitou a oportunidade e o observou de forma discreta. As primeiras coisas que notou foram a cicatriz partindo da bochecha até a testa,

cruzando o olho de íris azulada, que divergia do castanho-escuro da outra.

O que aconteceu com ele? Será que se machucou enquanto fazia alguma atrocidade?

A ideia fez seu coração gelar e precisou desviar a atenção por alguns segundos antes de ter coragem de olhá-lo outra vez. Correu as vistas pela pele de um tom marrom-profundo e pelo cabelo crespo e barba bem aparada, achando curioso o fato dos pelos conterem alguns fios grisalhos, apesar da aparência jovem.

Seus olhos desceram para os ombros largos por baixo da camisa e os músculos se contraindo enquanto guiava a carroça.

O intenso sentimento de medo reacendeu o espírito até então abatido.

Se já foi tão difícil fugir do Luiz, imagina dele?

Mariá levou a mão ao coração desgovernado e olhou para a estrada ao lado da carroça, depois para o estranho e mais uma vez para a estrada.

Quando o veículo virou numa curva, ela não pensou duas vezes e se jogou.

Conteve os gritos de dor a cada volta que seu corpo dava, arranhando a pele no chão de terra. Percebeu a carroça parar e levantou-se depressa. Mal deu um passo e tornou a cair, o tornozelo irradiava uma dor pulsante.

— Se feriu? — O homem correu até ela, que se arrastou para longe de suas mãos. — Fica parada.

Mariá agarrou sua trouxa e tentou ficar de pé outra vez, em vão.

— Deve ter torcido o tornozelo, ou quebrado! O que deu na tua cabeça pra pular do nada?

A moça cobriu o rosto com as mãos cheias de arranhões e começou a chorar copiosamente.

— Olha, eu não vou te machucar…

Ela soltou um grito sufocado ao ser tocada por ele.

— Sei que tá com medo, mas precisa acreditar em mim, não vou te machucar. Além do mais, qual o teu plano? Sair correndo pelo meio do mato é perigoso, algum sujeito ruim pode te fazer mal…

Mariá o encarou, franzindo o rosto.

— Tudo bem, tu não me conhece e não sabe se sou um desses. — Ele suspirou e abaixou a cabeça para pensar um pouco. — Não tem como eu te fazer ter certeza se sou bom ou ruim, mas se me acompanhar até minha casa…

Um empurrão acertou o peito dele e o fez se desequilibrar para trás.

— Não é isso!

Mais uma tentativa falha de se levantar se seguiu e o homem soltou um resmungo antes de ficar de pé e a carregar no colo. Ignorou os tapas e a colocou na parte de trás da carroça.

— Minha mãe tá em casa, ela pode cuidar de tu. E eu juro por Deus que não vou te ferir. — Ele tentou segurar os ombros de Mariá, mas ela se esquivou. — Ah, Jesus Cristo! Eu gasto todas as minhas economias pra impedir que uma moça seja vendida e explorada e o Senhor não me ajuda a convencer ela? Por favor!

Mariá tombou a cabeça, mudando de medo para curiosidade.

— Um voto de confiança, é tudo que peço. — Ele deu um sorriso cauteloso. — Promete que não vai se jogar outra vez?

Após alguns segundos de reflexão, ela assentiu. Sentia a dor no tornozelo aumentar e soube ser inútil tentar fugir outra vez, então se encolheu contra a lateral da carroça e tentou manter a calma.

O homem deu um sorriso fraco e voltou à condução, não checou sua passageira em momento algum e Mariá se permitiu relaxar um pouco. Cada pedaço de seu corpo doía e o peito queimava num profundo anseio por deixar mais e mais lágrimas fluírem, contudo, ela as segurou dentro de si.

Alcançou a trouxa com seus pertences e procurou o colar dado por sua mãe, depois o colocou no pescoço e apertou o pingente de cruz. Sua mente era um vazio de orações, enquanto o coração ardia, e enfim lágrimas silenciosas fluíram por todo o caminho.

***

Elias não conseguia parar de pensar.

O que tinha dado em sua cabeça para se meter na vida daquela mulher? Estava levando uma estranha para casa, expondo sua família a uma situação imprevisível e ainda pedindo para ela depositar confiança nele. E se não conseguisse resolver aquilo?

Contudo, mesmo com uma montanha de dúvidas amontoadas em sua mente, ele não iria voltar atrás. Seu pai o tinha ensinado desde criança: homens não faltam com a palavra, nunca.

Foi pensando nisso que engoliu o medo e atravessou o portão de madeira de sua casa. A mãe não estava na varanda lhe esperando, por isso, a fim de adiar o encontro, saltou da carroça e foi até a moça encolhida e trêmula.

— Confiança. — Ele estendeu a mão e, hesitante, ela a tocou. — Ótimo. Vou dizer tudo que tenho a intenção de fazer agora: te pego no colo, levo até o sofá da sala e espero mainha aparecer, ela sempre aparece sem precisar chamar, aí ela vai ficar doida e fazer um monte de perguntas, fique calma, eu respondo tudo, e aí… aí a gente vê. Combinado?

A moça assentiu devagar e Elias fez o que disse, carregou o corpo franzino até o sofá de sua casa e esperou a mãe. Não demorou nem cinco segundos para Zuleide aparecer.

— Quem é essa? — ela disparou, os olhos com o dobro do tamanho normal.

— Mainha, fica calma e me escuta…

— Achou ela jogada na estrada? — Fez uma rápida análise da moça sentada no sofá. — Ela tá podre de suja.

— Ela caiu da carroça, machucou o tornozelo e se arranhou toda.

— Bêbada?

— Não!

— O que tu é, menina? — Aproximou-se da desconhecida e ela se encolheu como um tatu. — Em que se meteu, Elias?

— Mainha! — Ele usou seu tom firme e ela se calou. — Pode deixar eu explicar antes de imaginar todo tipo de besteira?

Zuleide cerrou os dentes, nada feliz por receber uma ordem, porém concordou.

— Ela ia ser vendida como… como escrava. — Um gosto amargo se espalhou pela boca do homem junto de uma indignação familiar. — O próprio pai ia vender ela pra uma fazenda de cana-de-açúcar, e então eu agi por impulso: pedi um dinheiro emprestado ao Ulisses, que vou pagar com a poupança das crianças e depois repor, e aí comprei ela. Eu imaginei a Bebê nessa situação, minha menina sendo explorada por… — Sua voz sumiu. — Eu não podia ver e ignorar.

— Filho… — A senhora cobriu a boca e espiou a moça, que ouvia com a atenção redobrada. — Senhor amado! Que coisa horrível. A pobrezinha deve estar morrendo de medo.

Ela passou por ele e se abaixou diante da visitante.

— Oi, minha flor. — Segurou com delicadeza a mão machucada. — Qual teu nome?

— Acho que é muda. Não disse nada desde que a gente saiu da feira.

— Tudo bem. — Zuleide fez carinho no cabelo assanhado e sujo. —

Vou te chamar de minha flor por enquanto. Concorda?

Pela primeira vez, Elias viu um vislumbre de sorriso no rosto da moça, quando ela assentiu para a forma de tratamento.

Zuleide não precisou de instruções do filho, segurou o braço de “sua flor” e a guiou para ser lavada e ter os ferimentos cuidados.

Elias só esperou que elas sumissem de suas vistas para desabar no sofá e afundar a cabeça nas mãos.

— Meu Deus, por favor, me mostra o que fazer agora.

6| CASE COM A MOÇA



Zuleide era a pessoa mais gentil que Mariá já tinha conhecido. Ao menos aparentava ser.

Depois de ajudá-la a tomar banho, uma tarefa dolorosa por causa dos machucados, cuidou de cada ferida, trocou o curativo improvisado do braço e usou algumas tiras de tecido para manter o tornozelo imóvel.

— Vai ficar boa logo! — A senhora sorriu depois de limpar o último arranhão.

Mariá sorriu de volta, desejosa de transmitir toda a gratidão que sentia.

— Tu sabe falar, mas não quer fazer isso, né? — A constatação fez Mariá arregalar os olhos. — Parece ter um monte de coisa acumulada nessa cabecinha. — Tocou-a com o dedo. — Teus olhos falam muito.

A moça suspirou e assentiu devagar.

— Não precisa ter medo da gente. Somos de bem, servos de Deus, e só queremos te ajudar.

Mariá desejou muito acreditar que era verdade, porém não conseguia baixar a guarda por inteiro. Zuleide percebeu e deu um sorriso condescendente antes de ficar de pé e pegar os objetos usados para cuidar da moça. Estavam num pequeno quarto, com cama, cômoda e cadeira; uma janela grande iluminava o cômodo.

— Quer dormir um pouco ou comer?

Mariá olhou para a cama onde estava sentada e sentiu que ela lhe chamava. Apontou, numa resposta silenciosa.

— Certo, durma o quanto quiser, pode comer depois.

Zuleide saiu e a moça se permitiu deitar sobre o lençol florido. Por um segundo pensou se seria mesmo uma boa ideia dormir e ficar indefesa na

casa de estranhos, todavia, o extremo cansaço alojado em seu corpo venceu a disputa antes mesmo que ela começasse.

***

— Filho?

Elias abriu os olhos e viu a mãe parada diante da cortina que separava a cozinha da sala. Assim que as duas mulheres saíram de suas vistas, a realidade da situação se derramou sobre ele, que começou a buscar um plano de ação. Ainda tentava achar algum caminho quando a voz de Zuleide o despertou.

— Oi. — Endireitou-se no sofá e observou a mãe sentar-se ao seu lado.

— Ela tá dormindo no meu quarto.

— Que bom. — Esfregou o rosto. — Ela parecia cansada.

— Tu também parece.

— Estava pensando no que fazer.

— E decidiu?

— Não. — Elias afundou no sofá. — Ela pode ficar até se recuperar, mas e depois? Não tem família pra ela voltar, nem conheço ninguém disposto a acolher uma estranha.

— Eu daria abrigo a ela, se tivesse espaço lá em casa. — Zuleide suspirou. — Talvez tenha algum lugar por perto contratando.

— Não sei, não confio em deixar ela por aí. Eu… eu me sinto responsável.

Zuleide tombou a cabeça para o lado e abriu um sorriso incrédulo.

— Se apaixonou, Elias?

— O quê? — rebateu alarmado. — Eu nem conheço a moça.

— Ela é bonita.

— E?

— Também acha? — Beliscou na altura das costelas dele.

— Mainha, pelo amor de Deus! — Elias levantou-se, o rosto carrancudo. — Eu só tenho medo de alguém machucar ela, não quer dizer que vamos casar.

— É uma opção.

O homem a encarou, pasmo.

— Olha — Zuleide ergueu as mãos —, não pode manter uma mulher na tua casa se não for empregada.

— Não quero que ela pense que a comprei pra trabalhar aqui.

— Eu não vou ficar aqui pra sempre, lembra? Meu Gil chega logo de viagem e quero só ver como tu vai esconder dos vizinhos o fato de estar morando com uma moça. Quando pensar que não, Isabel e Bento já abriram o bico e contaram pra metade da cidade.

— Quer que eu case com ela? — Soltou um riso desacreditado.

— Sempre digo que não gosto de te ver sozinho, se virando em dois pra cuidar da casa, do trabalho e das crianças. E se essa moça apareceu pra te fazer companhia?

— Cuido muito bem dos meus filhos e da casa, não preciso de mulher nenhuma aqui.

— Ah, é? Então vou arrumar minhas coisas e ir embora! Pode se virar sozinho quando os dois estiverem doentes e tu ficar desesperado, sem saber o que fazer.

Zuleide virou as costas soltando resmungos e pronta para cumprir sua palavra. Contudo, Elias a segurou e puxou-a para um abraço cheio de arrependimento.

— Desculpa. — Ele a apertou. — Eu fui idiota.

— Foi — murmurou contra o peito dele.

— Disse aquilo da boca pra fora. Preciso da senhora, não sei como daria conta de duas crianças sem tua ajuda.

— Tudo bem. — Ela se afastou. — Mas pense no que eu disse.

— Mainha, não pode me pedir pra casar com uma desconhecida. Ela precisa atender alguns critérios.

— Ah, *doutor*, tudo bem, vamos esperar pra ver se ela atende os “critérios”.

Elias conteve um revirar de olhos e ficou feliz por aquela conversa ser interrompida pela chegada de duas crianças suadas e de pés sujos de terra.

— Não entrem! — Zuleide correu até eles, mas já era tarde demais. — Ô, meu Jesus!

— Eu limpo depois — Elias prometeu e se abaixou para ficar na altura dos filhos. — Estavam brincando de quê?

— Pega-pega! — Bento respondeu. Tinha cinco anos e um sorriso sapeca de dentinhos tortos.

— Com o Pedrinho. — Isabel apontou na direção da casa do amigo. Era apenas um ano mais nova que o irmão e a parte menos caótica da dupla.

— Vamos lavar as mãos e esses pés antes de comer?

— Sim! — responderam juntos.

— Não vai contar a novidade, Elias? — Zuleide ergueu as sobrancelhas.

— Novidade? — A palavra despertou a curiosidade de ambos.

— Sim… — Elias respirou fundo, sabendo que, depois dali, o que fez não teria mais volta. — O papai trouxe uma… *amiga* pra ficar aqui com a gente.

— Criança? — Bento abriu um sorriso amplo.

— Não, ela é grande.

— Ah. — Murchou.

— Cadê ela? — Isabel olhou ao redor.

— Tá dormindo. Foi uma manhã longa pra ela, nossa amiga passou por um bocado de coisas assustadoras hoje e precisa receber muito carinho. Conseguem ajudar nisso?

As cabecinhas cacheadas assentiram.

— A gente brinca com ela, papai. — Isabel ofereceu. — Deixo ela ficar com a Maricota.

Elias sorriu ao escutar isso, oferecer a boneca favorita era um grande ato de abnegação.

— Muito bem! Mas precisam prometer que não vão contar sobre ela pra ninguém até o papai deixar, combinado?

— Sim, senhor.

O homem soltou um suspiro aliviado e ergueu o olhar para a mãe, que tinha a expressão de quem diz “duvido!”. Ele ignorou e levou as crianças para se lavarem. Depois, os quatro se reuniram para o almoço e, assim que terminaram de comer, os irmãos foram brincar na varanda, enquanto mãe e filho arrumavam a cozinha.

Apesar das manias da mãe – lê-se: a incapacidade de ficar mais de cinco minutos em silêncio –, Elias gostava de não precisar fazer tarefas enfadonhas sozinho. Na verdade, se realmente fosse sincero consigo mesmo, admitiria sentir falta de uma presença feminina na casa. Os filhos dependiam dele para tudo e demandavam um grande desgaste, tanto físico quanto emocional. Talvez dividir isso com uma companheira não fosse de todo mal.

Pegou-se imaginando se a mãe poderia estar parcialmente certa, se a moça dormindo ali perto fora colocada no seu caminho por um motivo especial. Se ele também cruzou o caminho dela por uma razão além de impedir seu destino trágico. Se havia uma possibilidade de transformar tanto

mal em algo bom.

Ficou tentando espantar esses pensamentos durante o resto da tarde, fosse enquanto brincava com os filhos ou quando cuidava da horta e dos poucos animais que possuía.

— Por isso mainha não pode ficar aqui por tanto tempo — resmungou consigo, sentando num banco debaixo do pé de seriguela para aproveitar o sol frio do fim de tarde —, ela coloca um monte de besteira na minha cabeça como se não fosse nada.

Elias permaneceu sentado ali até o pôr-do-sol. Adorava aquela hora do dia e normalmente desfrutava dela com as vozes e risadas dos filhos de fundo; não se importava, mas o silêncio presente e a possibilidade de fechar os olhos para estar em oração foram um deleite.

Falar com Deus e externar suas dúvidas, medos e reflexões se tornou um hábito muito cedo em sua vida. Nunca passava um dia sem orar, estava intrínseco à sua rotina e parecia haver algo faltando se negligenciasse essa parte.

Naquele entardecer em questão, Elias falou sobre a moça que resgatou, o receio acerca do futuro dela e de sua presença tão perto das crianças, até mencionou a sugestão insensata da mãe. Por fim, tornou a pedir uma direção ao Senhor, pois acreditava que, se foi obra divina ele estar na feira justo naquele dia e horário, Deus também providenciaria um rumo para seguir.

Sentia-se mais leve quando levantou e entrou em casa.

Contudo, seus batimentos se agitaram ao chegar na sala e ver a visitante bem desperta, sentada no sofá e fazendo tranças no cabelo de Isabel, que brincava distraída com sua boneca.

A cena era estranha, mas ao mesmo tempo parecia tão… *adequada.*

Mil coisas passaram por sua cabeça enquanto olhava para a moça, todavia, disse a mais tola possível.

7| CICATRIZES NO CORAÇÃO



— Onde achou esse vestido?

Mariá ergueu a cabeça e paralisou, com as mechas do cabelo de Isabel entre os dedos.

Havia decidido que gostava das duas crianças assim que Zuleide as apresentou. O menino era curioso, porém educado de um jeito adorável, já a menina nem hesitou em oferecer sua boneca, prometendo ser capaz de curar todos os “dodóis”; depois, pediu para Mariá fazer tranças no seu cabelo. A mais velha sequer pensou duas vezes em atender o pedido.

Mas diante da expressão indecifrável de Elias ao vê-las, temeu ter cometido um erro.

— Eu dei pra ela, filho. — Zuleide apareceu com Bento, vindo da cozinha. — Ficou um pouco folgado, mas quase não dá pra reparar.

Mariá olhou para a peça em seu corpo. Tinha adorado o vestido, ia até os joelhos e era rosa, com um bordado de fitas no decote.

— Tem algum problema? — a senhora perguntou, cautelosa. — Não pensei que ia ficar chateado.

— Não tô chateado, de jeito nenhum. — Ele limpou a garganta e parou de encarar Mariá. — A Sandra nunca foi de ter apego à roupa, só fiquei surpreso de ver alguém usando esse vestido de novo. Ela gostava dele.

— Sim, gostava. — Zuleide deu um sorriso saudoso.

— Ficou bom nela. — Elias tornou a olhar para Mariá e ela ficou em dúvida do que lia nas suas íris bicolores. Não parecia raiva, como pensou antes. — Parece que achou uma nova amiga, Bebê.

— Sim! — Isabel inclinou a cabeça para dar um sorriso à Mariá e

ganhou outro de volta. — Vamos brincar de boneca depois do café.

— Café. — Elias assentiu. — É isso que me falta! Vou fazer.

O homem soltou um suspiro profundo e sumiu atrás da cortina. Sua mãe deu um risinho e foi sentar no sofá com o neto.

Mariá observava a cena intrigada, mas logo foi puxada de volta para sua tarefa por uma menina tagarela requerendo atenção.

Diferente da noite anterior, a moça desfrutou de horas tranquilas. Tomou um café reforçado – Zuleide fez questão de que ela comesse bastante para recobrar as forças –, brincou com as crianças e escutou as histórias da juventude que a senhora contava aos netos, percebendo como ela sempre mencionava o Senhor.

Sua mente puxou as memórias do encontro com Chica. Ela dissera ser possível ter uma vida linda ali na roça, sem modernidades ou luxos. Vendo aquela família, Mariá soube que a amiga falou a verdade. Naquele lar parecia mesmo haver alegria, carinho e fé, diferente da casa onde cresceu.

Cansou de receber tantas palavras ásperas e agressivas durante seus dezenove anos, de esperar um afago e ganhar desprezo. Fez muitas orações desesperadas pedindo um lar marcado pela fé, pois sentia-se sozinha na busca por ser como Jesus.

Mesmo assim, acreditou por bastante tempo que o comportamento dos pais era apenas fruto do lar onde eles mesmos cresceram, no qual demonstrar amor não era comum, por isso tentava encontrar carinho em camadas mais profundas. Entretanto, estar na casa de Elias e sua família era a prova de seu engano. Célia e Antônio não a amavam nem numa parte funda e distante de seu coração, pois a venderam em troca de paz com um homem repugnante como Luiz.

O coração de Mariá doía e ficou aliviada quando todos começaram a se preparar para dormir.

— Dorme com as crianças, mainha, eu fico aqui. — Elias apareceu com travesseiro e lençol na sala.

Mariá arregalou os olhos, percebendo que o quarto onde ficara era de Zuleide e que ele dormiria ali por causa dela. Agitou as mãos e a cabeça para demonstrar seu descontentamento.

— Tudo bem, já dormi no sofá várias vezes. — Elias se deitou. Não era muito alto, sendo assim, cabia bem no móvel.

— E não me importo de ficar com meus netos. — Zuleide sorriu. — Vá descansar, minha flor.

Mariá mordeu o lábio e hesitou.

— Melhor ir logo — Elias disse —, amanhã vamos ao culto e temos que acordar cedo.

Ao ouvir isso, o semblante da moça mudou para expectativa.

— Gosta de ir à igreja? — Zuleide ergueu as sobrancelhas e ela assentiu. — Maravilha, a gente também! Então vá deitar pra todo mundo acordar disposto e irmos louvar ao Senhor.

Diante dessa nova informação, Mariá perdeu a vontade de relutar e foi para o quarto, onde se acomodou. Ficou escutando a movimentação dos outros até tudo recair no silêncio.

Pensou que dormiria rápido, porém depois de virar de um lado para o outro dezenas de vezes, sentou-se na cama e abriu um pouco a janela. Milhares de estrelas se projetavam no céu azul profundo e a brisa fresca era muitíssimo convidativa.

Mancando, caminhou até a porta e deu uma espiada. Dali conseguia ver Elias deitado de barriga para cima, o braço cobrindo os olhos.

Saiu devagarzinho e cruzou a sala na ponta dos pés, estava quase alcançando o corredor quando escutou uma voz atrás de si.

— Aonde vai? — Ela virou-se devagar e encontrou Elias ainda deitado, mas com os olhos nela. — Se quer ir embora, é só falar. Não precisa fugir, ainda mais uma hora dessas. Te levo onde quiser de dia.

Assustada com o julgamento apressado, sacudiu a cabeça em negação.

— Não ia fugir?

Tornou a negar e foi até a janela da sala, abriu e mostrou o céu, depois abanou o rosto.

— Quer ver as estrelas e aproveitar a fresca?

Ela concordou com um pequeno sorriso.

— Desculpa, pensei que ia fugir de novo. — Ele desviou o olhar por um segundo. — Quer companhia?

Mariá estava pronta para recusar, contudo percebeu ser uma ótima oportunidade para conhecer melhor o homem que a salvou, então assentiu.

Os dois saíram para a varanda, sentaram-se nos degraus e ficaram observando em silêncio a lua cheia iluminar o quintal. Mariá esticou as pernas e soltou um gemido ao sentir a dor no tornozelo, o puxando rápido para a posição anterior.

— Cuidado. — Elias se inclinou em direção a ela. — Ainda dói muito?

Ela assentiu e tentou achar uma posição boa para ficar, uma vez que todas pareciam desconfortáveis.

— Um segundo — Elias pediu e ficou de pé, depois foi até um banquinho de madeira ali na varanda, o pegou e voltou para onde ela estava. — Posso…? — Ele fez menção de tocá-la.

Mariá desconfiou, porém permitiu, pronta para chutá-lo caso tentasse algo.

Contudo, não foi necessário. Elias abaixou-se e com delicadeza levantou um pouco as pernas dela e as apoiou no banco, mantendo os tornozelos livres de contato.

— Pronto, sem dor. — Sorriu para a moça e ela retribuiu devagar. — Queria conversar com tu.

A declaração a pegou desprevenida.

— Queria saber o que te deixou tão triste a ponto de não querer falar. Te machucaram? — As sobrancelhas dele se uniram. — Se me contar, eu prometo te manter longe de quem fez isso.

Ele quer me defender?

A possibilidade fez o coração dela disparar. Lembrou-se na mesma hora do pai e de como ele não levou em conta suas palavras. Como um estranho poderia estar disposto a fazer isso?

— Sei que é difícil confiar num homem que acabou de conhecer, no teu lugar eu faria igual. Mas depois de ver minha família, será que não consegue me dar um voto de confiança?

Mariá mordeu o lábio e abaixou a cabeça. Uma parte grande dela desejava aquilo, mas a outra temia cometer um erro.

Olhou para dentro da casa de Elias e viu um quadro grande na parede com o Salmo 23, lembrou dos filhos dele e de sua mãe. Não poderia estar fingindo ser um homem honrado, poderia? Ele sequer sabia que ela estaria na feira, a encontrou e salvou por acaso.

— Tudo bem se não…

— Mariá. — A voz dela saiu num sussurro.

— O quê? — Elias se inclinou um pouco para frente, com feições de quem estava ansioso por ouvi-la.

— Meu nome é Mariá.

Pela primeira vez, ela viu o sorriso dele tomar todo o rosto.

— É um prazer te conhecer, Mariá. E que beleza de nome! Combina com tu.

Um riso tímido saiu dela.

— Obrigada, *Elias.*

— Finalmente ouvindo tua voz. Agora vai me contar o que houve?

— Só se me contar alguma coisa primeiro.

— Tudo bem. — Encolheu os ombros. — O que tu quer saber?

Ela pensou um pouco e então apontou para o rosto dele.

— Como ganhou essa cicatriz?

— Isso? — Um suspiro triste se seguiu. — Sofri um acidente de carro com minha irmã, meu cunhado e as crianças. Eles vinham me trazer depois de eu passar uns dias na casa deles em Salvador e um cavalo apareceu de repente.

Ele parou de falar e Mariá quase pediu para esquecer a pergunta.

— Os dois estavam na frente e morreram, já eu e meus sobrinhos vínhamos atrás e sobrevivemos, apesar dos machucados. Como o carro caiu num barranco cheio de árvores, um galho atravessou a janela e rasgou meu rosto. Foi assim que consegui os filhos e a cicatriz, e também que perdi boa parte da visão de um olho. — Ergueu os lábios, mas seus olhos estavam enevoados.

— Me perdoa, eu não devia…

— Fica sossegada que tô acostumado. Já contei essa história várias vezes nesses três anos.

Mariá precisou de alguns segundos para assimilar as informações. Por fim, se compadeceu do homem, imaginando quanta dor devia ter sentido, mais no coração do que no corpo.

— Eu vou te contar como fui parar lá na feira. — Ela suspirou e reuniu coragem. — Primeiro, não moro aqui em Riachinho, sou de Morro Santo e fui trazida pra cá pelo meu… pelo meu…

— Seu pai? — Elias a ajudou.

— Ele. Tudo aconteceu por causa de uma dívida.

— Ele devia pra algum bandido?

— Eu devia. — Mariá enxugou uma lágrima. — Tem um amigo do meu pai que sempre me olhou de um jeito nojento. Na frente das pessoas ele é um santo, mas eu sabia que ele não prestava. Ontem de tarde, mainha me mandou ir levar farinha na casa do sujeito e lá acabei encontrando a irmã dele, minha amiga que mora na capital. Nossa conversa me fez perder a hora e esse amigo do meu pai, o Luiz, a convenceu de que ele deveria me levar pra casa.

A moça parou e abaixou a cabeça, respirando fundo para conter as lágrimas.

— Minha amiga foi embora com o marido e fiquei sozinha com o Luiz, aí ele… ele tentou me fazer mal. Quando me agarrou, eu disse umas verdades praquela praga! Ele não gostou, aí me empurrou e feri o braço. Depois, fui arrastada em direção ao quarto dele. — Mariá olhou para Elias e se surpreendeu ao ver o ódio explícito no rosto do homem. — Lembro de pedir socorro a Deus e aí ver um vaso perto da gente. Eu dei uma cotovelada no Luiz, peguei o vaso, quebrei na cabeça dele e fugi. Mais tarde, ele apareceu na casa do meu pai e cobrou pelo vaso, porque era muito caro. Disse que tinha duas opções pra quitar a dívida: me dar como mulher dele ou pagar o valor. No outro dia, meu pai me perguntou se eu preferia ir com ele ou ser vendida pra outro e usarem o dinheiro pra pagar a dívida. Eu prefiro morrer a ser mulher do Luiz, então meu pai me trouxe pra cá. Já tava pronta pra sofrer até a morte, quando tu apareceu.

— Mariá… — Elias comprimiu os lábios, seus olhos cheios de emoção. — Eu sinto muito! Que ele nunca cruze o meu caminho, porque, se isso acontecer, eu não vou deixar ele sair impune. Onde já se viu? Esse desgraçado deveria estar preso!

— Fala baixo! — Mariá agitou as mãos. — As crianças.

Elias respirou fundo para se acalmar.

— Me conta onde ele mora e eu resolvo isso.

— Não, o Luiz não é boa gente. Pode te machucar.

— Tudo bem, mas ele nunca mais vai te tocar, nunca mais. Confie em mim, vou te proteger e… — Ele parou de súbito. — Desculpa, não quero ser intrometido. Nem sei se quer minha ajuda. Tu quer ficar aqui?

A proposta provocou um misto de esperança e incerteza.

— Ainda não sei. — Foi sua resposta.

— Não tem problema, vamos esperar teu pé sarar e resolvemos isso. — Elias deu um sorriso tranquilo e conseguiu passar segurança para a moça. — Mas não tenha medo, pode ficar aqui o quanto quiser.

Mariá assentiu e, hesitante, estendeu a mão e apertou o braço dele.

— Obrigada, Elias, por tudo.

— Sabendo da tua história, fico ainda mais grato a Deus por ter me levado no lugar e hora certa. Tenho certeza que é obra d’Ele isso tudo. Ele cruzou nossos caminhos.

Ele me viu?

A percepção dos fatos por aquele ângulo fez uma nova luz brilhar sobre Mariá. Talvez não estivesse mesmo à deriva como tantas e tantas vezes pensou.

8| NUM LAR DE VERDADE



A primeira semana na casa de Elias passou devagar para Mariá. Não por ter sido um suplício estar ali, mas porque tornou-se um deleite ser gentilmente inserida na rotina daquele lar.

No domingo, não pôde ir à igreja, pois acordou com o tornozelo latejando de dor. Como Elias precisava devolver o dinheiro emprestado por Ulisses, achou por bem levar a mãe e Bento até a igrejinha onde congregavam e, depois de cumprir sua palavra ao amigo, voltar para ficar com a moça acompanhado por Isabel, a fim de evitar qualquer falatório.

Mariá estava esperando não trocar muitas palavras com Elias, pois já havia contado o que ele queria saber na noite anterior, todavia, foi pega de surpresa pelo interesse do homem. A princípio, ficou receosa de se abrir e dar informações sobre ela, mas esse medo caiu por terra ao perceber o igual desejo de conhecê-lo, entendendo assim que ele não estava numa situação muito diferente da sua. Ambos eram estranhos um ao outro, mas de repente precisavam conviver e confiar em quem não conheciam.

Conversaram por bastante tempo, até Zuleide e Bento voltarem.

A senhora e os netos eram os responsáveis por todos os sorrisos de Mariá nas manhãs e tardes que passaram juntos. Enquanto as crianças brincavam na rua, as duas mulheres cuidavam dos afazeres entre conversas animadas. Mariá não podia fazer muito por causa do pé machucado, mas Zuleide a levava consigo para todo canto da casa e fazia questão de não deixá-la solitária.

A moça aproveitou aqueles dias para observar a família. Não pareciam nem de longe perigosos e sua desconfiança foi ruindo pouco a

pouco. Estava em um lar de verdade, em que os membros cuidavam uns dos outros, se importavam, eram carinhosos e felizes.

Quis muito fazer parte daquilo.

— Tá pronta, minha flor? — Zuleide bateu à porta do quarto.

Era domingo outra vez e o tornozelo de Mariá estava quase sarado, permitindo que ela fosse junto com eles para o culto. Mal conseguia pensar em outra coisa, pois temia estar sob os olhares de mais pessoas e o que pensariam a respeito dela e de sua presença naquela casa.

— Tô — respondeu, ajeitando a faixa florida que usava no cabelo.

No dia anterior, Zuleide havia feito tranças twist por todo o cabelo da moça e Mariá adorou o resultado. Há anos não fazia nada diferente no cabelo, acostumada aos comentários desagradáveis do pai que a inibiam de tentar qualquer coisa que não o velho coque apertado. Por isso, ver o cuidado da senhora com suas madeixas aumentou ainda mais seu carinho por ela.

Pegou a velha Bíblia que trouxera com as poucas peças de roupa, colocou o colar de cruz do qual não se desgrudava mais e saiu do quarto.

Elias estava agachado diante dos filhos, ajeitando suas roupas, mas ergueu o olhar ao perceber a presença dela. Seus olhos a percorreram de baixo para cima e o canto dos lábios se ergueu de forma discreta.

Mariá vinha se sentindo desconcertada perto dele, mas não como nos primeiros dias ali. Tinha notado que ele sempre prestava atenção nela, se preocupando e querendo garantir seu bem-estar. Ao chegar do trabalho numa fazenda ali perto, sempre se aproximava dela depois de ser recebido pelos filhos, fazendo perguntas sobre seu dia e se o pé ainda doía.

— É o vestido de novo? — ela perguntou quando ele não desviou o olhar.

Estava usando outro vestido da irmã dele, com a mesma estampa da tiara.

— Não. — Elias sacudiu a cabeça.

— Pensava em como ela tá bonita? — Zuleide cruzou os braços com um sorrisinho provocador, deixando Mariá sem jeito.

— É claro que não. — A moça soltou uma risada nervosa.

— Estava pensando nisso mesmo — Elias a contradisse e ela o encarou surpresa.

— Meu filho tem bom gosto. — Zuleide passou o braço pelos ombros da moça. — Tá mesmo linda, minha flor.

— Que exagero. — Ela riu, abaixando o rosto. — Não é bom a gente

ir logo? Vamos chegar atrasados.

Ela começou a andar em direção à porta, ainda mancando um pouco. Elias se apressou em oferecer seu braço como apoio e os dois partiram juntos para a varanda, seguidos por Zuleide e os irmãos.

— Pode ir na frente, Mariá — a senhora disse ao se aproximarem da carroça.

— Não tem problema, vou com as crianças atrás.

— Eu insisto! — Empurrou-a sutilmente em direção à frente do veículo.

Mariá franziu a testa, mas parou de discutir e sentou-se ao lado de Elias. Quando a avó se acomodou com os netos, a carroça começou a se mover.

O sol já estava forte, mas as árvores pelo caminho produziam sombra e aliviavam a temperatura. Mariá ficou olhando as casas na beira da estrada, identificou um mercadinho e um bar também.

— Tá nervosa? — Elias perguntou.

— Por quê?

— Tuas mãos. — Indicou os dedos agitados no colo dela.

— Ah, um pouco. Não sei o que vão pensar.

— São curiosos, vão fazer perguntas sobre tu.

— É, eu imaginei.

— Mas fica tranquila, vão perguntar pra mim.

— E se fizerem algum fuxico? O povo ama inventar.

— Ama. — Elias fez uma careta. — Mas não é problema nosso.

— E como vai explicar eu estar na tua casa?

— Do mesmo jeito que expliquei às crianças: é uma amiga passando uns dias com a gente.

— E depois? — Ela mordeu a parte interna da bochecha. — Eu escutei que tua mãe vai embora.

Elias não respondeu de imediato.

— Vou dar um jeito — garantiu.

Mariá conteve um suspiro e decidiu acreditar nele.

Seguiram em silêncio até a igreja, uma construção branca que poderia se passar por uma casa se não tivesse a pequena cruz no telhado e o nome pintado acima da porta. O interior era composto por bancos de madeira, um púlpito do mesmo material e alguns vasos de plantas dando um toque de cor.

Elias tocou as costas de Mariá, parada na entrada observando as

pessoas se acomodarem, e a guiou até um dos primeiros bancos, onde a família sentou-se. A jovem podia sentir o olhar das pessoas, mesmo decidindo manter a atenção fixa no homem de camisa social lá na frente.

O pastor Otávio – como Elias cochichou para ela – começou o culto com uma oração, e depois passaram para um período de cânticos. Como não conhecia o primeiro, Mariá prestou atenção na letra, principalmente por estar ao lado de Elias, que cantava de maneira forte e clara.

"Ensina-me a amar, mesmo quando só há ódio ao meu redor.
Ensina-me a dar, mesmo quando não há nada a receber.
Ensina-me a aceitar tudo que tens preparado para mim.
Confiando que tudo está nas Tuas mãos e que tudo vem de Ti, Jesus.
Ensina-me a adorar, mesmo quando há pranto em meu coração.
E também a perdoar, como a mim tens revelado Teu perdão."[1]

A letra penetrou fundo no coração de Mariá e a lembrou de sua atual situação. Pensou nos pais, no quão magoada foi por eles, e se conseguiria perdoá-los. Experimentou o amargor do desprezo em sua própria carne e se encontrava abrigada no lar de desconhecidos, incerta sobre o amanhã. Aceitar o que o Senhor havia preparado para ela era uma tarefa árdua.

Mas, mesmo tão confusa, decidiu fazer como a canção dizia e adorar, apesar do pranto em seu coração. O próximo louvor era conhecido por ela, então fechou os olhos, encheu os pulmões e o cantou com toda sua alma.

Ao fim, abriu os olhos e sorriu, um pouco mais leve. Percebeu que alguém a observava e virou o rosto, encontrando Elias a fitando.

— Gosta dessa música? — ele perguntou baixinho ao se sentarem.

— Uhum. É uma das minhas favoritas! — respondeu no mesmo tom. — Sabe aquela que cantaram antes? Pode me ensinar em casa? Gostei muito.

— Posso, sim.

Ela agradeceu e os dois silenciaram para ouvir a pregação. Mariá gostou muito da forma como Otávio discorria sobre a Palavra, parecia haver um amor genuíno em sua voz, tornando a mensagem ainda mais bela.

Quando o culto terminou, os presentes se movimentaram para a saída do templo e se agruparam debaixo das árvores para conversar. Mariá grudou no braço de Elias de forma inconsciente enquanto se aproximavam de um dos grupos.

— Irmão Elias! — Uma senhora o puxou para um abraço e Mariá percebeu o desconforto do homem. — Quem é essa moça bonita? Tua

namorada?

— O que é namorada, papai? — Bento perguntou.

— Depois eu explico. — O pai pigarreou. — E, não, Dona Neuza, ela não é minha namorada. É só uma amiga que tá passando uns dias lá em casa.

— Ah! — Foi perceptível que nem ela nem as pessoas ao redor acreditaram. Elias olhou de esguelha para Mariá. — E essa *amiga* vai ficar até o aniversário da cidade?

— Talvez.

— Qual o nome dela?

— Mariá — a moça respondeu, forçando um sorriso amigável.

— É casada, minha linda? — Outra mulher se intrometeu.

— Judite… — Elias quase rosnou entredentes.

— Ah, fica quieto, Eli, eu tenho o dever moral de te arranjar uma esposa! São trinta anos de solidão e…

— Tudo bem, foi ótimo ver todos vocês. — Elias acenou. — Bom domingo, até depois.

— Eli! — Judite chamou. O homem a ignorou e virou as costas, levando Mariá consigo.

A moça ainda escutou Zuleide apoiando a mulher antes de ir atrás deles.

— Eu odeio a falta de vergonha da Judite — Elias resmungou, já no caminho para casa.

— Ela é tua amiga? — Mariá indagou.

— Vizinha.

— Não seja amargo — Zuleide repreendeu —, se conhecem desde crianças e ela sempre te ajuda com teus filhos. É ingratidão tratar ela assim.

A expressão carrancuda do homem se dissipou lentamente.

— Tem razão — murmurou. — Mas ela fala demais.

— Ela não mentiu, estamos desesperadas pra te arranjar alguém…

— Tadinho. — Mariá soltou uma risadinha e cobriu a boca ao ser encarada por Elias.

— Até tu? — Revirou os olhos e a moça deu de ombros. — Vamos ser bons cristãos e falar sobre a pregação, o que acham?

As mulheres riram antes de atender ao pedido e ele pôde se ver livre do constrangimento, por ora.

***

— Mariá, vem aqui! — Elias chamou da varanda da casa.

Já era fim de tarde. Depois de um almoço especial, característico dos domingos, Mariá tinha deixado as crianças lhe arrastarem para brincar com os pintinhos, fazer comidas de lama e ajudá-las a colher seriguelas no pé.

No momento, ela ajudava Zuleide a fazer bolo de puba[2] para comerem à noite enquanto as crianças espreitavam para beliscar pedaços de coco. Ao escutar o chamado de Elias, virou-se para a senhora.

— Pode ir. — Zuleide esboçou um meio sorriso.

Mariá lavou as mãos e foi até a varanda, encontrando Elias sentado ao lado do rádio.

— Senta. — Ele deu batidinhas no banco de madeira. — Escrevi a música pra tu aprender.

— Tu sabe escrever? — Ela arregalou os olhos, se acomodando ao seu lado.

— Sei, tu não?

— Mais ou menos. — Entortou a boca. — Sabe o que significa exuberante?

— Algo de beleza grande. Por quê?

— Uma amiga me disse que sou isso. Como uma flor de maracujá.

Elias umedeceu os lábios, balançando a cabeça em afirmação.

— Faz sentido.

— Faz? — Ergueu as sobrancelhas.

— É… sim. — Ele coçou a barba. — Mas tu dizia que não lê muito bem. Não estuda faz tempo?

— Sim. Meu pai achava besteira, parei na quarta série.

— O meu me obrigou a concluir pelo menos o Fundamental. Ele queria muito que eu terminasse tudo, mas o trabalho me forçou a parar.

— Deixa eu ver se consigo ler. — Ela pegou a folha da mão dele. — Tua letra não é um garrancho, ajuda.

— Ei! — Elias riu e Mariá o fitou, gostando do som. — Pensou que minha letra seria um garrancho?

— Não disse nada disso. — Revirou os olhos e ganhou um sorriso. — O que foi?

— Nada. — Ele se inclinou para frente e apoiou os braços nas pernas. — E então? Consegue ler?

— Acho que sim, tem muitas palavras fáceis.

— Espera um pouco e pode acompanhar com a música.

— Como ass…

Ela não precisou de explicações quando a música começou a tocar no rádio. Limpou a garganta e ergueu a letra diante de si. Sua voz começou hesitante a acompanhar a da cantora, se atrapalhando em algumas palavras; aos poucos, pegou o ritmo e memorizou as frases.

Ao término, soltou um suspiro trêmulo pela emoção.

— Essa é tua oração? — Elias quis saber.

— Sim. Preciso que Deus me ensine tudo isso, porque meu coração dói muito quando penso nos meus pais e no que fizeram. Minha vida já era difícil e agora isso! Eu não entendo o que Deus tá fazendo, por que tanta coisa ruim acontece comigo?

— Entendo tua dor e esses questionamentos são naturais à gente, como humanos. Pensei em tudo isso depois do acidente e não encontrei razões, só uma verdade: Deus me vê e eu não saí da visão d'Ele naquele momento horrível e nos meses escuros em frente. Então, podia confiar no cuidado do Senhor em qualquer fase da minha vida.

— Ele ainda me vê? — A pergunta saiu num sussurro. — Confesso ter pensado que não várias vezes de um tempo pra cá.

— Ele vê, garanto. Se Deus prometeu alguma coisa, pode confiar. — Elias deu um sorriso torto. — Lembra de Agar?

— Lembro.

— Ela foi abandonada no deserto ao "Deus-dará", mas mal sabiam que Ele iria mesmo prover praquela escrava. Depois de experimentar o socorro do Senhor, ela lhe deu o nome de "El-roi", o "Deus que me vê".

— Quem te ensinou essa palavra? — Mariá tinha os olhos brilhantes de admiração.

— O Otávio. Ele me ajudou muito quando eu tava no fundo do poço. Foi nesse tempo que aprendi quem Deus é, e esse nome me confortou muito. A certeza de ser visto pelo Senhor diminuiu minha dor.

— El-roi — ela repetiu, saboreando a palavra e se agarrando ao significado. — Gosto de Emanuel também.

— É uma combinação poderosa. Saber que Deus te vê e tá contigo. — Elias endireitou o corpo e se virou um pouco para ela. — Guarda isso no teu coração, vai ajudar a enfrentar essa fase difícil.

— Tá certo. — Mariá suspirou, apertando o pingente que repousava perto de seu coração. — Quero deixar a mágoa pra trás, esquecer os dias doloridos e viver feliz com Deus. Quero confiar mesmo com o coração

ferido.

— Deus vai te ajudar. — Ele tocou o ombro dela com carinho. — E pode contar comigo também.

Ela assentiu, os olhos marejados.

— Sabe, eu estava com medo, mas não tô mais. — Deu um sorriso ansioso. — Ainda posso ficar aqui?

Elias piscou algumas vezes e ela temeu que tivesse mudado de ideia.

— Pode, pode ficar. — Acenou com a cabeça. — Vou resolver isso.

— Obrigada! — Mariá abriu um sorriso largo. — Tudo que eu mais quero é seguir em frente, Elias, e vejo que Deus te mandou pra me salvar daquele destino horrível e me mostrar a fidelidade d'Ele. Obrigada, obrigada e obrigada.

A moça viu as íris do homem ganharem um brilho diferente e ficou feliz ao pensar que ele apreciou as palavras de gratidão.

9| BENDITO CARROSSEL



O aniversário de Riachinho sempre foi um evento aguardado pela população, pois a ocasião proporcionava momentos divertidos para o povo simples que morava ali. Podiam esquecer das labutas diárias e rir com os amigos, ver os filhos desfrutando dos brinquedos e assistir às atrações.

Os olhos de Mariá reluziram sob as luzes e bandeirinhas coloridas, e não sabia em qual som prestar atenção primeiro: os risos, a música tocada por um grupo no coreto, ou Isabel e Bento comentando em qual brinquedo queriam ir e quais jogos pretendiam jogar.

— Gostou, minha flor? — Zuleide perguntou.

— Muito! Nunca vi uma festa tão bonita.

— Espero que aproveite bastante. — Elias sorriu para ela.

— É meu plano, aproveitar tudo que puder!

— E fugir dos conhecidos, se possível. — Ele fez uma careta ao ver a mesma irmãzinha curiosa de domingo.

— Ela já nos viu — Mariá cochichou entredentes, forçando um sorriso para a senhora.

— Tu veio! — Ela abraçou a moça, sem cerimônias. — Tô amando essa visita ao nosso Elias.

— Eu também tô lá, Neuza. — Zuleide acenou.

— Ah, mas é claro! Imagina esses dois jovens bonitos juntos na mesma casa, sem supervisão? — Estalou a língua enquanto balançava a cabeça, e Mariá se encolheu no lugar.

— Como o irmão Flávio tá? — Elias perguntou de súbito. — Melhorou da coluna?

A pergunta foi certeira e a mulher levou quase dez minutos contando do estado de saúde de seu amado marido. Elias e Zuleide dedicaram toda

atenção possível e assim que a primeira brecha surgiu, se apressaram em escapar, antes que ela se lembrasse do assunto anterior.

— Precisa de muitas artimanhas pra se livrar dos curiosos? — Mariá achou graça.

— Ah, tu não faz ideia! — Zuleide soltou o ar.

— Como se a senhora não fosse um deles — Elias provocou e ganhou um tapa.

— Eu tenho limites!

Ele fez uma careta, transmitindo um "nem tanto", e para fugir dos beliscões da mãe mudou de lugar com Mariá, que ria discretamente.

Isabel e Bento puxaram os adultos para as barracas de jogos primeiro e eles ficaram sentados num banco observando-os brincar junto com outras crianças. Não demorou para mais conhecidos se aproximarem e Mariá lançou um olhar de esguelha para Elias, que fazia o mesmo.

— Não precisam se olhar assim! — Judite abriu a boca em choque e a moça abaixou a cabeça, envergonhada. — Tá bom, eu sei que fui…

— Inconveniente? — Elias deu um sorrisinho.

— Talvez. — Balançou o ombro. — Mas não vou ser de novo, tá?

— Eu conversei com ela, Eli. — O marido de Judite ergueu as sobrancelhas, tomando assento ao lado de Zuleide e deixando o filho livre para ver os amigos.

— Ah, agora tá explicado. — Elias cruzou os braços.

— Ai, vocês são chatos pra dedéu! Tento fazer o bem e sou condenada.

— Olha…

— Tá, tá. — Agitou a mão para o vizinho se calar e sentou-se ao lado de Mariá. — Sei que o Elias já me apresentou de um jeito nada justo, então vamos começar de novo. Oi, sou a Judite.

Mariá deu um sorriso suave e apertou a mão da moça.

— Ele falou o que de mim, hein?

— Nada de mais. — Mariá sacudiu a cabeça. — Mas eu queria mesmo te conhecer. Parece ser boa gente.

— Ah! — Judite alargou um sorriso. — Tu tem bom gosto! Já estava pensando que era igual a um sujeito aí…

Elias revirou os olhos e soltou um riso anasalado diante da fala sugestiva.

Judite capturou a atenção da moça para si e Elias dividiu a sua entre

participar da conversa com a mãe e Estevão, marido de sua vizinha, e acompanhar a interação das duas. Queria ter certeza de que a amiga não colocaria Mariá em nenhuma situação desconfortável.

Algum tempo depois, o trio de crianças veio correndo até eles.

— A gente pode comer algodão-doce? — Pedro, filho de Judite e Estevão, perguntou, indicando o moço com vários sacos ali perto.

Os pais concordaram e foram comprar os doces com eles, que voltaram saltitantes para sentar e se deliciar.

— Quer, Mariá? — Isabel estendeu sua nuvem cor-de-rosa.

— Obrigada, pequena. — A moça tirou um pedacinho e levou à boca. — Delícia, tem gosto de morango.

— Tem gosto de rosa — a menina corrigiu.

— Hum, é verdade! Agora senti melhor.

— Experimenta o meu. — Bento deu um pedaço e ela comeu.

— Gosto de… azul?

— Sim!

— Agora o meu. — Pedro também estendeu seu algodão-doce para ela e Mariá fingiu degustar com bastante atenção. — Que sabor tu sentiu?

— Misturou tudo na minha boca agora. Acho que os do Bento e da Isabel viraram lilás e agora com o teu e esse gostinho de amarelo… hum, que difícil! Acho que vocês deviam misturar pra descobrir.

Os olhinhos das crianças se arregalaram em animação e cada um pegou um pedaço do algodão-doce do outro e comeu junto do seu.

— É um arco-íris! — Isabel opinou e os meninos concordaram. — Vamos de novo.

Com um sorriso no canto da boca, Elias observava a moça instaurar a nova brincadeira, e Mariá acabou pegando-o no flagra.

— O que foi? — ela perguntou.

— É boa com crianças.

— Elas são especiais. — Encolheu os ombros. — As cabecinhas delas conseguem criar tanta coisa diferente. Acho isso divertido.

Elias assentiu e desviou a atenção para o trio. Quando eles acabaram de comer, voltaram para suas brincadeiras.

— Olha! Que bonitinho. — Judite apontou para uma barraca na área dos artesãos. O evento era uma oportunidade de ouro para eles exporem suas peças e ganharem um dinheiro.

— São bonecas de pano — Mariá constatou de íris brilhantes.

— Quer ver? — Elias chamou, já se colocando de pé.

— Eu quero.

— Podem dar uma volta depois — Zuleide incentivou —, eu fico de olho nos meus netos.

— Eu ajudo a ficar de olho, podem demorar. — Judite tentou soar neutra, mas seu rosto entregava o que estava pensando.

— Obrigado. — Elias ignorou isso, sorriu para elas e chamou Mariá com um gesto de cabeça.

O homem manteve o sorriso no rosto enquanto via a moça se encantar com as bonecas e deixar as artesãs nas nuvens com seus elogios entusiasmados. Eles passearam por todas as barracas de artesanato e Mariá não diminuía a alegria em nenhum momento.

— Olha, Elias. — Ela colocou um brinco de penas na altura da orelha. — O que acha?

— É bonito. — Ele assentiu com a cabeça.

Passaram para uma barraca de bonecas e vasos de barro, e Mariá inclinou o tronco para admirar os detalhes de perto.

— Queria ter um talento — ela comentou quando voltaram a caminhar. — Sou tão simplezinha que nem isso veio em mim.

— Artesanato não é o único tipo de talento — Elias opinou.

— Também não sei cantar, nem tocar, nem fazer nada diferente.

— Mas sabe ser gentil, e esse é um talento raro hoje em dia.

Mariá o encarou com os lábios entreabertos e devagar eles foram tomados por um sorriso delicado.

— Se tu diz… — Soltou uma risadinha e virou o rosto para os músicos no coreto.

Elias respirou fundo, sentindo uma coisa diferente se esparramar dentro dele. Exatamente a mesma sensação de quando a escutou lhe agradecer por tê-la salvado. Não foi sua gratidão quem causou aquilo, e sim a ciência de ter feito bem a ela depois de tanto sofrimento.

— Tá com fome? — ele perguntou.

— Um pouco.

— Quer pipoca? — Apontou para o carrinho à frente e ela assentiu.

— Gosta de doce ou salgada?

— Doce.

— Eu também! — Ela deu um sorriso amplo e ele retribuiu.

Compraram um saquinho de pipoca e sentaram-se para ver a banda

tocar, mas não prestaram muita atenção na música, preferindo conversar entre si. Compartilharam suas experiências de infância em eventos como aquele e Elias descobriu que tinha desfrutado bem mais que ela. Apesar de ambos terem tido uma vida simples até ali, percebeu a dádiva de crescer em um lar amoroso e com pais que faziam de tudo para criar boas memórias.

— Vamos no carrossel? — Mariá sugeriu depois de jogarem o saco de papel numa lixeira perto do brinquedo. — Cadê as crianças?

Ela ficou na ponta dos pés para procurá-los em meio à multidão.

— Elas não gostam muito de cavalos. — Elias colocou as mãos nos bolsos.

— Entendo… e tu?

— Não tenho nada contra eles.

— Então vamos nós dois!

— O quê? — Ergueu as sobrancelhas. — Nós dois? Nisso aí?

Mariá olhou para o brinquedo, que era uma explosão convidativa de cores e brilho.

— Qual o problema?

— É pra crianças.

— E…?

— A gente é adulto. As pessoas tão vendo e vão ficar comentando.

— E tu deve alguma coisa a esse povo? — Ela olhou ao redor, fazendo pouco caso.

— Nem parece a moça que ficou com medo das fofocas dos irmãos da igreja. — Estreitou os olhos.

— Porque não queria explicar sobre tudo que passei, nem que a gente ficasse mal falado. Esse tipo de fofoca me deixa nervosa, mas ser vista brincando não.

— Mesmo? A cidade toda tá aqui.

— Não tô matando nem roubando. — Balançou os ombros e Elias deu um sorriso torto. — Sabe de uma coisa? As crianças são mais felizes que a gente porque não ligam pra essa besteira de “ter gente olhando” enquanto elas vivem, riem, brincam. Usam a roupa que querem, vão em brinquedos, se lambuzam com maçã do amor e nem *tchum* pra ninguém.

Elias não conseguiu conter o riso com o discurso acalorado.

— Tá mesmo determinada a se divertir hoje.

— Eu disse que queria ser feliz. — Deu um sorriso fraco. — Tô tentando.

Essa fala e o tom melancólico dela foram o suficiente para Elias pagar ao homem responsável pelo brinquedo e ajudá-la a subir em um dos cavalos.

— Nunca fui num desses! — Mariá disse numa voz aguda.

— É um prazer te fazer companhia na tua primeira vez passeando em um cavalo falso — Elias brincou e ela empurrou seu ombro de leve.

Conhecer aquele lado descontraído dela foi encantador para o homem, e quando o carrossel começou a girar e a música melódica passou a ser tocada, ele se permitiu observá-la enquanto estava de olhos fechados, a cabeça inclinada para trás, sorrindo como uma menina. Livre, de coração leve, sem prender-se às marcas do pesadelo que a levara até aquela cidade.

Elias agradeceu em seu interior por ter deixado sua vergonha de lado e assim poder proporcionar aquele momento para Mariá. Mais, agradeceu por estar ali com ela.

10| FLOR DE MARACUJÁ



Elias não se considerava um homem romântico. Havia namorado uma única vez e nunca fez declarações e gestos significativos, o que suspeitava ser parte do motivo de não ter dado certo.

Mas, se queria mostrar à Mariá como desejava tê-la ali, precisava se esforçar.

Pensando nisso, ao chegar do trabalho, se esgueirou para os fundos da casa e colheu as flores mais apropriadas para dar real peso ao ramalhete: as de maracujá. Sua mãe teria um ataque pensando nos frutos perdidos, mas nada que não pudesse superar.

Ao se aproximar da janela, conseguiu escutar as risadas de Isabel e Bento mesclando-se às de Mariá e Zuleide. Seu coração se expandia só de imaginar os quatro felizes. Caminhou devagar para não fazer barulho e chegou à janela, onde presenciou Bento dançando com a irmã; ele usava uma de suas camisas e a menina, uma blusa de Mariá, grandes demais para eles. Pelas roupas amontoadas no sofá, as dobravam antes do show ter início.

Apoiado na janela, Elias se permitiu admirá-los secretamente. Um sorriso bobo dançava por seus lábios quando foi flagrado por Mariá, ela sorriu também e sustentou seus olhos junto aos dele. O homem não conseguiu desviar, preso no brilho das íris quase pretas. Quando a conheceu, eram apenas poços secos e sem vida; agora, as via acender como fogo.

“Meu amor, juro por Deus
Que a luz dos olhos meus
Já não pode esperar
Quero a luz dos olhos meus
Na luz dos olhos teus

Sem mais lá-rá-rá-rá” [3]

Elias inclinou a cabeça ao escutar a estrofe e a moça umedeceu os lábios e abaixou o rosto antes de voltar-se para Isabel e Bento.

Assim que a música parou de tocar, as crianças notaram o pai e correram até ele.

— Cadê as roupas de vocês? — Ele manteve as flores escondidas atrás das costas.

— Depois de pegar as roupas, a gente queria uma brincadeira divertida — Bento explicou, enquanto a irmã puxava o pai para a sala.

— Ah, e as adultas deixaram, né? — brincou, estreitando os olhos para as mulheres.

— Ficaram lindos! — Zuleide riu.

— Como foi teu dia? — Mariá perguntou, pegando uma peça da pilha para dobrar.

Elias sorriu. Já estava acostumado a escutar aquilo todos os dias.

— Foi bom, e o de vocês?

— Muito bom, até fomos na casa da Judite. Ela é divertida.

— Ah, com certeza ela é.

— O que tu tem aí, papai? — Isabel espiou atrás das pernas do homem.

Os olhares curiosos recaíram sobre ele e de repente ficou constrangido com a ideia de entregar flores para Mariá de uma hora para outra. E se ela não gostasse e ficasse envergonhada?

— Eu… eu trouxe uma coisa pra Mariá e mainha.

Elias estendeu as cinco flores diante de si e entregou duas para Zuleide e três para Mariá.

— Arrancou as flores do meu pé de maracujá? — A senhora o beliscou.

— Quis fazer uma graça e é isso que recebo?

Ele ignorou os resmungos da mãe e observou Mariá, ansioso por sua reação. Os lábios dela estavam entreabertos e, à medida que erguia a cabeça para vê-lo, um sorriso foi crescendo em seu rosto.

— São flores de maracujá — ela disse, transmitindo mais que uma constatação óbvia em sua voz.

— Gostou?

Ela balançou a cabeça, assentindo, e cheirou as flores. Zuleide

alternou o olhar entre os dois e de súbito sua irritação evaporou.

— Muito gentil, filho. Adorei!

— E a gente? — Bento fez beicinho.

— Nunca esqueço de vocês. — Tirou duas balas do bolso e fez a alegria das crianças.

Elias sentou-se no chão, suado e cansado do trabalho, porém incapaz de se afastar daquele momento. Depois do acidente, por muito tempo quis se isolar ainda mais do que sua personalidade sempre requereu, se fechar em um mundo sem grandes mudanças, fugir de novos afetos e dedicar-se apenas aos que já possuía. Contudo, de repente uma moça invadiu sua vida e o fez querer mais, demonstrar mais, sonhar além, tomar decisões que o medo o impedira de tomar.

A presença de Mariá o colocava diante de uma imensidão de novidades. E ele queria se lançar.

***

— Já tomou duas canecas de café, o que aconteceu? — Zuleide sentou-se ao lado do filho. — Tem alguma coisa a ver com as flores da Mariá?

— Dei às duas. — Girou o resto de café na caneca.

— Acha que nasci ontem, menino?

Elias suspirou e olhou para a cortina balançando com o vento vindo da porta aberta. Vislumbrou Mariá brincando com as crianças na varanda e deu um meio sorriso.

— Fui ver o Otávio antes de vir pra casa — ele disse, virando para a mãe. — Precisava de um conselho bíblico.

— Conselho sobre…?

— Tua ideia de eu casar com a Mariá.

O rosto de Zuleide se iluminou como o sol.

— Vai me ouvir? Vai casar com ela?

— Fala baixo! — Elias espiou a porta, suspirando ao ver que o trio ainda estava lá.

— O que vocês conversaram?

— Eu perguntei se tava louco por considerar isso e o Otávio foi racional, diferente de uma senhora que é só coração, né? — Ergueu as sobrancelhas e a mãe abanou a mão em desprezo. — A gente analisou a situação e concluímos que, se eu e a Mariá temos a mesma fé e queremos

isso, é mesmo uma boa saída pra situação dela.

— Mas o Tavinho não disse nada de mais! Ele também é a favor.

— É, mas por motivos corretos.

Zuleide soltou um suspiro aborrecido e revirou os olhos.

— Não importa! Agora fala a verdade pra tua mãe, tu tá apaixonado?

Elias apertou os lábios numa linha fina.

— Não sei. A certeza que tenho é que quero cuidar da Mariá, protegê-la e a manter por perto. Só de pensar nela indo embora dessa casa, meu peito dói. — Ele apoiou os cotovelos na mesa. — Ela combina com essa família, já é amada pelas crianças e tudo.

— Filho — Zuleide segurou o rosto dele —, isso parece mais que um comprometimento por ter salvado ela. Tu gosta da Mariá!

— Não nego. — Deu um sorrisinho. — A gente conversou até tarde no domingo e na festa da cidade, foi muito bom. Fiquei imaginando como seria dividirmos a vida, poder ajudar ela a crescer na fé e aprender com ela também.

— Vou deixar tu descobrir o que é isso aí que tá sentindo. — Zuleide riu. — Mas por que não casa logo com essa mulher?

— Preciso saber se a Mariá quer o mesmo que eu. Se ela quer casar comigo.

— Eu quero!

Mãe e filho olharam para a entrada da cozinha e viram Mariá parada ali, seu peito subindo e descendo mais rápido do que o normal.

— Quer…?

— Casar com tu. Não era disso que falavam?

— Tá escutando tem muito tempo? — Elias franziu o cenho.

— Tu disse algo importante antes? — Inclinou a cabeça para o lado.

— Ah, não. — Forçou um sorriso e ficou de pé. — Podemos conversar lá fora?

Mariá assentiu e Elias olhou sobre o ombro, encontrando Zuleide fazendo gestos com as mãos para lhe apressar. Os dois foram para os fundos da casa e sentaram-se debaixo de uma árvore.

— Esse horário é meu preferido — Elias disse, apontando para o céu numa mistura de laranja e rosa.

— É? Por quê? — Mariá virou-se para ele.

— Me lembra quando Deus ia encontrar Adão e Eva no Jardim do Éden, antes do pecado virar o mundo de cabeça pra baixo. É bonito e solene.

— Solene é uma palavra bonita. O Otávio te ensinou também?

— Não lembro onde aprendi. — Ele riu. — Gosta muito de palavras, né?

— Uhum. — Deu um sorriso tímido e olhou para o céu. — O pôr-do-sol é lindo mesmo, faz sentido Deus ter escolhido essa hora pra passear pelo Jardim e ver o casal. Mas eu gosto mais de poder estar com Ele o tempo todo.

— Tem razão. — Elias passeou as vistas pelo rosto dela.

— Sobre o casamento… — Mariá o encarou, mordendo o lábio. — Quer mesmo?

— Quero. Se tu quiser.

— Não tá fazendo isso só por pena de mim, né? — Sua voz embargou. — Não precisa. Se for por isso, eu posso dar um jeito.

— Não tem nada a ver com pena. — Segurou a mão dela. — Gosto de tu, Mariá. Quero te proteger de toda ameaça, garantir que tua vida seja feliz, e sei que o melhor jeito de fazer isso é te dando meu sobrenome.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Prometo ser boa, vou cuidar das crianças, cozinhar, limpar e…

— Ei! — Elias apertou sua mão. — Não é pra isso que estou casando com tu. Se fosse pra fazer tarefas, te contratava como empregada. Quero que sejamos um casal de verdade, feliz e… — Ele apertou os lábios para conter um sorriso.

— E o quê?

— Nada. — Esfregou o bigode. — Então tu aceita?

— Aceito.

— Certeza?

— Certeza. — Apertou os dedos dele.

— Não tenho um anel de noivado aqui — fez uma careta —, desculpa.

— Não preciso dessas coisas. — Mariá encolheu os ombros.

Elias olhou ao redor, uma ideia surgindo. Abriu um sorriso de repente e puxou a moça para a cerca que delimitava o terreno, onde pés de maracujá se emaranhavam.

— O que vai fazer? — Mariá riu, o observando arrancar uma das gavinhas da planta.

— Me dá seu dedo.

Ela colocou a mão na dele e deixou que enroscasse a mola verde em volta de seu anelar, prendendo uma ponta na outra como se formassem a

pedra de um solitário.

— É o anel mais valioso que já vi! — Mariá deu pulinhos.

— Mesmo? — Elias não conseguiu conter o riso.

— Mesmo! Posso te dar um abraço?

— Claro. — Ele tentou disfarçar o quanto gostou do pedido e, mais ainda, de ser envolto pelos braços dela.

— Nosso primeiro abraço — ela disse baixinho, como se fosse para gravar a memória, e acrescentou mais alto: — É bom contar logo ao Bento e à Isabel, pra eles se acostumarem com a ideia.

— É essa a tua preocupação? — Elias se surpreendeu.

Mariá se afastou para ver o rosto dele.

— Claro, eles são pequenos, podem estranhar ter uma mulher casada com o pai deles.

Elias sorriu e segurou a mão dela, conduzindo-a para dentro de casa.

Como ele imaginou, Isabel fez uma festa diante da ideia de ter Mariá ali para sempre; Bento, porém, ficou um tanto desconfiado.

— Ela vai ser sempre boazinha? — Quis saber, cruzando os braços.

— Por que a pergunta? — Zuleide estranhou.

— A nova mamãe do Juca é brava e briga com ele.

— Eu prometo ser boa pra vocês. — Mariá se agachou e segurou suas mãozinhas. — Vamos continuar brincando juntos! Tu gosta de brincar comigo?

— Gosto um bocado.

— Então vai gostar se eu ficar aqui e for a esposa do papai de vocês?

O menino ponderou e por fim deu um sorriso e assentiu.

— Vai ter bolo no casamento? — perguntou esfregando as mãos.

— Bem lembrado, pequeno! — Zuleide se animou. — Vou fazer um bolinho e também posso reformar meu vestido de noiva pra tu, minha flor! Vamos convidar alguns amigos e os irmãos da igreja.

— Mainha, tenha calma, tá bem? Não podemos fazer uma festança, tem todos os gastos de viagem ao cartório, os papéis do casamento, alianças… — Elias lembrou.

— Só vão casar uma vez, merecem algo bonito! Pode ser meu presente, então. Te incomoda? — Cruzou os braços.

— Não, não me incomoda. — Ele riu do pequeno drama.

Autorizada, a mulher começou a compartilhar uma variedade de ideias e Mariá ouviu atentamente, enquanto Elias se distraía com os filhos a

fim de não ter um ataque por causa do plano mirabolante da mãe.

11| O AMOR VEM DEVAGARINHO



Mariá se sentia profundamente amada. Na verdade, esse sentimento vinha se embrenhando por seu interior durante toda a semana e achou o cerne de seu coração naquela manhã de domingo.

Parecia um sonho ver as pessoas se movimentando para tornar a festa de casamento dos dois uma memória das mais doces. Desde Zuleide e sua total abnegação ao reformar por completo o próprio vestido de noiva, passando pelos irmãos da igreja que se ofereceram para levar um preparo e transformar o bolinho simples em um almoço coletivo, até Judite e sua criatividade em usar cortinas, lampiões e flores a fim de transformar o quintal da família em um cenário romântico.

Ela deu um sorriso ao escutar o ruído das vozes lá fora. Estava no quarto, já usando o vestido branco rendado, com as twists presas na altura da nuca, penteado que logo receberia uma tiara de flores preparada por Zuleide e Isabel, girando o anel de noivado no dedo. Ele não durava mais que um dia, mas Elias fazia questão de entregar um novo toda manhã até o casamento.

Distraía-se com as ondinhas da “joia” quando escutou alguém bater à porta.

— Posso entrar? — Era a voz de Elias e seu coração saltou no peito.

— Estou vestida! — respondeu em tom de alarme.

— O problema não seria se não estivesse?

Ela conteve uma risada.

— Quis dizer que estou com o vestido de noiva.

— E qual o problema?

— Vai me ver antes da cerimônia, dá azar.

— Isso é besteira, uma superstição não vai ser capaz de passar por cima de mim e estragar nosso casamento. Já te fiz meus votos antes do altar e, com a ajuda de Deus, vou cumprir, independente de ver teu vestido agora ou não.

Ela ficou em silêncio, pensando nas palavras dele. Parecia tão seguro e confiável.

— Mas, se te incomoda, eu espero — Elias acrescentou.

— É besteira mesmo. — Foi até a porta e a abriu. — O que quer falar?

— Eita! Como tá linda. — Ele deu um passo para trás. — Até esqueci o que ia falar.

Mariá soltou um risinho bobo e voltou a sentar-se na cama, contemplando Elias apoiado no batente. Aos seus olhos, ele parecia um príncipe com a camisa social em tom de creme e a calça da mesma cor; o cabelo e barba estavam recém-aparados e um cheiro bom emanava dele.

Quando o observou pela primeira vez, semanas antes, o achou intimidador, porém naquele momento não conseguia mais associar essa característica a ele. Na verdade, parecia um protetor, como um herói que conheceu na leitura de um cordel há muitos anos.

— O que foi? — Ele estreitou os olhos.

— Hum? — Ela pigarreou e colocou uma trança fujona atrás da orelha. — Nada, não. O que veio dizer?

— A correria foi tão grande que mal nos falamos esses dias. Queria conversar sobre algumas coisas.

— Pode falar.

Elias olhou sobre o ombro antes de limpar a garganta.

— Mainha quer levar as crianças pra dormir na casa da Judite hoje. Na verdade, a ideia foi da Judite, e é óbvio que tua futura sogra aprovou.

— Por quê? — Mariá tombou a cabeça.

— Tu sabe…

— Não sei, não.

— Por causa da *lua de mel.* — Ele cruzou os braços na altura do peito. — Elas querem deixar a casa só pra gente.

— Ah. — Ela entreabriu os lábios. — Entendo.

— Foi só assim que percebi ter esquecido de perguntar o que tu pensa sobre “toque”. Quer esperar ou…

— Esperar. — Assentiu vigorosamente.

— Tudo bem. — Elias deu um sorriso tranquilo. — Eu já imaginava.

— Tá chateado?

— De jeito nenhum. Quero o teu bem, Mariá, só isso. — Estendeu a mão e ela deslizou os dedos pela palma dele. — Vou cuidar de tu, viu?

— Viu. Também vou cuidar de tu. — Ela prendeu o fôlego, o peito fervilhando de alegria diante da promessa.

— E vamos aproveitar a chance de ter a casa só pra gente e nos divertir hoje à noite. Gosta da ideia?

— Tipo correr pela casa descalços? — brincou.

— Tu leu meus pensamentos!

Os dois riram juntos, e o momento se dissipou apenas quando Zuleide irrompeu no cômodo, os separando.

— Pelo amor de Cristo! O que tu tá fazendo aqui, Elias?

— Vim conversar com a minha noiva.

— Ah, e isso é hora pra prosa fiada? Ela tá vestida, não viu?

— Olha, me ensinaram que o problema era ver mulher sem roupa. O que mudou hoje?

— Ah, seu moleque! — Ela ameaçou lhe bater, e o homem deu dois passos para trás.

— Até mais, Mariá, preciso sobreviver até o casamento. — Ele acenou antes de correr para longe da mãe.

A moça abafou um risinho enquanto a senhora soltava o ar, raivosa.

— Tu deveria ter expulsado ele. — Virou-se para Mariá.

— Desculpa. — Encolheu os ombros.

— Tudo bem, é teu dia, vou dar um desconto. Só hoje. — Fingiu-se de séria e Mariá a pegou de surpresa levantando e beijando sua bochecha.

— Obrigada por tudo.

— Que isso! Não precisa agradecer, é quase minha norinha. — Alisou os braços dela com carinho. — Tudo que peço é que cuide bem do meu menino.

— É nossa missão com o casamento, cuidar um do outro. — Mariá deu um sorriso suave. — Tô muito feliz, nunca conheci um homem igual ao Elias. Ele é gentil e sempre me faz sentir segura.

— É, meu menino é mesmo um sujeito arretado, como dizem. — Zuleide riu e a conduziu para sentar a fim de arrumar a tiara em seu cabelo. O aroma das flores de laranjeira tomou o ar em volta da jovem. — Esse casamento será uma bênção pra vocês, pode confiar. Elias tá disposto a fazer

tudo pra te ver feliz, soube na hora que apareceu com aquelas flores de maracujá. Ele nunca foi dessas coisas, mas acho que percebeu como é bom fazer quem a gente gosta se sentir especial.

— Deve ser difícil pros homens serem carinhosos. Todos que conheci eram *brutos*.

— Nem sempre é assim. Alguns têm mesmo um coração duro, mas existe um monte que só demonstra carinho de outros jeitos. — Ela começou a colocar alguns grampos para a tiara não sair durante a festa. — Por exemplo, meu primeiro marido, o pai do Elias, ele era um homem decente, cuidava de nós com todo esmero, mas quase não abraçava, beijava e dizia palavras carinhosas. Aos poucos fui entendendo que sempre que ele trazia uma comida diferente quando voltava do trabalho, era um jeito de dizer que pensava na gente. Às vezes ele fazia piadas e ficava contemplando nosso riso, como se ficasse feliz só de ver a gente feliz.

— Que bonito, Zuleide. — Mariá levou a mão ao peito.

— É, ele era muito bom. Mas o Gil, meu atual marido, é bastante diferente. É de fazer graça o tempo todo, não me deixa quieta um segundo e, quando penso que não, lá está a peça tascando um beijo em mim sem mais nem menos. — Ela riu. — Também vive dizendo que me ama e tudo mais.

— A senhora teve muita sorte de viver dois amores diferentes, mas especiais.

— Sorte, não. Muita graça!

— Tem razão. A senhora acha que o Elias é qual tipo de homem?

— Qual teu chute?

— Hum… — Mariá refletiu em toda convivência até ali. — Ele não é muito de sentimentos “cor-de-rosa”, é sério às vezes, mas nem sempre. Tem uma parte dele engraçada e também carinhosa. Acho que o Elias é uma mistura.

— Observou bem, minha flor. Mas ainda vai conhecer um monte de outras coisas sobre meu filho. Aguarde.

Mariá assentiu, desejando também ser conhecida por ele.

***

Longos anos de desesperança convenceram Mariá de que nunca se casaria. Havia parado de sonhar com uma cerimônia, um noivo lhe esperando no altar e suas mãos envolvendo um buquê enquanto caminhava até ele.

Mas ali estava, recebendo o olhar brilhante de Elias a cada passo

dado. As íris bicolores a acompanhavam e, na percepção de Mariá, diziam muitas palavras bonitas a ela, lhe ensinando um novo jeito de se comunicar.

Parou em frente ao pé de seriguela decorado com lampiões e tecidos brancos. Ficaria lindo ao anoitecer.

Judite pegou o buquê para que Elias pudesse segurar as mãos da noiva, e o pastor Otávio deu início à cerimônia. Falou sobre companheirismo, cuidado mútuo e a necessidade de manter-se debaixo da ordem de amor marital dada pelo Senhor.

Mas a parte que mais tocou o coração de Mariá veio no fim do sermão.

— Sempre que faço casamentos fico pensando na expectativa do retorno de Cristo. — Otávio sorriu, passando os olhos pelos noivos e pelos convidados ao redor. — A Igreja é uma noiva sendo preparada pra grande cerimônia, em que será unida ao seu Esposo pra toda a eternidade. Hoje, quero lembrar que, assim como a união desse casal exala esperança e alegria pela nova família se formando, temos a promessa de um casamento ainda mais feliz! Jesus vai voltar e levar Sua Noiva com Ele, este mundo de dor, trevas e pecado já não existirá, e todo aquele que crê e se agarra a essa verdade terá vida plena e eterna ao lado do Senhor. É uma esperança fiel e maravilhosa o bastante pra suportarmos as adversidades desta vida com fé no Salvador.

— Amém! — o casal disse junto, acompanhados do coro dos convidados.

Otávio então passou ao momento dos votos e troca de alianças. Mariá sorriu ao ver a peça brilhante deslizar por seu dedo e encontrar o anel de noivado, depois fez o mesmo com Elias, repetindo os votos orientados pelo pastor.

— Agora declaro vocês marido e mulher. Pode beijar tua noiva, Elias. — A face “amigo brincalhão” ficou evidente no balançar de sobrancelhas do pastor.

Elias encarou Mariá, que o olhava de volta, paralisada. Ele se inclinou e beijou a testa dela de modo casto.

— Ah, pelo amor de Deus, homem! — Judite se levantou de sua cadeira. — Beija tua mulher direito.

Os demais a apoiaram entre risos e a noiva percebeu o embaraço se apoderando do noivo. Em um gesto de coragem, envolveu o pescoço dele com seus braços e aproximou seus rostos, mas não foi capaz de encerrar a

distância.

Elias a puxou pela cintura para juntar mais seus corpos e inclinou o rosto, gentilmente beijando o canto da boca dela e satisfazendo os convidados com a ilusão de terem tido seu pedido atendido.

— Vamos fazer isso quando estiver pronta — ele sussurrou, encaixando a mão em sua nuca e levando a cabeça dela ao seu ombro.

Mariá agradeceu, se aconchegando no abraço.

O casal, então, foi receber as felicitações dos convidados, e depois o almoço teve início. Mariá pegou o prato que Zuleide preparou para ela e escapuliu para sentar debaixo do pé de seriguela, onde poderia ter um pouco de privacidade. Avistou Elias a procurando e acenou, chamando-o para ficar com ela.

— Comendo escondido? — ele brincou.

— Precisava de alguns minutos sem conversar com ninguém.

— Eu sou ninguém? — Fingiu-se de ofendido.

— Não, mas é diferente. — Fez uma careta.

— Estou brincando, consigo entender.

Os dois almoçaram em silêncio, como um acordo mudo, e depois Elias foi buscar a sobremesa. Entregou uma fatia de bolo à esposa e sentou-se para comer a sua.

— Fiquei pensando no que o pastor disse, sobre Jesus e Sua volta. — Mariá saboreou um pedaço do bolo, se surpreendendo ao sentir o gosto de maracujá. Havia esquecido da escolha de sabor feita pela sogra e sorriu pelo detalhe bem-pensado.

— É? — Elias lançou um olhar curioso para ela.

— Uhum. Eu acabei perdendo muito da minha esperança nos últimos anos, sobre meu futuro, casamento e um monte de coisas. — Ela suspirou. — Mas tô percebendo que fui uma tola. Minha vida parecia cinza, mas Jesus nunca foi embora, então deveria ter me agarrado a isso, olhado menos pras dificuldades e mais pra Ele e Suas promessas.

— Eu entendo. — Ele deu um sorriso compassivo. — É muito fácil perder a esperança quando paramos de olhar pra Jesus e Sua Palavra.

— Não quero fazer isso nunca mais! Jesus é a parte mais bonita e preciosa da minha vida e só vou precisar d’Ele pra ser feliz.

Elias sorriu, concordando com a cabeça.

— Que tal uma promessa nesse início de casamento? — ele disse. — Sempre que algum de nós esquecer da bondade, fidelidade ou qualquer outra

verdade sobre Jesus, o outro vai lembrar, e assim a gente consegue manter o coração no lugar certo.

— Ótimo! Eu prometo. — Ela estendeu a mão e ele a apertou.

— Combinado então.

A festa continuou durante toda a tarde, prolongada quando alguns convidados puxaram duas violas e encheram o quintal com melodias animadas. As crianças foram as primeiras a se juntar para dançar, e alguns adultos mais desinibidos as acompanharam aos poucos.

Em dado momento, Mariá reconheceu a introdução que os músicos começaram a tocar e cutucou a barriga do marido, comentando sorridente:

— Eu amo essa música.

Ele inclinou a cabeça, esperando o primeiro verso para reconhecer.

— Ah, ama, é? — Riu, lembrando do dia específico em que escutaram juntos.

Mariá olhou para o casal cantando “Pela luz dos olhos teus” com sintonia perfeita e depois fitou o esposo de modo sugestivo.

— Não, eu não danço. — Elias sacudiu a cabeça e ela murchou.

— Tá bom. — Mordeu o canto da boca e voltou-se para os músicos.

Elias soltou um suspiro profundo.

— Tudo bem, só dessa vez.

— Não precisa fazer o que não quer. — Ergueu os ombros.

— Se eu prometi dar minha vida por tu, acho que fazer uma coisa boba que não gosto também é possível. — Ele a puxou pela cintura e uniu suas mãos.

Mariá abaixou o rosto para esconder o sorriso. Os dois dançaram no ritmo da música; Elias, um tanto travado de início, relaxou com o passar dos versos. Segurou Mariá mais firme e ela repousou a cabeça em seu ombro, contemplando o anoitecer, os lampiões recém-acesos e as feridas em seu coração lentamente sendo tratadas.

12| EMBARALHANDO



— Cuida do papai, Mari — Isabel pediu, abraçada às pernas do homem.

Todos os convidados já haviam partido e a casa estava arrumada, então Zuleide chamou os netos para irem embora com Judite e a família.

— Ele não sabe mais dormir sozinho — Bento contou, agarrado ao braço dele. — Fica triste se vamos dormir na casa da vovó.

Mariá olhou para o marido, incerta se ele não ficava, na verdade, contente por um pouco de solitude. Já o tinha visto fugir para o quintal e ficar um bom tempo sozinho.

— Vou sentir saudade dos meus bebês. — Elias abaixou e beijou as bochechas deles. — Peçam pra Mariá me abraçar muito pra eu esquecer a saudade.

As crianças obedeceram e a moça tentou não demonstrar a quentura se espalhando por seu rosto.

— Vou cuidar dele, podem ir sossegados.

Só depois da garantia, os pequenos aceitaram ir embora. Assim que eles sumiram de vista, Mariá encarou Elias e cruzou as mãos em frente ao corpo.

— O que foi? — Ele tombou a cabeça.

— O que vamos fazer agora?

Um sorrisinho ergueu o canto dos lábios do homem, causando um rebuliço na barriga de Mariá, e piorou quando ele se inclinou para falar no ouvido dela.

— Meu plano é fazer um café e comer um pedaço do bolo do nosso casamento.

— Meu Deus. — Mariá não conseguiu conter uma risada, pega de

surpresa.

— Acha uma ideia ruim?

— Acho uma ideia muito sábia.

Elias estendeu a mão e a guiou até a cozinha, onde ela sentou para vê-lo preparar a bebida.

Admirava o marido quando o cheiro de café invadiu suas narinas e lhe conduziu a memórias indesejadas de casa, transformando seu bom humor em ombros caídos e suspiros trêmulos.

— Mari? — A voz de Elias a fez perceber que divagava. — Ficou abatida de repente.

— Lembrei de casa. — Encolheu os ombros. — Do que *era* minha casa. É estranho, sabe? Acabei de me casar sem meus pais nem meus irmãos presentes, até minha amiga Chica poderia estar aqui, caso a situação fosse outra. Sei que disse querer seguir em frente, mas pensar ainda dói.

— É normal sentir essa dor. — Elias colocou o pó de café na água fervendo e voltou-se para a esposa. — Não se cobra tanto. Tu passou por coisas bem pesadas e essas memórias ainda vão se misturar às novas e boas por um tempo.

— Eu sei, mas não quero que minhas lembranças da lua de mel sejam tristes. — Ela abanou a cabeça para os lados, afugentando as lágrimas. — Vamos fazer algo divertido.

— Divertido? Tava pensando em mudar suas coisas pro nosso quarto. — Elias fez uma careta e ela riu.

— Gosto da ideia. E ainda é cedo, aposto que tá passando algum programa no rádio.

— Não vou dançar com tu de novo. — Cruzou os braços. — Tem direito a uma dança por ano.

— Por ano? — Uma gargalhada escapou da moça.

— Isso mesmo.

— A gente pode negociar?

— Não, senhora.

— Por favor. — Piscou os olhos.

— Só vamos dançar nos aniversários de casamento. — Ele bateu um martelo imaginário na mesa.

— Vou fazer tu mudar de ideia. — Ergueu o queixo.

— É claro que vai, é o dom das mulheres. — Estalou a língua e virou-se para coar seu café.

Mariá mordeu o lábio curvado em um sorriso, pensando no que ele disse sobre os aniversários. Perguntou-se se Elias já imaginava uma vida todinha ao lado dela.

— Pronto — Elias disse ao terminar de preparar a bebida. — Vamos arrumar tudo pra depois tomar o café.

Mariá assentiu e o acompanhou. No caminho até o quarto dela, ligou o rádio e deixou um programa de contação de histórias tocar, o que lhe garantiu momentos de distração enquanto ia de um cômodo a outro, trocando suas coisas pelas das crianças.

— Será que ela vai morrer? — Cobriu a boca ao fim do capítulo.

Elias soltou um riso baixo.

— Já tô te vendo grudada nesse rádio toda noite.

— Melhor não ouvir mais, né? — Entortou a boca numa careta. — É besteira.

— Distração não é sempre ruim, todo mundo precisa de um pouco depois de um dia cheio. — Ele colocou a última peça de roupa de Bento na gaveta. — Ouça, sim.

Mariá assentiu, feliz pelo encorajamento.

— Agora a gente merece café e bolo pelo trabalho árduo. — Piscou para ela.

Os dois foram até a cozinha e serviram-se como duas crianças aprontando escondidas da mãe. Elias a guiou para o quarto que dividiriam e sentaram-se na cama, um de frente para o outro.

— É melhor tirar o vestido, pode sujar. — Ele apontou.

— Já? Vai acabar o clima de casamento. — Ela esfregou a barra rendada abaixo dos joelhos. — Me senti linda hoje.

— Lua de mel também tem “clima” de casamento. E tu vai continuar linda sem o vestido de noiva.

— Vou? — Comprimiu os lábios, constrangida pelo elogio.

— Sim, senhora. Agora vira e eu te ajudo a abrir os botões.

Mariá ficou de costas para ele e Elias começou a desabotoar. Cerca de cinco já haviam sido abertos quando a moça se afastou abruptamente após sentir os dedos dele tocarem sua pele.

— Ei, o que foi? — Elias arregalou os olhos e ergueu as mãos. — Eu não fiz nada.

Ela colocou a mão no peito, subindo e descendo rápido demais.

— Se acalma. — O marido se aproximou e segurou seus ombros.

— Desculpa. — A palavra saiu num fio de voz. — E-eu…

— Prometi que ia esperar, não vou fazer nada que tu não queira.

— Eu sei. Não foi isso. — Ela engoliu o nó na garganta. — Eu lembrei do… de quando…

Um suspiro dolorido se seguiu.

— Eu não sou ele. — Elias tomou as mãos dela.

— Sei disso, foi só uma memória, veio e sumiu rápido. — Sua voz embargou. — Desculpa, eu estraguei tudo.

— Não estragou nada. — Ele afagou o rosto dela. — Vamos continuar do botão onde eu parei.

Mariá assentiu e se virou de novo.

— Olha, sou eu. — Elias tocou o ombro e depois o pescoço dela. — Nunca, jamais, nem que minha vida dependa disso eu vou te machucar. Tudo que eu quero é cuidar de tu, lembra? Nosso voto.

— Lembro. — Ela segurou a mão dele e depositou um beijo na palma. — Tu não me deixa com medo.

— Que bom. — Alisou os braços dela antes de voltar para os botões. — Põe a mão aqui nessa parte do vestido enquanto eu abro os de baixo.

Mariá apertou os olhos, sentindo-os arder ao perceber o cuidado dele, e segurou o vestido.

— Pronto, acabei. Vou sair pra tu se trocar. — Ele levantou-se e abriu uma das gavetas da cômoda. — Aproveito e troco a minha também.

A moça ficou alguns segundos olhando a porta fechada antes de pegar um vestido de uso cotidiano e vestir. Enxugou algumas lágrimas teimosas e respirou fundo para voltar ao humor tranquilo de antes.

— É o Elias, ele é bom — repetiu até seu coração desapertar.

Batidas na porta antecederam a entrada do homem.

— Quer dormir? — ele perguntou cauteloso.

— Não, quero comer bolo e tomar café com tu. — Arriscou um sorriso.

Os dois se acomodaram outra vez e comeram em silêncio. Mariá queria mais do que tudo salvar o dia até então perfeito, só não conseguia achar as palavras certas.

— Me sinto um menino fazendo arte. — Elias quebrou o silêncio e os ombros dela relaxaram.

— Por quê? — perguntou, ansiosa por conversar com ele.

— Olha só a gente, comendo e bebendo em cima da cama! Mainha

me mataria se fizesse isso quando era criança.

— Vai me dizer que tu nunca fez isso.

— Nunca, eu era um santo imaculado. — Cruzou os dedos diante da boca.

— Mentira, aposto que era um menino arteiro.

— Vou te decepcionar, mas eu era tímido e quieto. Quase não irritava meus pais.

— Ah. — Ela fingiu sentir mesmo decepção e ele riu.

— Como tu era?

— Retraída com estranhos e adultos, mas não parava quieta quando estava com meus amigos.

— Uma falsa santa.

— Ei! — Deu um tapa leve no joelho dele.

— Do que mais gostava de brincar nessa época? — Ele bebeu um gole do café.

— Esconde-esconde, eu era muito boa.

— Vamos brincar algum dia com a Isabel e o Bento, eles amam.

— Do que vocês mais brincam?

— Nas horas em que não estou trabalhando na roça, tenho um segundo emprego: cozinheiro. Faço de tudo em lama, pedra e folhas.

Mariá riu ao imaginar a cena.

— Percebi que eles gostam dessa brincadeira mesmo, principalmente a Bebê. O Bentinho prefere as mais agitadas, mas sempre atende às vontades da irmã.

— É, eles são muito apegados. — Um sorriso carinhoso contornou as feições dele. — Agora fiquei com saudade.

— Não vou te abraçar. — Sacudiu a cabeça.

— Droga, meu plano falhou! — Socou o ar. — Agora preciso me distrair de outro jeito.

Mariá seguiu seus movimentos com o olhar enquanto ele se inclinava para pegar algo no fundo da gaveta. Tirou um maço de cartas de lá.

— Baralho? — Ela riu.

— É meu jogo de adulto favorito. Sabe jogar?

— A pergunta certa é: tu aguenta perder, Elias? — Ergueu as sobrancelhas e ele correspondeu com uma expressão impressionada. — Me deixa embaralhar.

— A senhora quem manda.

Ela misturou as cartas e distribuiu entre os dois, deixando o restante de lado. Jogaram três partidas seguidas e Mariá ganhou todas.

— E eu achava que era bom. — Elias riu e jogou suas duas cartas entre eles. — Quem te ensinou a jogar?

— Meus irmãos. — Ela deu um meio sorriso, juntando o baralho. — Marcelina e Regina não gostavam, então a gente jogava juntos.

— Quantos irmãos tu tem?

— Duas meninas e três meninos, Hélio, José e Jorge. — Mariá girou uma das cartas entre os dedos. — A infância foi até boa com eles. A gente brincava muito, a vida era menos pesada e eu ainda tinha muita esperança e sonhos, mas depois cresci e deixei as lutas me encobrirem.

— Hum… — Elias cruzou os braços e estreitou os olhos.

— O quê?

— Tô aqui pensando que outros segredos minha esposa esconde. — Balançou a cabeça e ela sorriu. — Vai me contar?

— Não, tu vai descobrir. — Ergueu um ombro, dando um sorriso tímido.

— Mal vejo a hora.

Mariá mordeu o interior da boca e começou a embaralhar as cartas.

— Embaralha direito, viu? — Elias provocou.

— Não é minha culpa se tu tá perdendo toda vez.

— Eita, quanta confiança!

— Tu joga mal.

Elias começou a rir diante da sinceridade.

— Isso aqui — ele apontou para os dois — é muito engraçado.

— Engraçado? — Mariá inclinou a cabeça.

— Sim, nunca imaginei que iria passar minha lua de mel jogando baralho. A vida é uma surpresa.

Ela parou de embaralhar e o encarou.

— Queria estar fazendo outra coisa?

— Não! Estou me divertindo.

— Ah. — O tom dela soou decepcionado.

— Isso não significa que não quero ficar com você. Só pensei que preferia esperar mais. Não foi o que disse?

— Oxe, claro. Lembro muito bem o que disse. — Ela abaixou a cabeça e voltou a embaralhar.

— Espera, tá falando a verdade, né?

— Claro que sim! — respondeu na defensiva e ele se encolheu. — Pega tuas cartas.

Ela posicionou a mesma quantidade para ambos.

— Ficou brava?

— Tô brava porque tu não cala a boca e joga logo.

Elias mordeu os lábios para não sorrir e pegou suas cartas. Jogou e ficou olhando enquanto ela pensava.

— Tem uma coisa no teu rosto — ele disse, apontando para a bochecha dela.

— Onde? — Esfregou cegamente.

O corpo de Elias seguiu um impulso quase natural, ele se inclinou sobre o jogo e beijou o canto da boca da esposa.

— Saiu. — Um sorrisinho de menino tomou os lábios dele.

Mariá ficou paralisada, depois ergueu a mão e abriu as cartas para cobrir o rosto. Mais especificamente, seu sorriso.

— Joga logo — resmungou, falhando em soar irritada.

Os dois jogaram por horas, até a moça começar a bocejar e piscar longamente.

— Poderia me aproveitar de tua leseira pra ganhar uma vez, hein? — Elias brincou, juntando os pratos e canecas para levar à cozinha.

— Perdeu a chance. — Mariá esfregou os olhos. — Melhor eu ir escovar os dentes antes que a cama me prenda.

Elias deixou a louça na pia para ser lavada na manhã seguinte e seguiu a esposa, depois os dois voltaram para o quarto.

— Qual lado da cama prefere? — Elias perguntou, fechando a porta atrás de si.

— Em qual tu dorme?

— No meio.

Mariá pensou um pouco. Em sua casa, sempre dormiu perto da parede, então decidiu escolher o oposto na nova vida que começava. Elias concordou e ela se aconchegou debaixo do lençol, observando o marido apagar a lamparina.

— Ficou muito escuro! — ela cochichou. — Vem logo.

— Medo dos bichos debaixo da cama? Achei que só as crianças me fariam lidar com isso.

— Não tô com medo, só não quero que tropece e se machuque.

Ela escutou o riso dele e sentiu sua proximidade quando passou por

cima dela; o colchão afundou ao seu lado.

— Esqueci de uma coisa — Elias disse baixinho.

— O quê?

— Queria orar com tu antes de dormir.

Mariá sorriu no meio do breu e logo a mão dele envolveu a sua.

— Pai, obrigado por este dia tão bom, por Mariá e eu estarmos aqui juntos, e pelo Senhor ter cruzado nossos caminhos. Nos ajude a viver um casamento que te glorifique, que a gente cumpra nossos votos e seja uma bênção um pro outro e pros que estão ao nosso redor. Em nome de Jesus, amém.

— Amém. — Ela apertou a mão dele e depois virou de lado, conseguindo enxergá-lo na penumbra.

— O que foi? — Elias voltou-se para ela também.

— Gosto de tu — ela disse baixinho.

— Eu também.

Mariá pegou a mão dele e levou ao seu rosto.

— Prometo que vou me acostumar ao teu toque, não quero me assustar e te chatear.

— Não me chateou, eu juro. — Ele afagou o rosto dela. — Tome o tempo que precisar.

— Tudo bem. — Fechou os olhos, apreciando o toque. Sentiu falta quando ele se afastou. — Boa noite.

Mariá se virou para o outro lado e apertou o cobertor na altura da cintura.

— Boa noite, Mari. — Ele repousou a mão no quadril dela por um instante e a moça conteve um sorriso, mesmo que não pudesse ser visto.

Nada naquela noite estava sendo como ela imaginou. Era melhor. Muito, muito melhor.

O único som no quarto pelo resto da noite foram suas respirações e os grilos lá fora. De costas um para o outro, os dois encararam a escuridão por bastante tempo antes de adormecerem, desejando a mesma coisa: encurtar a distância.

13| UMA FAMÍLIA



Mariá fazia o café quando percebeu a presença do marido na cozinha. Segurou o coador mais firme, lembrando de quando acordou e ficou observando-o dormir por bons minutos. Sua mente não conseguia parar de pensar desde então no quanto Elias era bonito e sereno dormindo.

— Bom dia, Mari — ele cumprimentou com carinho na voz e a moça prendeu a respiração antes de conseguir responder.

— Bom dia.

Ela sentiu sua aproximação. Elias apoiou as mãos na bancada, uma de cada lado da cintura de Mariá, ficando bem perto dela.

— Não precisava ter feito o café, eu faço todo dia.

— Mas hoje eu quis fazer — respondeu, erguendo de leve o ombro. — Não se preocupa, tô fazendo do jeito que tu gosta.

— Não tava preocupado com isso… quer dizer, talvez só um pouquinho.

Ela lhe olhou de canto, um riso suave dançava entre os lábios.

— Que cheiro bom — Elias comentou.

Mariá não soube se ele falava mesmo do café, pois tinha os olhos no rosto dela.

— Tu tem cheiro de flor de laranjeira — ele acrescentou, como se percebesse a dúvida dela.

— Ah, eu… é que… tua mãe colocou muita flor no meu cabelo e o cheiro impregnou.

— Eu gostei. — Ele lhe beijou a bochecha e Mariá abaixou o rosto na falha tentativa de esconder o sorriso. — Disse que quer se acostumar ao meu toque, isso ajuda?

— Ajuda. — Num impulso de coragem, ela retribuiu o beijo. —

Ajuda muito.

Devagar, ele moveu os braços para abraçar a cintura dela. A princípio, o corpo de Mariá ficou tenso, porém a cada segundo relaxava e se encaixava contra o peito de Elias, que apoiou o queixo em seu ombro e aspirou o aroma das tranças.

— Papai?

— Chegamos!

Os gritinhos animados vindos da varanda os afastaram de súbito.

— Essas crianças… — Elias estalou a língua e Mariá riu.

Ela o observou abrir a porta e ser quase derrubado pelos filhos cheios de saudade. Zuleide passou por eles e foi em direção à cozinha.

— Tiveram uma boa lua de mel? — A senhora abriu um sorriso largo.

Mariá quis enfiar a cabeça num buraco bem fundo e escuro. Como não tinha essa opção, virou-se para terminar de coar o café.

— Foi bom, sim.

— Deu tudo certo? — Agora havia um toque de preocupação na voz dela e Mariá a olhou rapidamente.

— É… acho que sim.

Zuleide a observou calada por segundos torturantes.

— Não aconteceu nada do que devia, né? — Cruzou os braços.

— Mainha, para de interrogar minha esposa, por favor? — Elias retornou, para o alívio de Mariá. — Vamos todos tomar café porque preciso sair daqui a pouco.

— Tudo bem…

As crianças e a senhora sentaram e Elias se aproximou da moça para ajudá-la a servir a mesa.

— Obrigada — ela sussurrou.

— Vai ficar me devendo alguma coisa em troca. — Piscou e Mariá soltou um riso surpreso, acompanhando-o até a mesa.

Os cinco fizeram a refeição envoltos nos relatos das crianças sobre a noite longe de casa, e quando acabaram de comer, Zuleide foi pegar suas coisas para voltar para casa. Seu marido retornava naquela semana e ela queria preparar o lar para recebê-lo.

— O que tu quer comer de noite, Eli? — Mariá perguntou, apoiando as costas no batente enquanto sorria animada.

— Qualquer coisa.

— Viu — revirou os olhos —, vou fazer “qualquer coisa” bem

assada.

Elias balançou a cabeça, soltando uma risada frouxa.

— Escolhe!

— Hum, o de sempre serve.

— O de sempre cozido ou frito? — Cruzou os braços e ele tornou a rir. — Tá fazendo de propósito!

— Eu não quero nada diferente.

— Mas eu quero cozinhar uma comida que tu goste!

— Tudo bem! Quero café e cuscuz com carne de sertão. E beiju.

— O beiju já tá pronto, mas faço o cuscuz, a carne e o café.

— Combinado! — Ele segurou os ombros dela e beijou sua bochecha. — Mais alguma coisa, esposa?

— Acho que nada mais. — Ela olhou para as crianças sentadas nos degraus da varanda.

— Nervosa por ficar sozinha com eles? — Elias apontou para os filhos.

— Um pouco — confessou. — Sempre cuidei dos meus irmãos, mas é uma situação diferente.

— Vou conversar com eles, espera aqui.

Ele sentou-se entre os filhos e pediu a atenção deles.

— Hoje vocês vão ficar com a Mari, tudo bem? — o pai informou e eles assentiram. — Precisam obedecer a tudo que ela mandar e não fazer nada que a deixe triste ou com medo, como sair sem avisar. Entenderam?

— Vamos ser bonzinhos. — Bento balançou a cabeça. — A gente já sabe essas coisas.

— É, papai. — Isabel deu de ombros.

— São uns anjos. — Elias riu e beijou os cachos deles.

Zuleide voltou com sua pequena mala e se despediu dos netos e do filho, tomando um tempo maior para sua nora.

— Gil vai ficar doido quando souber do casamento. — Ela riu, abraçando a moça. — Vão jantar lá em casa no sábado, aí vocês se conhecem.

— Vamos, sim.

— Se cuide, minha flor. Vou sentir saudade. — Seus olhos enrugados marejaram.

— Eu também vou — Mariá respondeu com a voz embargada e a abraçou outra vez.

Chamou as crianças para junto de si e ficaram olhando a carroça se afastar.

— Mari? — Bento puxou a barra de sua saia e ela o encarou. — Quer ajuda nas tarefas?

Mariá abriu um sorriso e assentiu.

— O que acham da gente fazer as tarefas e depois brincar de alguma coisa bem divertida?

— Amarelinha? — Isabel bateu palmas.

— Não! — Bento cruzou os braços. — Esconde-esconde.

— Os dois! — Mariá interviu antes que uma briga surgisse.

A dupla ficou satisfeita e puxaram a mais velha para começarem os trabalhos e assim poderem brincar logo. Alimentaram as galinhas, molharam a horta e limparam a casa, depois Mariá ofereceu beiju para as crianças lancharem enquanto ela preparava o almoço.

— Agora a gente pode brincar? — Bento pulou da cadeira ao ver a moça fechar a panela.

— Podemos! Amarelinha e depois esconde-esconde?

Felizmente, o menino não reclamou da ordem das brincadeiras e os três seguiram para o quintal. Marcaram o chão com os quadrados característicos do jogo e começaram.

— Sabem há quanto tempo não brinco disso? — Mariá perguntou, jogando a pedra e vendo-a cair no lugar certo.

— Tu não é muito velha, Mari. — Isabel riu.

— Não, mas já tem uns bons anos. — Ela pulou em uma perna só e se abaixou para pegar a pedra, depois concluiu o percurso.

— Mas tu se lembra ainda! — A menina bateu palmas e Mariá fez uma reverência de brincadeira.

Passaram um tempo na amarelinha e depois brincaram de esconde-esconde. Mariá pensou que seria fácil achar os pequenos; não poderia estar mais enganada. Estava a ponto de entrar em desespero quando viu um pezinho conhecido sumir atrás da cômoda do seu quarto.

— A-ha! — Colocou a cabeça no espaço minúsculo e os irmãos gritaram.

Eles saíram correndo para chegar no lugar onde ela contava e marcarem ponto, mas Mariá tinha a vantagem de ter pernas mais longas e chegou antes deles.

— De novo! — pediram, aos risos.

— Vamos comer, depois brincamos mais.

— Ah…

— Lembra do que o pai de vocês disse? Têm que me obedecer.

Eles suspiraram, porém eram muito bem-educados e seguiram a moça para a cozinha. Mariá serviu seus pratinhos e fez uma oração com eles antes de começarem a comer.

Ela sorriu ao observá-los, sentindo o carinho se enraizar cada dia mais fundo em seu coração.

***

Elias passou o dia pensando na família, em especial em Mariá, e assim que saiu do trabalho atiçou o burro para chegar logo em casa. Não se tratava de desconfiança a respeito da esposa, e sim da ciência de que às vezes os filhos não eram tão angelicais e poderiam tê-la deixado de cabelo em pé, caso fosse um de seus dias arteiros.

Contudo, grande foi a sua surpresa ao entrar em casa e ver o trio sentado tranquilamente no chão da sala.

— Papai! — As crianças correram para abraçar suas pernas.

— Tudo bem por aqui? — Ele as conduziu para perto de Mariá outra vez e sentaram-se juntos no chão.

— Sim! A Mari é muito legal. — Bento se aproximou da moça e deitou a cabeça em seu peito, recebendo um cafuné.

— E vocês também. — Ela sorriu para ambos.

— O que estavam fazendo? — Elias apontou para as peças de dominó entre eles.

— A Mari ensinou a gente a jogar, papai. — Isabel balançou o corpo, eufórica.

— Quer dizer que nunca tinha jogado com eles? — Mariá cruzou os braços e estalou a língua.

— Meu plano era esperar um pouco até apresentar a jogatina aos meus filhos. — Ergueu as sobrancelhas.

— Não é jogatina! É divertido.

— Vamos continuar. — Bento pegou suas pedras e jogou, depois apontou para ela. — É tua vez, Mari.

— Hum, que jogada inteligente, Bentinho. — Mariá coçou a cabeça.

— Viu, papai? Sou inteligente. — O menino sorriu todo orgulhoso e o pai passou a mão pelos cachos dele.

— Pronto, acho que joguei certo. — Mariá bateu suas últimas duas pedras uma na outra. — Pode jogar, Bebê.

— Só tenho uma. — A menina olhou para o pai, fazendo beicinho.

— Isso é ótimo, filha! — Elias riu. — Tu ganhou.

— Ganhei? O que eu faço?

— Só cola a pedra.

Isabel colocou a língua no canto da boca e deslizou a peça até a ponta correspondente.

— Tem que dizer “bati”. — Bento lembrou a instrução.

— Bater é feio!

Os dois adultos contiveram o riso.

— Se diz isso porque tu bate a peça quando ganha — Mariá explicou, pegando a peça dela e batendo no chão.

— Ah! — Isabel a imitou. — Gostei! De novo, de novo.

Elias se juntou a eles na próxima partida e os quatro jogaram até o horário do café. As crianças foram lavar as mãos e Elias aproveitou a privacidade para falar com a esposa.

— Correu tudo bem mesmo? — Ele segurou as mãos dela.

— Sim, eles são uns amores. Me ajudaram nos afazeres e também brincamos muito. — Ela soltou um suspiro cansado. — Lembrei que não sou mais uma menina.

— Já, já tu acostuma com a energia deles. Eu também fiquei desesperado no início. — Riu.

— Amanhã vou na casa da Judite, aí eles brincam com o Pedrinho e nós duas descansamos.

— Boa ideia.

— Vai se lavar pra comer o que fiz pra tu. — Ela apertou as mãos dele, ansiosa.

Elias obedeceu; se lavou, trocou de roupa e sentou à mesa para desfrutar do alimento. Ficou olhando a esposa colocar a comida e notou como aquilo era importante para ela.

— Hum, que cheiro gostoso. — Esfregou a barriga quando o prato de cuscuz com carne foi colocado diante dele. Levou uma colher cheia à boca e caprichou nas expressões ao saborear. — Meu Deus! É o melhor cuscuz que já comi.

— Tá falando isso só pra me agradar. — Ela achou graça, servindo os pratos das crianças.

— Não! Tá muito gostoso, né, filhos?

— Muito! — responderam com as bocas cheias.

Mariá deu um sorriso tímido e começou a comer também. A refeição foi tranquila e depois a família se reuniu na sala para escutar o rádio.

As crianças adormeceram no colo do casal e, ao fim do programa, eles os levaram para o quarto, depositaram um beijo em suas bochechas e foram deitar também.

Era o fim do primeiro dia daquela família.

14| DE OLHO EM MIM



— Vamos comprar merenda! — Bento ergueu os braços ao ver a praça da cidade se aproximando.

Era sexta e Judite convidou a família para ir ao rio no dia seguinte a fim de comemorar o seu aniversário. Ela ficaria responsável pelo almoço e Mariá pelo lanche.

— Papai, a gente pode comprar biscoito de polvilho? — o menino perguntou, enquanto Elias o ajudava a descer da carroça.

— Podemos, sim.

— E o que mais? — Isabel segurou a mão de Mariá para seguirem até o mercadinho.

— Fubá pra fazer um bolo — a moça respondeu.

— E doces?

— Uma bala pra cada e só — Elias advertiu. — Vou deixar escolherem.

Os irmãos ficaram entusiasmados e assim que entraram no comércio, correram para perto dos potes de doces empilhados na bancada.

Mariá pegou o que precisava e Elias pagou junto dos pirulitos coloridos de Isabel e Bento. Depois, a família seguiu para a feira a fim de comprar outros itens para a dispensa.

— Farinha? — Elias apontou e Mariá assentiu, olhando a pequena lista feita por ela.

O marido havia lhe incentivado a, sempre que possível, escrever e ler para resgatar e preservar seus conhecimentos. Ela adorava anotar as listas de compras, os cânticos, versículos e palavras favoritas, mas ler a Bíblia com Elias todas as manhãs, sem dúvidas, era a melhor das atividades.

— Agora o café. — Mariá dobrou o pedaço de papel e o guardou no

bolso da saia. — Alguém precisa maneirar…

— Mari — ele passou o braço pela cintura dela —, nem em cinquenta anos de casamento vai conseguir me fazer parar de tomar café.

— Parar, não, mas diminuir a quantidade de canecas, talvez.

— Tua fé é linda.

A moça riu, balançando a cabeça para os lados.

— Olha, a vovó! — Bento apontou e viram Zuleide acenando da barraca ali perto. — A gente pode ir lá?

— Pode, mas já vamos embora daqui a pouco.

Eles correram até a senhora e o casal parou para comprar o café.

— Olhem só se não é meu casal favorito! — Ulisses abriu um sorriso largo. — A moça te enfeitiçou mesmo, hein, Elias?

— Eu seria capaz de pagar cem mil cruzeiros pra tu encher esse saco bem caladinho. — Elias ergueu a sobrancelha.

— Mas tu não tem cem mil cruzeiros. — Ulisses riu. — Sabe, Dona Mariá, nunca tinha visto meu amigo tão desesperado. Ele queria mesmo te salvar.

— É? — A moça olhou para o perfil de Elias.

— Ô, se é! Estava determinado a impedir que aquele bandido levasse tu, nem se importou se era perigoso ou não.

— Tu fala demais, Ulisses. — Elias revirou os olhos.

— E não foi assim?

— Foi, mas não precisa ficar repetindo toda vez que nos vê. Chega desse assunto, é passado. A Mariá tá bem e segura agora, pode esquecer esse dia.

— Sim, senhor. — O vendedor deu uma risadinha e terminou de encher o saco, entregando para ele em seguida.

Elias pagou e tratou de puxar Mariá consigo para a próxima barraca.

— Esse Ulisses é um linguarudo, eu nem… — Ele parou de falar ao perceber o olhar fixo da esposa em seu rosto. — O que foi?

— Quer dizer que nem hesitou em me salvar? — Era *ela* quem parecia encantada.

— Não foi nada de mais. E já passou, nem pense em ficar “muito grata” ou qualquer coisa assim.

— Na verdade, tava pensando em outra coisa. — Deu um sorriso tímido.

— É?

— Uhum. Tu é mesmo como um personagem que conheci quando menina. Fiquei apaixonada por ele por um bom tempo.

Aquela informação fez um sorriso erguer os lábios do homem.

— Um herói? Como ele era?

— Ah, muito forte! E sempre ajudava as pessoas em perigo. Era também muito lindo, gentil, protetor, cuidadoso e… — Ela parou ao perceber o sorriso dele se alargando. Mordeu o lábio, constrangida por, indiretamente, estar elogiando-o tanto. — Era um cordel bem divertido, só isso.

— Eu pareço ele? — Elias cruzou os braços e estufou o peito, causando o riso da moça. — Foram tuas palavras.

— Parece, sim. E essa cicatriz torna tudo melhor, é um charme.

— Gosta da minha cicatriz? — Arregalou os olhos.

— Não pela forma como aconteceu! — Agitou a cabeça. — Só acho uma característica marcante em tu.

— Nenhuma moça nunca me disse isso.

— É bom ser a primeira então. — Mariá ajeitou uma trança atrás da orelha.

— Vou começar a me sentir especial, já que…

A voz dele sumiu aos poucos para Mariá quando viu um rosto conhecido entre os visitantes da feira. Sua visão se enevoou e após piscar várias vezes, a imagem finalmente ficou nítida, fazendo-a cravar as unhas no braço do marido e estancar os passos.

— Mari? — ele chamou. — O que foi?

— Ela tá aqui — balbuciou, os olhos cheios de lágrimas.

— Quem?

— Mainha. Ela tá ali.

— Ali onde? — Elias olhou ao redor.

— Aquela com a sacola — seu dedo trêmulo apontou na direção —, conversando com o vendedor de farinha.

— Não quer que ela te veja?

— Eu não sei — respondeu baixinho.

— Tudo bem. — Ele se colocou entre ela e a visão da mulher, segurando seus ombros. — Vamos esperar ela ir.

Elias a guiou até estarem entre duas barracas e puxou a moça contra o seu peito. Ele vigiou até a mulher se afastar e sumir num beco. Esperou alguns minutos para ter certeza de que não voltaria, então informou à esposa.

Mariá afastou-se um pouco e olhou na direção onde a mãe outrora

esteve.

— Quer ir embora? — Elias perguntou. — Posso comprar o resto outro dia.

— Não, ela já foi. Vamos continuar.

Mariá não desgrudou do braço de Elias e frequentemente inspecionava os arredores, temendo que a mãe surgisse de novo e a levasse para longe dali.

Ela não tem mais direito sobre mim, repetia sempre que o medo ameaçava lhe paralisar.

— Mari? — Isabel puxou sua blusa ao ser ignorada. — Não tá me ouvindo?

— Desculpa, meu amor. — Ela voltou-se à pequena. — O que foi?

— Me carrega. Tô cansada.

Mariá sorriu e pegou a menina nos braços, apertando-a contra si na busca por segurança. Recebeu beijinhos na bochecha que lhe acalmaram sobremaneira.

— Quer dizer que vão ao rio amanhã? — Zuleide se aproximou com Bento em seu colo. — E nosso jantar? Já comprei as coisas pra preparar um banquete, viu?

— Vamos vir, mainha — Elias garantiu.

— É? As crianças vão se cansar de nadar.

— A gente vai ficar só até depois do almoço, dá tempo de elas dormirem de tarde.

— Hum, acho bom. — A senhora ergueu a sobrancelha para ele e depois encarou Mariá. — Tudo bem, minha flor? Tá meio pálida.

— Não tô me sentindo muito bem. — Forçou um sorriso.

— Deve ser fome. Deem uma passadinha lá em casa.

— Hoje não, a gente tem muito o que fazer em casa. — Elias pegou Bento do colo dela. — Preciso aproveitar a folga pra resolver algumas coisas.

— Trate de consertar aquela porteira, tá fazendo vergonha de tão emperrada.

— Sim, senhora. Agora já vamos, até amanhã. — Elias deu um beijo apressado na testa dela, desejoso de escapar de suas listas de pendências.

Despediram-se e Mariá suspirou aliviada quando sentou na parte de trás da carroça com as crianças, rumando de volta para casa.

***

A noite foi difícil para Mariá. A imagem da mãe na feira perturbou seu sono e desencadeou lembranças doloridas. Contudo, ao acordar pela manhã, decidiu fingir que nada acontecera.

Até aquele encontro bagunçar seus sentimentos, estava animada para ter uma manhã divertida com seus amigos e família, e não queria deixar de aproveitar o passeio, nem estragar o clima alegre.

Vestiu um sorriso e empurrou o ocorrido e os pesadelos para o fundo de seu coração.

— Vamos nadar! — Isabel ergueu os braços quando desceu da carroça e ameaçou correr para a água, sendo impedida pelo pai.

— Calma, peixinha. Precisa esperar todo mundo.

— Rápido, gente!

O grupo seguiu junto para perto do rio e as mulheres estenderam uma toalha com o objetivo de sentarem e deixarem suas coisas.

Bento e Pedro logo tiraram a camisa e jogaram na toalha. Estevão, marido de Judite, fez o mesmo e acompanhou os meninos até a água.

— Me ajuda, papai! — Isabel lutava para tirar o vestido, entalado na cabeça.

Elias segurou o riso e auxiliou a filha, depois ajeitou o conjunto de blusa e shorts que ela usaria para nadar.

— Vocês duas não vêm? — ele perguntou.

— Vou mais tarde. — Mariá forçou um sorriso e fingiu ajeitar a toalha para fugir das vistas dele.

— Eu também. — Judite se deitou na toalha. — Essa sombra tá uma delícia!

— Tudo bem, então eu e minha peixinha vamos sozinhos, né?

— Sim!

Mariá olhou de canto quando Elias começou a tirar a camisa, mas foi virando à medida que o abdômen do homem era exposto.

— Segura pra mim, Mari? — Ele estendeu a camisa e Mariá ergueu o braço devagar, pegando a peça.

Ela seguiu os passos dele quando pegou Isabel e foi se juntar aos outros no rio.

— Mais um pouco e tu baba, minha amiga. — Judite deu uma batidinha no queixo dela, fazendo-a fechar a boca.

— Quê? — Balançou a cabeça e repousou a camisa no colo.

— Ah, vai se fazer de sonsa pra cima de mim? — Gargalhou.

— Judite! — Mariá a empurrou de brincadeira, rindo também. — Não fala besteira.

— Oxe! E o que tem de mais em admirar teu marido? Ele é teu pra desfrutar.

— Desfrutar?

— Olhar… tirar pedaço…

Mariá soltou uma risada tímida.

— Nem aconteceu nada entre nós ainda.

— Nem um beijinho? — Judite sentou-se de uma vez.

— Não. Eu pedi pra irmos com calma. — Apertou os lábios. — Quero muito beijar o Elias, mas fico paralisada só de imaginar isso acontecendo. Aquele maldito do Luiz me marcou mais do que eu gostaria.

— Entendo, de verdade. — Judite afagou as costas dela. — E o Elias é um homem bom, vai te esperar.

— Sim, ele tá sendo um príncipe! E o melhor de tudo… — ela mordeu o lábio, contendo um sorrisinho — … é que o Elias não se afastou de mim depois que pedi esse tempo. Ele tá se aproximando devagarinho, beijando minha bochecha, me abraçando…

— E tu tá toda apaixonada! — Judite bateu palmas.

— Fazer o quê? — Deu de ombros, rindo.

— Quem sabe esse beijo sai hoje, hein? — Cutucou a barriga dela. — Um beijinho molhado, nesse cenário lindo… ai, meu coração! Faça acontecer, Mari.

— Só tu mesmo, viu? — Mariá riu com gosto.

— Ah, minha amiga, torço muito por esse casal! O meu vizinho bicho do mato precisava de uma mulher na vida dele. As crianças lhe deram muita alegria, mas tu também tá dando.

— Espero fazer ele feliz como tá me fazendo. — Mariá apoiou o queixo nos joelhos. — Dite?

— Pode falar.

— Eu queria saber uma coisa, sobre as crianças e o acidente. — Mudou de posição, deitando a cabeça para ver a amiga. — Mas não quero perguntar pro Elias, percebi a tristeza em seus olhos quando fala sobre essa noite e os dias difíceis depois dela.

— Pergunte, sei de quase tudo sobre isso.

— Por que o Elias ficou com os sobrinhos? Quer dizer, é mais comum os órfãos ficarem com os avós em casos assim.

— Os pais do José, cunhado do Elias, não quiseram ficar com os netos. — Judite soltou um resmungo descontente. — Já a Zuleide e o marido até queriam, mas Elias insistiu em adotar os sobrinhos. Ele era muito apegado à Sandra, ficou em festa quando os pequenos nasceram e se esforçava pra ser um tio perfeito. Depois do acidente, Isabel e Bento foram a força pra ele sair daquela depressão terrível! A Bebê ficou marcada por um tempo, a saudade dos pais a deixou agitada, chorava demais, e o Bentinho teve pesadelos por meses, sem falar no pavor de cavalos até pouco tempo atrás. Acho que Elias sabia que, se ficasse com eles, iam se curar mais rápido. Os três sofreram juntos e se recuperaram juntos.

— Ele é um pai maravilhoso, nasceu pra isso. — Mariá sorriu, observando o homem brincar com os filhos na água. — Sou agraciada por ter sido escolhida por ele.

— Fica sossegada, ele também foi muito agraciado e sabe disso. — Judite piscou. — No fim, Deus juntou vocês pra serem uma família.

— Tenho certeza disso. E aposto que Ele fez a mesma coisa com tu e o Estevão, são tão bons juntos.

— Ele me dá juízo. — Judite encolheu os ombros enquanto sorria. — E eu torno a vida dele divertida. Eu e minha cópia, o Pedrinho. E por falar nisso, tenho certeza de que os dois tão tramando uma festa surpresa pra mim amanhã.

Mariá piscou repetidas vezes e tentou articular uma resposta que a desmentisse.

— Festa surpresa? — Soltou uma risadinha falsa. — Tu acha?

— Acho. E tu mente *muito* mal.

— Não sei de nada disso. — Virou para o rio e Judite deu risada, sacudindo a cabeça.

Mariá olhava para o grupo quando escutou um barulho atrás de si. Virou o pescoço rápido, com um calafrio subindo pela espinha.

— O que foi? — Judite olhou na mesma direção.

— T-tem alguém aqui. — Mariá ficou de pé, passando as vistas pelas árvores. — Escutei um barulho, parecia um galho quebrando.

— Não tô vendo ninguém. Tem certeza?

— Eu vi mainha na feira, e se for ela? Ou meu pai? Ou pior! — Ela deu vários passos para trás. — Pode ser o Luiz! Ele me achou, ele…

— Ei! — Mãos molhadas seguraram seus ombros e ela se virou para Elias. — O que aconteceu?

Mariá contou sobre o barulho cheia de nervosismo e Elias prontamente se pôs a vasculhar a área, enquanto ela esperava aflita dentro do abraço de Judite.

— Não tem nada. — Ele voltou correndo. — Deve ter sido uma preá.

— Certeza? — A esposa se aproximou. — Olhou direitinho, Eli?

— Olhei, meu bem. — Ele segurou o rosto dela. — Foi só uma impressão.

Ela balançou a cabeça, ainda trêmula.

— Vamos pra água — Judite sugeriu —, assim tu se distrai.

— Boa ideia! — Elias sorriu e a soltou.

Hesitante, Mariá tirou o vestido que usava por cima da bermuda e da blusa e seguiu os dois para o rio. Ficou de costas para a margem, tentando ignorar o medo.

Notando seu estado, Elias se aproximou devagar, envolveu sua cintura e sorriu para ela.

— Nada como um banho de rio pra esquecer dos problemas. — Ele beijou seu nariz e ganhou um riso suave, além dos braços dela em volta de seu pescoço. — Queria muito vir aqui com tu.

— É?

— Uhum. Era meu passatempo favorito quando criança.

— Somos parecidos nisso, sempre gostei de água, sabia?

— Adorei descobrir. — Elias levou o rosto para mais perto e Mariá prendeu a respiração, pensando se o desejo de Judite se realizaria.

Seus olhos fecharam devagar e estava pronta para ter seu primeiro beijo quando uma onda fria atingiu seu rosto e risadinhas infantis encheram o ar.

— Ah, tu não fez isso. — Elias virou para a filha, enxugando as gotas do rosto.

Isabel gargalhou, começando a nadar para trás. O pai foi mais ágil e a agarrou, erguendo-a no ar.

— Elias! — Mariá gritou quando ele soltou a menina na água e ela afundou. — Ficou maluco?

Ela estava prestes a mergulhar para buscá-la quando Isabel emergiu, rindo muito.

— De novo! — Ela nadou para perto do pai.

— Ai, que susto! — A moça deu um tapa nas costas do marido.

— Que foi, Mari? — Isabel inclinou a cabeça.

— Ela pensou que tu ia se afogar, peixinha! — Elias encarou a esposa, zombeteiro.

— O papai nunca deixa eu me afogar — a pequena respondeu —, ele fica me olhando. — Beijou a bochecha dele e fitou Mariá. — Teu papai também é assim, Mari?

Elias olhou de imediato para a esposa, preocupado com a forma que ela receberia aquela pergunta. A princípio, seu semblante se fechou, porém, após alguns segundos de reflexão, Mariá sorriu e assentiu para a menina.

— Ele é sim, Bebê. Não deixa eu me afogar, porque também nunca tira os olhos de mim.

Ela lançou um olhar significativo para Elias e ele entendeu imediatamente de Quem ela falava.

15| UM NOVO ESTÁGIO DE INTIMIDADE



— Me sinto grávida de uns três meses. — Mariá alisou a barriga estufada.

Haviam acabado de chegar do jantar na casa de Zuleide e Gilberto, uma noite regada à comilanças e risadas. Mariá comprovou as palavras da sogra sobre o marido, ele era engraçado e não perdia uma piada, formava uma dupla perfeita com a esposa e o carinho ficava nítido nas interações deles.

— Tem espaço pra seis meses ainda. — Elias ajeitou o filho sonolento no colo.

— Seis pedaços de bolo de tapioca? — Ela levou a mão à boca e o marido deu risada.

— Aguentaria?

— Acho que sim.

— Ia morrer com a barriga cheia de bolo.

— Ia morrer feliz. — Piscou, fazendo-o rir de novo.

— Bebê de tapioca? — Isabel levantou a cabeça do ombro de Mariá.

— Boa ideia, né?

— Esquisito. — Fez uma careta e Mariá escutou outro riso atrás de si.

— Teu pai só sabe rir de mim, Bebê, não dá corda.

— Tô com soninho demais, Mari.

— Oh, meu amor, então vamos dormir. — Apoiou a cabecinha dela em seu ombro de novo.

O casal levou os irmãos para o quarto e, como ainda estavam acordados, fizeram uma oração antes de deixá-los dormir. Depois, eles se

arrumaram e foram deitar também.

Mariá tinha acabado de fechar os olhos quando escutou um barulho vindo da janela e sentou-se de uma vez na cama.

— Eli? — Balançou o ombro dele e ganhou um resmungo de volta. — Tu ouviu isso?

— Não ouvi nada. Vai dormir.

Ela ficou parada, prestando atenção. Não demorou para o barulho se repetir.

— Elias!

— Tu tá imaginando coisas. — O homem virou para ela com o rosto sério. — Primeiro lá no rio, agora aqui em casa. Te aquieta e dorme, pelo amor de Deus.

— E-eu não tô imaginando. — Mariá se assustou com a aspereza. — Por favor, vamos ver se não é…

— Tenha certeza, é coisa da tua cabeça. — Elias sentou-se e a empurrou pelos ombros para se deitar.

— Eli…

— Dorme, Mariá. — Franziu o cenho e ela se encolheu.

Ele deitou de costas para ela e não demorou para voltar a dormir. E também não demorou para o barulho se repetir.

A moça ergueu a mão para chamar o marido outra vez, mas mudou de ideia e levantou-se da cama. Se ele não queria lhe ajudar, verificaria sozinha.

Devagar, deixou o quarto para trás e cruzou a sala, saindo pela porta da frente. Uma brisa gélida causou arrepios em seus braços e nuca, e ela abraçou o próprio corpo na tentativa de se aquecer.

Cada passo para mais perto dos fundos da casa gerava um novo aperto em seu peito, porém continuou andando. Precisava saber quem estava lhe seguindo e adicionando medo aos seus dias até então perfeitos.

O barulho tornou a alcançar seus ouvidos. Parecia algo rangendo, mas não havia piso de madeira por ali. Mariá prendeu o fôlego quando virou na esquina da casa, mas não encontrou ninguém.

— Eu tô mesmo ficando doida, o Elias tem razão.

Ela enxugou uma lágrima teimosa e sentou-se no chão, observando a escuridão do terreno vizinho.

— Meu Deus, o que…

Sua prece foi interrompida quando alguém puxou seus cabelos por trás. Mariá se debateu e tentou escapar, mas ao virar a cabeça e ver o rosto de

Luiz, paralisou por um momento.

— Eu vim buscar o que é meu — o homem disse e deu um riso perverso, arrastando-a para dentro da escuridão.

— Não! — Mariá se debateu em meio ao pesadelo, fazendo o lençol se agitar.

— Ei, o que foi? — Elias sentou-se ao seu lado e tentou segurar seus braços, mas a moça esperneava e os agitava para longe do toque dele. — Mariá, sou eu.

— Não me machuca, por favor, não me machuca.

— Eu não vou te machucar.

— Por favor… — Sua voz saiu estrangulada.

— Olhe pra mim. — Balançou o corpo dela até seus olhos abrirem.

Esperou que a calma a atingisse ao vê-lo, mas lágrimas grossas começaram a rolar e seu semblante era de pura dor.

— Não, por favor, não.

— Sou eu. — Elias segurou a mão dela e levou ao seu rosto, fazendo-a tocar a cicatriz. — Lembra? Teu herói de cordel.

A moça percorreu os dedos pela cicatriz no rosto dele. Aos poucos, o choro foi embora e a clareza voltou às íris enevoadas.

— É tu. — Ela segurou a gola da camisa dele e o puxou para si.

Os dois então deitaram próximos, como nunca se permitiram estar, e Mariá afundou o rosto no peito de Elias.

— Sou eu, minha flor de maracujá, o Elias.

Ela ergueu o rosto e esboçou um sorriso trêmulo.

— Tu me tirou de lá. Do pesadelo. — Os dedos dela afagaram a bochecha dele, sentindo os pelos da barba os espetarem.

Elias não resistiu à proximidade e ao toque suave dela e trouxe os lábios para junto dos seus. Um roçar delicado à meia-luz.

— Eli — ela sussurrou a poucos centímetros do rosto dele. — Posso pedir uma coisa?

— Claro, meu bem, qualquer coisa.

— Tô com medo, ora por mim?

— Ótima ideia. — Ele sorriu e uniu suas testas. — Senhor, tira o medo do coração da minha Mariá, faz sua alma aquietar debaixo de Teu cuidado e afasta todo mal da vida dela, até mesmo dos sonhos. Cobre ela com Tuas asas e não a deixa esquecer que Tu sempre a vê e nunca a perde de

vista. Em nome de Jesus, amém.

— Amém — ela respondeu com voz chorosa.

— Vou fazer um chá pra tu. — Ele ameaçou levantar, mas foi impedido por Mariá, que agarrou sua camisa.

— Não vai, fica comigo — implorou. — Não quero chá, nem nada mais, só tu.

— Tudo bem, não vou sair. — Elias voltou a deitar e a abraçou forte. — Tá segura aqui, meu bem, fica sossegada.

— Eu te amo — Mariá disse baixinho, olhando nos olhos dele, e viu a mistura de surpresa e satisfação tomar suas feições.

— Eu também te amo, te amo muito. — Beijou a cabeça dela. — Tu torna minha vida melhor, sabia?

— É mesmo?

— Uhum. Eu tava acostumado a viver só com as crianças, mas tinha uma parte de mim bem solitária. Nem cheguei a falar pra Deus como me sentia, mas Ele entendeu e te mandou pra dividir as alegrias e fardos comigo.

— Nossos corações têm muitas marcas, né? Mas também tão sendo muito bem cuidados por Deus.

— Exatamente. Vejo os sinais da Providência em tudo até aqui, por isso fico tranquilo quanto ao futuro.

O silêncio confortável os envolveu e Mariá fechou os olhos na intenção de aproveitar o aconchego dos braços de Elias para dormir. Todavia, não demorou para lampejos do pesadelo a assombrarem, e ela soltou um resmungo frustrado.

— O que foi? — Elias perguntou. — Lembrando do pesadelo?

— Sim — choramingou. — Ele pareceu tão real. Foi igualzinho a quando chegamos aqui em casa, mas depois tu agiu estranho comigo. Devia ter acordado naquela hora, porque tu nunca faria pouco caso do meu medo.

— Não mesmo. — Ele afagou seu rosto.

— Ah, Eli, por ter sido parecido com a vida de verdade, fico ainda mais tensa. — Sacudiu a cabeça. — Queria esquecer cada parte desse pesadelo. O dia foi maravilhoso, quero terminar ele assim também!

Elias assentiu e pensou por alguns instantes, até uma ideia brilhar em seus olhos.

— Posso tentar fazer tu esquecer? — ele perguntou baixinho e levou a mão ao rosto de Mariá, acariciando com o seu dorso.

Ela soltou o ar preso em seus pulmões e decidiu pôr um ponto final

em toda hesitação, pois enfim confiava por inteiro em Elias.

— Sim, por favor — respondeu num sussurro.

Não havia uma grama de hesitação em Elias, ele afundou os dedos nas tranças dela e a beijou como vinha sonhando em fazer. Mariá sentiu-se leve e segura sob o toque dele.

Envoltos pela penumbra da madrugada, se uniram através de um amor conjugal, tornando-se um.

Antes daquela noite, Mariá temia sentir-se apenas um objeto controlado por alguém, mas Elias provou que ela era verdadeiramente preciosa para ele.

Desfrutaram de uma mistura de beleza, reverência e cuidado mútuo. E Elias realmente a fez esquecer de qualquer outra coisa além do amor que tinham.

16| UMA SURPRESA À ESPREITA



— É a terceira vez que tento fazer uma festa surpresa pra Dite — Estevão desabafou, ajeitando os brigadeiros em volta do bolo retangular no centro da mesa. — Acho que esse ano ela não desconfiou de nada.

Mariá juntou os lábios numa linha e tentou se manter concentrada na tarefa de arrumar os suspiros, mas sentiu a mão de Elias apertar sua cintura, então olhou para ele. O homem ergueu as sobrancelhas e ela deu um sorriso culpado.

— Tenho certeza de que ela vai ficar toda feliz quando chegar — Elias disse ao amigo. — Aquela mulher é doida por festas.

— É, eu sei. — Estevão riu, afastando-se para ver a decoração finalizada.

Além do bolo e dos doces, alguns balões e serpentinas coloridas adornavam a sala da casa.

— Tudo bem, acho que tá bom.

— Tá ótimo! — Mariá garantiu. — Quer que eu junte os convidados?

— Faz isso pra mim, por favor. Vou buscar as duas.

Mariá assentiu e chamou os amigos próximos e familiares para se agruparem na sala, enquanto Estevão ia buscar a esposa, levada à casa da prima num plano de distração.

O cômodo era pequeno, formando uma aglomeração. Mariá se encolheu com Elias num cantinho e, de maneira quase automática, ambos procuraram a mão do outro e entrelaçaram seus dedos.

Havia algo novo rondando os dois desde que acordaram naquela manhã, e cada mínimo toque parecia significar mais do que antes.

— Ela tá vindo! — alguém perto da porta sussurrou.

A expectativa tomou conta do espaço e todos se prepararam para gritar quando a aniversariante chegasse.

— O que tu quer que eu veja? — A voz de Judite indicou sua proximidade.

— Tá na sala — Estevão respondeu mais alto que o normal.

No instante seguinte, Judite abriu a porta e todos gritaram “surpresa”. A mulher levou as mãos à boca e arregalou os olhos.

— Estevão! — Ela virou-se para o marido. — Organizou isso pra mim?

— É claro. — O homem sorriu todo orgulhoso. — Gostou?

— Muito! Obrigada, benzinho. — Lançou seus braços em volta do pescoço dele.

— Ela é uma atriz das boas — Elias cochichou para a esposa.

— Vou pedir umas aulas. — Mariá abafou o riso.

— Ah, não precisa. — Ele fez uma careta.

A aproximação da aniversariante atraiu a atenção dos dois e se uniram à nuvem de felicitações e carinho em volta dela. Judite se colocou atrás da mesa do bolo e cantaram os parabéns.

— O primeiro pedaço do bolo vai pra quem? — Zuleide perguntou.

— Meu marido lindo, é óbvio. — Ela riu e deu um beijo rápido no homem ao seu lado.

— E eu, mainha? — Pedro fez beicinho.

— Claro que não esqueci do meu menino lindo! — Ela o pegou no colo. — Pra tu, o primeiro brigadeiro.

— Eba! — Ele aceitou o doce favorito.

O calor fez as pessoas começarem a se dispersar para a varanda, enquanto os pratinhos com bolo e doces eram arrumados.

— Vai fazer sala, Dite. — Estevão tirou os pratos da mão da esposa. — A gente arruma aqui.

A mulher concordou e puderam escutar dali sua voz animada falando com as pessoas.

Pedro, Isabel e Bento quiseram ajudar a servir; suas mãozinhas seguraram firme os pratos – como os adultos mandaram – e saíram em fila para distribuí-los.

Quando todos os convidados já tinham recebido os doces, começaram a preparar seus pratos também. Assim que Estevão saiu com o filho, Mariá

notou Zuleide se aproximando dela com um sorrisinho suspeito.

— Tu tá diferente — ela observou, colocando um beijinho em seu prato.

Mariá já esperava alguma observação da atenta sogra, então não foi pega desprevenida.

— É por causa do bebê — Isabel respondeu, distraída com o bolo que o pai servia para ela.

— Bebê? — Zuleide esbugalhou os olhos. — Mas já? Como? Quer dizer, vocês tão casados há pouco tempo e…

— Vovó — Isabel soltou um suspiro exagerado —, é de tapioca.

— Quê?

— O bebê.

Elias se apiedou da confusão no rosto da mãe e interviu:

— É brincadeira, a Mari disse ontem que parecia grávida depois de comer tanto do teu bolo.

— Acho que ainda é esse o meu problema. — Mariá riu. — Falta completar a digestão.

— Mas não é um diferente ruim que vejo no teu rosto. — Zuleide tombou a cabeça e se aproximou mais da moça.

— Só tô feliz. — Mariá se esforçou para não olhar para Elias e se entregar.

— Isso é bom. — Zuleide parou de lhe analisar e sorriu com carinho. — Te ver feliz me deixa feliz, minha flor.

A moça respondeu deitando a cabeça no ombro dela e abraçando sua cintura.

Servidos, a família foi se juntar aos demais na varanda. Isabel e Bento grudaram nos avós e eles sentaram com os netos no colo; Elias vasculhou a varanda e achou duas cadeiras livres para ele e Mariá.

— Acredita que meu tornozelo ainda dói um pouco quando fico muito tempo em pé? — ela desabafou, esticando a perna diante de si.

— Jura? — Elias uniu as sobrancelhas.

— Uhum. Fiquei de um lado pro outro ajudando a arrumar a festa e já tô sentindo.

— Vem aqui. — Ele levou as pernas dela ao seu colo e começou a massagear a região dolorida. — Melhor?

— Bastante. — Ela recostou na parede atrás de si e esboçou um sorriso. — Sempre me ajudando a ficar confortável, né?

— É um dos meus objetivos de vida. — Piscou e ela riu.

A festa se animou quando uma seleção das músicas favoritas de Judite começou a ser tocada por viola, sanfona e triângulo. O gosto musical da mulher era condizente com sua personalidade, e logo o som do baião encheu o ar.

— Papai, vamos dançar! — Isabel agarrou a mão do homem.

— Ah, não vou, não.

— Vai, sim. — Mariá empurrou suas costas.

— Meu Deus! — O homem jogou a cabeça para trás antes de deixar a menina risonha o arrastar.

De mãos dadas com o pai, Isabel se remexeu de um lado para o outro, e logo a expressão rabugenta de Elias se transformou em um sorriso. Ele carregou a filha no colo e segurou sua mãozinha, balançando com ela no ritmo da música e fazendo risadas encherem o ar.

“Se essas ruas, se essas ruas fossem minhas
Eu pregava cartaz
Eu comprava um spray
Escrevinhava nelas todas, Jesus is only way”[4]

Elias dançou duas músicas antes de chegar ao seu limite de extroversão.

— Pronto! — Ele sentou-se com Isabel em seu colo.

— Quantas vezes por ano vai dançar com ela? — Mariá provocou.

— Duas.

— Ah! Por que comigo é só uma?

— Quer aproveitar meu bom humor e dançar agora?

— Hoje não quero.

— É o bebê? — Isabel tombou a cabeça.

— Não, meu amor. — Mariá riu. — Já resolvi isso.

— Papai? — Ela ergueu o rosto para ele. — Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Como se faz bebês?

Gilberto soltou uma risada alta e ganhou um tapa de Zuleide, que também não conseguiu esconder o riso. Elias ficou pálido e começou a gaguejar, já Mariá não sabia se ria ou ajudava o marido na explicação.

— Filha… — Elias coçou a barba. — Que pergunta, hein?

— Oxente. — Isabel fez uma careta. — Vem do bolo ou não?

— Não, não vem de lá.

Ela continuou lhe encarando, deixando claro que queria uma resposta.

— Então…

— Isabel! — Bento veio correndo com uma bola na mão. — Vem brincar com a gente.

— Eba! — Ela pulou do colo do pai e correu atrás do irmão.

Elias soltou um suspiro alto e esfregou o rosto.

— Graças a Deus! Nunca tinha passado por isso, misericórdia!

— Achei que tu ia desmaiar. — Gilberto ainda ria.

— Ela devia ter te perguntado — Elias estreitou os olhos. — Aí tu ia ver o que senti.

— Vou pegar uma água pro coitado do meu marido. — Mariá deu um selinho nele e se levantou.

— Preciso mesmo. — Elias fez uma careta de sofrimento e ela riu.

Alcançou a cozinha da casa e enchia um copo no filtro de barro quando Judite entrou no cômodo com um sorrisinho.

— Eu vi, viu?

— O quê? — Mariá franziu o cenho.

— Tu e o Elias! Pra dar aquele selinho de casal casado, já deve ter seguido meu conselho.

— Vocês são terríveis! — Ela sacudiu a cabeça.

— Nós?

— Tu e Zuleide, fiscais do nosso casamento.

— Ai. — Levou a mão ao peito. — Tá brava?

— Não, não tô. — Revirou os olhos e deu um meio sorriso. — Tudo o que precisa saber é que ser casada é muito bom.

Judite ficou boquiaberta, depois soltou uma risada alta e abraçou a amiga, dando pulinhos.

— Finalmente!

— Pelo amor de Deus. — Mariá riu, espremida nos braços dela. — Não esperava tanta alegria.

— Só quero teu bem. — Afastou-se e a segurou pelos ombros. — Quero ver vocês sendo uma grande família feliz, quem sabe com mais umas crianças fofas.

Mariá riu, lembrando de Isabel.

— Obrigada, Dite. Tu é uma amiga maravilhosa.

— Imagina! — Abanou a mão, dando-lhe um sorriso tímido.

As duas voltaram à festa e Mariá entregou a água para o marido.

O tempo passou e tudo estava tranquilo, até Bento vir correndo com os amigos.

— Pai! Pai!

— O que aconteceu? — Elias franziu o cenho.

— A Isabel sumiu!

Por um instante, o homem não disse nada, apenas ficou encarando o filho como se não tivesse escutado.

— Sumiu? — ele repetiu, atordoado.

— A gente tava brincando de bola e aí ela cansou e sentou pra ver. Só que eu me distraí e depois não vi mais ela. — Bento começou a chorar. — A gente procurou, mas não achou.

— Vamos procurar de novo, ela pode ter entrado em casa — Elias sugeriu e todos se mobilizaram para ajudar.

Vasculharam a casa, o terreno e a rua, sem nenhum sinal da menina. Decidiram então perguntar aos demais convidados se a haviam visto.

— A pequenininha de tranças? Eu vi perto da cerca dos fundos tem uns quinze minutos — a prima de Judite informou.

Eles voltaram para os fundos e percorreram a cerca.

— Aqui! — Mariá gritou e ergueu a pulseirinha de miçangas que a menina usava. — Estava do outro lado.

— Então ela passou pra lá. — Elias encarou o terreno desabitado, repleto de árvores. — O que ela foi fazer aí?

— Não sei, mas a gente precisa procurar a Bebê.

— Vamos nos espalhar. Já, já ela aparece — Estevão sugeriu e os demais concordaram.

Passaram para o outro lado da cerca e começaram a chamar pela menina. Elias e Mariá foram na mesma direção.

— Isabel! — Mariá gritou a ponto de sentir a garganta doer após minutos torturantes sem resposta. — Isabel!

— Filha! — Elias chamou ainda mais alto. — Bebê!

Mariá virou-se para ele e o viu passar as mãos pelo cabelo.

— Eli, vamos achar ela. — Tentou lhe passar alguma segurança.

— Sim, sim. — Ele engoliu em seco. — Ela só… ela…

— Ela deve ter se perdido — completou. — É melhor a gente se separar.

— Não, Mari. E se…

— E se, nada. Vai ser mais rápido assim.

— Não! — ele disse com maior firmeza. — Fica por perto.

— Tudo bem. Só vamos continuar chamando, ela vai escutar e responder, aí a gente busca nossa menina.

Elias concordou e voltaram a andar, gritando por Isabel. O coração dos dois se apertava mais a cada segundo e suas vozes alcançaram alturas que só o desespero é capaz de produzir.

Os chamados dos outros chegaram aos seus ouvidos e seguiram na direção oposta, para ampliar a área de busca.

— Já vai escurecer — Elias disse, tenso. — Meu Deus, onde essa menina tá?

— A gente precisa voltar e pegar uns lampiões.

— Eu não saio daqui sem minha filha.

— Elias — Mariá se aproximou e segurou o rosto dele —, pensa com a cabeça, não com teu medo.

— Eu tô com *muito* medo — ele confessou, a voz frágil.

— Sei disso. — Ela o abraçou. — Mas tenta se acalmar. Tenho certeza de que…

Mariá se calou ao escutar um barulho. Elias a afastou com cuidado, ouvindo também.

— Parece um choro, né, Mari?

— Sim. — Ela arregalou os olhos.

Ficaram imóveis e assim que ouviram de novo, Elias agarrou a mão da esposa e correu na direção do som.

— Filha!

O choro aumentava a cada passada e ficou claro vir de Isabel, dando força para o casal avançar ainda mais rápido.

Enfim avistaram a menina parada com um pintinho aninhado em seu colo, chorando a plenos pulmões.

— Bebê? — Elias fez menção de ir até a filha, porém paralisou quando um homem armado com uma espingarda surgiu de trás de uma árvore.

A mão de Mariá deslizou para longe da de Elias ao ver o rosto de Luiz.

17| A MORTE CHEGA



— Olha só! Finalmente, hein? — Luiz sorriu com cinismo, parando atrás de Isabel.

— Sai de perto dela! — Mariá gritou, dando passos na direção deles. Parou apenas quando ele apontou a arma para a menina. — Luiz, para com isso.

— Luiz? — Elias a encarou de súbito. — Esse é *aquele* sujeito?

— Eu teria mais respeito com o homem que tá apontando uma arma pra tua filha. — Luiz franziu as sobrancelhas.

— O que tu quer? — Elias perguntou entredentes.

— A Mariá em troca dessa menina linda. — Passou a mão pelas trancinhas de Isabel e a criança se encolheu.

— Papai — ela choramingou.

— Fica calma, meu amor, o papai vai te tirar daí. — Elias não conseguiu disfarçar a voz embargada.

— Como tu pegou ela? — Mariá atraiu a atenção de Luiz para si.

— Eu observei vocês de uns dias pra cá, parece que alguém ama seus pintinhos. Não foi difícil atrair ela com um deles. E que pai não trocaria uma mulher qualquer pela filha?

— Cala a boca! — Elias vociferou. — Eu vou te matar, seu imundo! Não toque em nenhuma delas, ouviu?

— Tô me cansando dessa prosa fiada — ele encostou o cano da arma na cabeça da menina —, ou me dá a Mariá ou a *Bebê* morre.

— Tá bom. — Mariá ergueu as mãos. — Vamos trocar.

— Mari…

— Pega ela e vai embora, Eli. Eu vou ficar bem.

— Não vou te deixar com ele, nunca!

— Vai, sim! — Virou de costas para Luiz e implorou com os olhos. — Pega a nossa menina e vai embora.

Elias não respondeu, apenas alternou o olhar entre a criança apavorada e a mulher diante de si. Seu peito batia rápido a ponto de causar dor, e deixou os ombros caírem quando assentiu.

Luiz mandou que Mariá fosse até ele e assim que ela ficou ao lado de Isabel, empurrou a menina e apontou a arma para a mais velha.

— Tá tudo bem. — Elias apertou a filha contra si e beijou sua cabeça.

— Agora virem e vão embora.

Mariá esperou resistência do marido, porém ele apenas lançou um olhar demorado para ela e fez o que o homem mandou, sumindo atrás das árvores.

— E eu achando que ele te amava. — Luiz gargalhou perto da orelha de Mariá. — Tu não vale nada mesmo.

Ela enxugou as lágrimas e virou-se para ele de queixo erguido.

— Me mata logo.

— Não… — Aproximou o rosto do dela, abrindo um sorriso perverso. — A gente vai se divertir primeiro. Achou que eu vim atrás de tu só pra te matar?

— Tu me dá nojo — disse com asco.

— Nem invente de cuspir em mim de novo. — Ele enfiou a mão entre as tranças dela e puxou sua cabeça para trás. — Dessa vez eu arranco tua língua.

Mariá fechou os olhos e tentou pensar em alguma forma de se livrar do homem. A situação presente, contudo, era pior do que a anterior.

— Por quê? — ela balbuciou, encarando os olhos dele.

— Sabia que teus pais contaram tudo que tu disse a eles pra Chica? — Uma risada sem humor se seguiu. — Minha irmã acreditou neles. Tu precisava ver a cara de nojo que ela fez e o tapa que me deu antes de ir embora, prometendo nunca mais olhar pra mim. Ela era minha única família e eu a perdi por tua causa!

— Perdeu por ser um abusador imundo! — rebateu e ele puxou seu cabelo mais forte.

— Se eu perdi tudo, tu também vai perder.

Luiz a empurrou adiante dele e começaram a andar entre as árvores.

— Aonde vai me levar?

— Mais uma palavra e estouro tua cabeça.

Mariá engoliu em seco e já começava a orar quando escutou um baque atrás de si. Virou a tempo de ver Luiz no chão, com Elias em cima dele. Ela cobriu a boca quando o marido foi acertado pelo cabo da arma e cambaleou para trás.

— Não!

— Tu só é corajoso porque tá com isso aí. — Elias deu um sorriso sarcástico ao ver a arma ser apontada para ele. — Quero ver se consegue me enfrentar de mãos vazias.

Mariá esperou que Luiz atirasse nele, mas o homem apenas inclinou a cabeça e estreitou os olhos.

— Tá bom. — Deu de ombros e virou para Mariá. — Encosta na árvore.

— O que…

— Encosta!

Ela obedeceu e o homem desprendeu uma corda do cinto e amarrou a moça no tronco. Mariá procurou o rosto do marido e ele pediu calma com um gesto discreto.

— Pode vir. — Luiz soltou a arma no chão e chamou pelo outro.

Elias cerrou os punhos e avançou contra ele. Os dois desviaram dos primeiros golpes, mas logo Elias acertou um soco no queixo de Luiz e acendeu a raiva do homem, fazendo-o partir para cima dele. Não demorou para ambos estarem no chão.

— Tu nunca mais vai chegar perto da minha mulher. — Elias deu um soco certeiro, desnorteando Luiz. Ele aproveitou a posição de vantagem e envolveu o pescoço do homem com as mãos, o sufocando.

Mariá encarou a cena boquiaberta, mas seu choque mudou de fonte ao ver Luiz tatear a cintura e tirar uma faca do cinto.

— Eli! Cuidado!

Mas, no mesmo momento que olhou para ela, Luiz esfaqueou sua barriga e lhe deu uma cabeçada, fazendo-o tombar para trás.

— Não! — Mariá esgoelou.

Elias tentou levantar, porém foi chutado e caiu de novo no chão de terra. Luiz desferiu diversos socos contra seu rosto, até ele apagar.

— Que homem insistente. — Ficou de pé e devolveu a faca ensanguentada à bainha.

Mariá estava aos prantos, chamando pelo marido desacordado.

— Isso saiu melhor do que a encomenda. — Luiz riu, se aproximando

dela. — Ainda consegui te fazer assistir a morte do teu marido!

— Seu monstro! — ela esbravejou.

— Guarda os xingamentos pra mais tarde, Mariázinha. — Ele foi para trás dela e desamarrou a corda, fazendo-a cair de joelhos. — Vamos acabar logo com isso?

Mariá não conseguia se mover, só encarar o corpo de Elias estirado logo ali.

— Deus… — o sussurro veio do fundo de sua alma.

Luiz se agachou diante dela e segurou seu queixo.

— Ele não tá te vendo. — Abriu um sorriso.

Por um instante, ela sentiu as garras do desamparo roçarem sua alma; logo as afugentou, lembrando de toda felicidade experimentada nas últimas semanas, da graça de enfim viver num lar, do amor que foi como remédio em suas feridas, da constante sensação de ser observada afetuosamente por Deus e da clara esperança contida n'Ele.

— O Senhor sempre me vê. — Mariá encarou Luiz e ergueu o queixo, afastando-se do seu toque. — Mesmo se tu me machucar, eu vou superar com a ajuda d'Ele, e se me matar, vou ficar com Ele no céu. Não pode tirar Jesus de mim, então nem ouse tentar.

Ela sorriu com o pouco de força que ainda tinha e isso fez o rosto de Luiz se contorcer de ódio.

— Tu é uma desgraçada, é isso que tu é! — Ele a empurrou e ficou em cima dela, segurando seus braços.

Mariá esvaziou o peito e olhou para ele com um último vestígio de sorriso.

— Não, Luiz, eu não sou desgraçada. Minha vida é cheia de sinais de graça! Depois que lembrei Quem meu El-roi é, nada do que diga vai ofuscar o brilho do amor d'Ele por mim. Tu quer me dominar, mas não tem poder pra isso.

— Eu acho que tenho, sim.

— Tu vai pro inferno, sabia? Aí vai ver o que é desgraça de verdade. Mas eu não vou saber o que é isso.

De repente, as feições de Luiz mudaram de ódio para algo como medo, e ele ficou de pé.

— Eu vou te matar de uma vez. — Apanhou a espingarda e apontou para ela. — Tô com nojo de tu.

— Estamos quites.

Mariá fechou os olhos e esperou o tiro. Sua mente foi preenchida pelos rostos da família que ela encontrou naquela cidade, pelos abraços que Bento e Isabel lhe deram, pela voz de Zuleide, a risada de Judite e, por fim, o beijo de Elias.

Deu um sorriso e esperou a dor que a levaria para o lugar onde sua alma sempre pertenceu.

Ela então ouviu dois tiros, aguardando a dor que nunca chegou.

— Mas… — A palavra morreu em seus lábios ao abrir os olhos e ver Luiz estirado no chão com duas balas no peito.

Ficou de pé aos tropeços e virou-se para trás, encontrando a arma ainda apontada. Devagar, o rosto do homem que menos esperava ver surgiu resoluto.

— Pai? — ela balbuciou.

Antônio ajeitou a arma nas costas.

— O que tá fazendo aqui? — A moça se aproximou.

— Eu disse a ele que se mexesse com minha filha de novo, eu ia fazer ele voltar pro quinto dos infernos. E fiz.

Mariá quis dizer muitas coisas naquele momento, mas não disse nenhuma delas, apenas correu até o corpo de Elias e checou seus batimentos.

— Ainda tá vivo, vamos levar ele. Me ajuda!

Antônio não hesitou e ajudou a filha a colocar Elias de pé; o movimento repentino fez o homem despertar.

— Mari? — Ele encarou o rosto dela.

— Fica quieto e anda, a gente precisa te levar rápido pro hospital.

Ele se calou e começou a caminhar, sustentado por pai e filha. Enquanto se afastavam, Mariá virou a cabeça para ver o corpo de Luiz e agradeceu a Deus por ter dado um fim definitivo ao seu pesadelo.

18| O AMOR É REMÉDIO



Mariá achava já ter vivido o auge do desespero depois daquele fatídico dia na casa de Luiz, mas descobriu que os momentos escuros continuavam fazendo parte de sua vida, e podiam ser ainda piores.

Sacolejando no carro de Otávio, o caminho para o hospital foi como o vale da sombra da morte; ela escutava os sussurros e sentia os arrepios que só esse lugar era capaz de provocar. Agarrada à mão de Elias, mais do que ele à dela, implorava ao Senhor para enviar Seus anjos e impedir que a vida do marido fosse tragada.

A incerteza cravada em seu peito ao aguardar que fosse atendido, a espera ao lado da cama enquanto ele ainda estava desacordado, e as lágrimas do mais profundo medo que ela já havia experimentado impregnariam seu interior por mais tempo do que a estada de Elias no hospital. Eram novas marcas em seu coração.

Mas depois do vale, um campo aberto e iluminado pela luz da graça divina se espalhou pelo horizonte da sua vida; os dias que sucederam o retorno de Elias ao lar se arrastaram numa mistura de temor e alívio, mas este último se sobressaía.

— Vamos trocar o curativo? — Ela sorriu ao entrar no quarto. Pegou os materiais na gaveta e sentou-se ao lado dele na cama.

— Já tá acabando isso? — Elias resmungou, erguendo a camisa.

— Talvez seja a última vez, vamos ver.

Ela molhou a gaze com o álcool e começou a higienizar o corte, já livre dos pontos, repetindo o processo ao qual se acostumara.

— Prontinho, meu bem. — Colou o novo curativo e deu um beijo nos lábios dele. — Foi um bom menino.

Elias revirou os olhos, mas riu. Abaixou a camisa e se ajeitou na cama

para observar a esposa guardar os objetos de volta na gaveta, e esperou que ela lavasse as mãos e voltasse para o quarto.

Mariá sentou-se na beirada da cama e ficou olhando para o rosto dele com uma expressão indecifrável.

— Tô muito feio? — Ergueu o lábio superior numa careta.

— Não tá nada feio. Só machucado e com uns inchaços.

— Ah. Mas pelo menos ele não acertou meu olho bom, aí a gente teria problemas. — Ele tapou o olho castanho e estendeu a mão até tocar o rosto da esposa. — Uh! Até sendo um borrão tu é linda.

Mariá soltou um riso fraco.

— Para de tentar me fazer rir.

— Preciso fazer meu amor voltar a rir. — Colocou as mãos na cintura dela. — Deita aqui comigo.

— Tenho que limpar a casa. — Ela apontou para a porta.

— Deixa isso pra depois, vem descansar um pouco.

Mariá resistiu a princípio, mas acabou cedendo e se aconchegando do lado oposto ao do corte. Elias a abraçou e alisou seu ombro com carinho.

— Tu tá bem?

— É, até que tô. — Ela deslizou a mão pelo peito dele. — Logo supero essa tribulação. O tempo cura tudo, né?

— O tempo não é esse grande mestre de cura que o povo diz, mas ele ajuda a cicatrizar o que foi curado com dedicação. — Beijou a testa dela. — Vou te abraçar e te encher de amor até as memórias ruins serem cobertas pelas boas.

— Sei disso. — Ela sorriu, se aninhando mais nele.

— E sabe que pode se abrir comigo, dizer o que tá pensando. Compartilhar a dor, entende?

— Uhum. Não tenho muito a falar, só quero que tudo que tenha a ver com aquele homem e com as maldades dele fique no passado. Achei que ia acabar ontem, mas ainda preciso enfrentar o encontro de hoje.

Ela soltou um suspiro ao lembrar-se da visita de Francisca, do sofrimento no rosto da amiga e de como ficou dilacerada pela descoberta de que o irmão não era apenas um homem duro, mas também um criminoso. A súplica dela por perdão ainda rondava a mente de Mariá, mesmo que não encontrasse qualquer remorso referente a Chica.

As duas conversaram por um tempo e depois se despediram, sem previsão de voltarem a se ver, pois após enterrar o irmão nas circunstâncias

que enterrou, Francisca sabia que sua pessoa seria sempre associada a algo traumático para Mariá.

Antes de ir embora, ela deu o recado de que os pais e irmãos da moça viriam fazer uma visita no dia seguinte, e desde então Mariá só pensava nesse reencontro.

— Fica tranquila — Elias disse —, eles não vão te fazer mal.

— Eu sei, mas mesmo assim fico nervosa. Meu pai não disse nada antes de eu ir com tu pro hospital.

— Vamos esperar pra ver o que ele vai falar hoje.

Ela assentiu e os dois ficaram deitados por um tempo, até Elias cochilar e a esposa aproveitar a oportunidade para sair. Lançou um último olhar antes de fechar a porta e um leve sorriso adornou sua face ao vê-lo em segurança.

***

— Por que não vai brincar, Bebê? — Mariá perguntou à menina aninhada em seu colo.

— Não quero.

A moça trocou com Elias um olhar preocupado. Estavam sentados na varanda, esperando a família de Mariá, e, como vinha acontecendo nos últimos dias, Isabel não desgrudava deles caso estivessem fora da casa.

— Filha — Elias segurou a mãozinha dela —, o homem mau não vai voltar, a gente já conversou sobre isso.

— E se tiver outro? — Ela fungou. — E se alguém me carregar pra longe?

— Vamos ficar de olho em tu, ninguém mais vai fazer mal pra nossa Bebê.

Ela sacudiu a cabeça e enfiou o rosto no peito de Mariá, abraçando-a com força.

— Eu seguro tua mão, irmã. — Bento ofereceu. — Vem brincar comigo.

— Tô com medo, Bentinho.

— A gente brinca com tuas bonecas.

A sugestão fez a menina erguer a cabeça.

— Nada de luta, elas não gostam.

— Pode ser casinha. — Bento deixou os ombros caírem e Isabel saltou do colo de Mariá para pegar as bonecas.

— Tô orgulhoso. — Elias passou a mão no cabelo dele e ganhou um meio sorriso. — Tu é um irmão muito bom por ajudar a Bebê.

— É pra ela não ficar triste.

— Entendi. Também não gosto de ver ela triste, filho.

Isabel voltou e os dois sentaram-se no chão para brincarem com Maricota e companhia. Elias e Mariá ficaram abraçados observando os dois até uma carroça surgir no fim da estrada e a tensão pesar o ar.

— Quero desistir disso — Mariá sussurrou.

— Tu consegue! — Ele beijou a cabeça dela e juntos esperaram o veículo parar diante da porteira.

Trêmula, Mariá ficou de pé e deu alguns passos, sem sair da varanda. Trocou um olhar com a mãe, mas não conseguiu sustentá-lo e o desviou para os irmãos.

— Mariá? — Marcelina foi a primeira a ter coragem de cruzar a distância entre eles.

— Oi, Lina. — A mais velha arriscou um sorriso.

— Tu não abandonou a gente? — Sua carinha confusa partiu o coração de Mariá.

— Claro que não. — Ela a trouxe para um abraço. — Eu não pude me despedir. O nosso pai não me deixou dizer “tchau”.

— O papai foi muito malvado. — Marcelina apertou a irmã.

— Ele foi.

Os outros irmãos se aproximaram também e abraçaram a primogênita da família. Havia uma mistura de saudade e confusão em todos eles, e Mariá entendeu que o pai os privou da verdade completa.

— Tu foi embora por causa do Luiz, né? — Regina perguntou.

— Sim.

— Ele morreu — Jorge cochichou, como se a irmã não soubesse.

— Fiquei sabendo. — Mariá engoliu em seco. — Vamos, se acheguem e sentem. Vou pegar um suco pra vocês.

— Esse é teu marido? — Hélio apontou, desconfiado, e Mariá esboçou um sorriso ao lembrar do jeito protetor do rapaz.

— É, sim. — Ela fez as apresentações e deixou Elias conhecendo os cunhados.

Em vez de pegar logo o suco, Mariá correu para o quarto e permitiu que o choro entalado saísse. Precisava se esvaziar antes de falar com os pais, não queria chorar na frente deles.

Demorou alguns minutos para enfim pegar a bebida e os copos e voltar para a varanda. Chegou a tempo de ver Isabel e Bento sendo apresentados por Elias.

— Querem ver os pintinhos? — Bento convidou, com a irmã agarrada ao seu braço.

Os cinco olharam para Mariá, pedindo autorização, e ela assentiu. Só quando os filhos estavam em volta do galinheiro, Antônio e Célia se aproximaram da varanda.

Pais e filha se encararam em silêncio, sem saber como atravessar o imenso muro entre eles.

— Sentem. — Elias apontou para as cadeiras e os mais velhos obedeceram. Ao perceber a esposa paralisada, pegou-a pela mão e a fez sentar ao seu lado. — Preciso deixar vocês dois avisados de uma coisa.

— Pode falar. — Antônio franziu a testa.

— Eu não vou deixar virem na minha casa pra magoar a minha mulher. — Elias tinha as feições sérias, não deixando margem para qualquer dúvida da veracidade de suas palavras. — Se vão dizer alguma coisa que machuque ainda mais a Mariá, é melhor levantarem e irem embora.

— A gente não veio pra fazer mal pra ela. — Célia fitou a filha com olhos marejados. — Me perdoa, por favor.

— Ela não tem que perdoar nada, Célia. — Antônio cerrou os dentes e abaixou a cabeça. — A gente só veio pra consertar a burrice de afastar ela dos irmãos. Já morremos pra Mariá.

— Não pode falar por mim. — A moça finalmente achou sua voz. — Eu oro pra Deus me ensinar a perdoar vocês desde que cheguei nesta casa, e apesar de ainda doer quando lembro de tudo, meu coração tá sendo curado. Eu perdoo vocês, sim.

— Não deveria. — Antônio ergueu a cabeça.

— Para com isso, homem! — Célia segurou o braço dele.

— Olha o que a gente… não, olha o que *eu* fiz com minha própria filha! — Ele ficou de pé e virou-se de costas. — Matar aquele desgraçado não muda nada do que aconteceu. Eu deveria ter acreditado nela, devia ter deixado ele tentar se vingar e me livrado dele, em vez de vender a Mariá. Agora é tarde.

Lágrimas encharcavam o rosto da filha e ela se levantou. Caminhou hesitante até o pai e tocou suas costas, sentindo a rigidez do coração dele transparecer no corpo.

— Vocês fizeram o mal, mas Deus o transformou em bem pra mim. Dói lembrar que me venderam, que preferiram ter paz com um abusador em vez de lutar pela própria filha, mas o Senhor não deixou que eu virasse uma escrava, Ele colocou o Elias no meu caminho não só pra me dar um marido amoroso, mas também pra me lembrar que Ele é por mim, não importa quão escura esteja a vida. — Mariá puxou o ombro do pai, fazendo-o se virar e exibir o rosto molhado. Ela nunca tinha visto aquele homem chorar. — Eu te perdoo, porque Deus perdoou minha incredulidade e falta de esperança n'Ele. E se teve um recomeço pra mim, também pode ter pra vocês. Deveriam buscar o Senhor e consertar tudo que há de errado nas suas vidas. Meu perdão não vai os salvar, só Deus pode.

Célia deixou seu assento e, aos prantos, abraçou a filha. Mariá ficou parada por alguns segundos, até lentamente colocar as mãos nas costas da mãe e retribuir.

— Antônio — Célia chamou ao vê-lo parado. — Deixa de dureza, por favor.

O homem soltou o ar e arrastou os pés até as duas, se deixando ser puxado para o abraço.

— Desculpa, filha — ele disse baixinho e apertou Mariá com força. — Me desculpa. Eu voltei lá na feira pra te procurar, mas tu já tinha sumido.

— Tu voltou? — Mariá afastou-se abruptamente.

— Sim. — Seus olhos vermelhos transmitiram sinceridade. — E depois vi que não tinha mais volta. Nem consegui dormir direito desde aquele dia, mas só essa semana tive coragem de vir aqui de novo. Foi aí que te vi na feira com o homem que tinha te comprado naquele dia.

— Ele só fez isso pra me livrar, não foi com intenções ruins. — Mariá sorriu para Elias e voltou aos pais para saber o fim da história. — Como descobriram onde eu morava?

— Eu segui a carroça.

— E sabem como o Luiz me achou?

— Deve ter nos seguido. — Antônio abaixou a cabeça. — Depois que a gente contou a verdade pra Chica, ele ficou cheio de ódio e soltou umas coisas parecendo ameaças. Quando ouvi os gritos pela menina, imaginei que Luiz tinha feito algo e resolvi procurar por ele.

— Ainda bem que o senhor deu um fim nele. — Mariá não conseguiu conter o suspiro aliviado.

— É, dei.

— Poderia ter acabado preso.

— Por sorte, a Chica não denunciou nada.

Mariá assentiu e foi sentar-se ao lado do marido, tentando absorver toda aquela situação. Elias afagou suas costas.

— Já vamos embora. — Antônio quebrou o silêncio.

— Não! — Mariá arregalou os olhos. — Quero ficar mais com meus irmãos. Almocem aqui.

— Se tu quer isso… — O homem assentiu.

— Vocês não querem conhecer a casa? — Elias sugeriu, tentando aliviar o clima pesado.

Seus sogros concordaram e ele os guiou pelos cômodos e pelo terreno com uma Mariá calada ao seu lado.

— Pelo menos as crianças tão se dando bem — Elias comentou quando os pais se afastaram.

— É. — Mariá forçou um sorriso. — Tu já andou demais, vamos pra sala.

— Tem certeza que quer eles aqui?

Ela olhou para os pais e viu a mãe se abaixar para conversar com Isabel. A menina parecia encantada com a bolsinha de crochê que Célia mostrava, e isso lhe arrancou um sorriso sincero.

— É um tiro no escuro, mas eu preciso tentar resgatar um pouco de contato com eles. Talvez seja um erro, talvez não. — Encolheu os ombros. — Sinto aqui dentro que devo tentar.

Ele concordou e chamou a todos para entrarem e se acomodarem na sala. A presença dos irmãos e suas milhares de perguntas sobre a nova vida da irmã trouxeram mais leveza para o encontro, e Mariá conseguiu aguentar até a tarde, quando eles se despediram e partiram com a promessa de voltar outras vezes.

Assim que sumiram, Mariá se arrastou para o sofá e deixou seu corpo ceder ali, enquanto as lágrimas rolavam impetuosas.

— Por que ela tá chorando? — Bento perguntou assustado.

— Lembra quando a Mari chegou aqui e a gente precisou dar muito amor pra ela? — Elias esperou os filhos concordarem. — Vamos fazer isso de novo. Muitos beijos e abraços agora, tá bom?

Ele não precisou repetir, pois as crianças subiram no sofá e começaram a encher a moça de carinho, fazendo-a sorrir em meio às lágrimas. Por fim, Elias se juntou a elas e uniu os quatro num abraço firme.

— Tudo bem — ele sussurrou para a esposa. — Tu tá em casa.

Ela assentiu e deixou o corpo amolecer dentro daquele abraço, sabendo que ele dizia a mais pura verdade.

EPÍLOGO| A GRAÇA RESPLANDECE



5 anos depois

Mariá se balançava de um lado para o outro enquanto prendia a lateral do cabelo com uma presilha de flor. A música animada embalou toda a sua produção e tornava a atividade ainda mais prazerosa. Pegou o pente e começou a dar mais volume nas madeixas crespas avolumadas ao seu redor.

Cantarolava tão distraída que só percebeu a presença do marido quando ele a abraçou por trás.

— Que susto, Eli! — Ela bateu o pente em seu braço. — Me solta, homem, pelo amor de Deus.

— Como tu tá irritada esses dias, hein? — Elias apoiou o queixo no ombro dela.

— Experimenta ter uma criança de três quilos dentro de tua barriga e vê se tu vai ficar pleno o tempo todo.

— Eita! Já entendi. — Ele deu risada e se afastou.

Mariá soltou um suspiro e se apoiou na cômoda.

— Desculpa — ela murmurou, estendendo as mãos.

— Tudo bem. — Ele as segurou e deixou que colocasse sobre a barriga de nove meses. — Tá quase lá mesmo.

— Preparado pra ser pai de quatro crianças?

— Deus mandou, Ele capacita, né?

— Amém!

Mariá repousou as mãos sobre as de Elias e ficou admirando os olhos brilhantes dele até uma voz animada vir da cozinha:

— Gente! Vem ver meu bolo.

— Já vamos! — ela gritou em resposta e seguiu para a cozinha de braços dados com o marido.

Isabel estava terminando de polvilhar o coco ralado no primeiro bolo que fez sozinha, um presente pelo aniversário de casamento dos pais.

— Hum, parece tá muito gostoso. — Mariá analisou o preparo.

— A vovó Célia e a vovó Zuleide vão ficar muito orgulhosas de mim!

— Quando elas vierem, tu prepara outro. — Elias sorriu para a filha, que assentiu animada. — Posso levar o bolo lá pro quintal?

— Vai com cuidado. — Isabel ergueu as mãos diante de si.

— Viu, chefe.

Ele carregou a forma e as duas levaram os pratos e os copos. A mesa estava coberta por uma toalha rendada e decorada com um vaso de flores, também obra da filha do meio.

— Meu Deus! Tu caprichou. — Mariá cobriu a boca. — Não precisava.

— Precisava, sim! Já que mainha tá *desse* tamanho e não pôde preparar nada pra seguir a tradição de comemorar o aniversário de casamento, tive que dar meu jeitinho.

— *Desse* tamanho? — A mulher arregalou os olhos.

— Ah… — A menina deu um risinho e encolheu os ombros.

— Nem tá tão grande assim. — Alisou a barriga e pai e filha se entreolharam. — Parem com isso! Bentinho, me defende.

— Eu tô com medo de serem gêmeos. — O garoto ergueu as sobrancelhas e ganhou um leve tapa da mãe. — Ai! Mas é verdade. Tá bem maior do que na vez da Josi.

Mariá fez uma careta e sentou-se ao lado dele, desejosa de descansar os pés inchados.

— Não acho que são gêmeos, não. — Ela fez menção de pegar a garrafa de refrigerante no centro da mesa, mas foi impedida pelo marido. — Ei!

— Tu fica cheia de dores toda vez que bebe isso, nem pensar.

— Vocês tão sendo muito chatos comigo hoje. — Ela fungou, coçando os olhos.

— Eu faço um suco de laranja pra senhora — Isabel ofereceu.

— Obrigada, meu amor, eu aceito.

A menina colheu as frutas do pé ali no quintal e foi preparar a bebida. Seus nove anos vieram com um grande apreço pela culinária, e Mariá amava

ter uma companheira na cozinha.

— Quer, filho? — Elias ofereceu o líquido borbulhante e recebeu um olhar estreito da esposa.

— Quero. — Bento apertou os lábios para conter um sorriso, ajeitando a irmã no colo.

— Faz muito tempo que ela dormiu? — Mariá voltou-se para a bebê e enxugou as gotinhas de suor em sua testa.

Josi tinha dois anos e era um poço de risadas fofas e tagarelice, ao menos do jeitinho dela, e quando o assunto se tratava de colo favorito, Bento só perdia para a mãe.

— Não, uns cinco minutos — ele respondeu. — Cansou de tentar arrancar meu cabelo e dormiu.

— Tu é mesmo muito bom com bebês. — Mariá alisou a bochecha dele.

— Eu gosto deles. — Deu um sorriso de covinhas. — Quando eu crescer, vou casar e ter um monte de bebês.

— Um monte? — Elias riu.

— Uhum. Uma família grande e boa, igual a nossa.

O casal se entreolhou, comovidos com a declaração.

— Se Deus quiser, vai ter sim, filho. — Elias sorriu para ele.

Isabel voltou com o suco e eles sentaram-se para desfrutar o bolo. A menina se escondeu atrás de seu copo quando uma enxurrada de elogios lhe atingiu depois de provarem o doce.

— Por que o papai e o Bento não contam da aposta que a gente fez? — Ela mudou de assunto, já sentindo o rosto quente.

— Shiu! — O pai colocou o dedo na frente da boca, tarde demais.

— Que aposta? — Mariá cruzou os braços.

— Nada, mainha… — Bento murmurou.

— Ah! Vocês vão ter que me contar.

— Eu falo, então. — Isabel balançou os ombros. — Eles apostaram comigo que o bebê vai ser um menino, mas eu disse que não.

— Não acredito! — Mariá fez uma careta de irritação. — Já disse pra pararem com isso de preferência, quero nosso bebê recebendo muito amor, independente do sexo.

— Ele vai, meu bem, fica calma. — Elias segurou a mão dela. — Foi só uma brincadeira.

— Ai, o que eu fiz pra merecer tanto estresse? — Ela levou uma

garfada generosa do bolo à boca.

— Tá tudo bem. — O marido afagou as costas dela.

— Para, agora eu quero chorar. — Tombou a cabeça no ombro dele.

— Não chora, mainha. — Isabel ficou de pé e envolveu o pescoço dela. — Eu não devia ter dito nada.

— Quando o bebê nascer, ela volta ao normal, né? — Bento fez uma careta e ganhou olhares fulminantes do pai e da irmã.

— Eu tô tão chata assim? — choramingou.

— N-não.

— Não sabia que era tanto!

— Ô, meu Deus! — Bento jogou a cabeça para trás e conseguiu arrancar um sorriso da mãe. — Desculpa, a senhora não tá nada chata.

— Não?

— Nem um pouquinho.

— Nadinha?

— Nada de nada.

Ela concordou e voltou a comer o bolo. Isabel ergueu os polegares para o irmão, como se aprovasse sua vitória ao restaurar a paz. Assim, a família terminou a refeição com tranquilidade.

— Agora a segunda parte da festa. — Bento piscou para a irmã e ela correu para dentro de casa.

— O que vão fazer? — Elias estreitou os olhos.

— Falta uma parte da tradição.

Elias olhou para Mariá e viu o sorriso crescer no rosto dela. Quando a filha voltou com a viola que Bento estava aprendendo a tocar, percebeu que não seria naquele ano que se veria isento de cumprir sua promessa.

— Tudo bem, sou um homem de palavra! — Ele colocou uma mão no peito e estendeu a outra para a esposa. — Me dá a honra de dançar comigo, meu bem?

— Com certeza. — Mariá encaixou a mão na dele e deixou que lhe conduzisse.

Isabel pegou a irmã no colo de Bento e ele começou a dedilhar “Pela luz dos olhos teus”, a música que os pais sempre dançavam. Elias abraçou a esposa por trás e se balançaram no ritmo, mas foram pegos de surpresa quando a voz doce de Isabel se juntou à melodia. A menina sorriu cheia de timidez ao ser fitada por eles, embora continuasse cantando.

— Acho que essa música nunca foi tão boa — Elias sussurrou para a

esposa.

— Eu concordo!

Ele a girou devagar, depois a trouxe para perto de novo, e sustentaram o olhar um do outro, confessando em silêncio o quanto se amavam, cada dia mais e mais.

— Quer dançar outra? — Elias sugeriu quando a canção terminou.

Para sua surpresa, Mariá negou.

— Acho que a grávida aqui já deu tudo de si. — Ela soltou um riso fraco, acariciando a barriga.

— Tudo bem? — Elias se preocupou.

— Uhum. Só preciso sentar.

Ele a guiou para se acomodarem junto aos filhos, e Bento tocou mais algumas músicas que já havia aprendido nas aulas com o pastor Otávio. Desfrutaram de uma tarde de domingo tranquila e quando o sol começou a se pôr, Elias entrou para preparar o café, com Bento e Josi no seu encalço.

— Mainha — Isabel chamou quando a mulher fez menção de entrar também —, a gente pode ficar aqui mais um pouquinho?

— Claro, Bel. O que quer fazer?

A menina deu um meio sorriso e segurou a mão dela, lhe puxando para o espaço de terra do quintal, então parou e ergueu o rosto para cima.

— Oi, Jesus! — Isabel acenou freneticamente para o céu alaranjado.

— O que tá fazendo? — Mariá deu risada.

— Dizendo “oi” pra Jesus. A senhora não vive me falando que Ele tá me vendo o tempo todo?

— Isso mesmo.

— Então! Acho que Ele pintou o céu desse jeito bonitão pra nos lembrar que Ele tá aqui com a gente. E eu tô muito feliz de ter Jesus pertinho de mim.

Aquela singela declaração de fé fez o peito de Mariá entrar em chamas. A frequente oração que fazia junto com Elias era para viverem uma vida piedosa e íntima do Senhor a ponto de inspirar seus filhos a desejarem o mesmo. Eles queriam que sua descendência nunca duvidasse do olhar constante de Deus.

— Que especial, meu amor! — Sua voz saiu embargada. — Também quero dizer “oi” pra Ele.

Mariá ergueu o braço e imitou a menina, acenando para o espetáculo de cores acima delas. Uma vida seria pouco para expressar toda a gratidão

que ela sentia por ter a companhia do Senhor, por ser vista e amada por Ele.

Isabel segurou a mão dela e as duas ficaram ali até o céu recair no azul do anoitecer; depois, entraram em casa. Chegando na sala, a menina correu para brincar com os irmãos no sofá. Mariá, porém, paralisou diante da cozinha.

— Ai, não!

Elias veio depressa do cômodo e parou diante da esposa.

— O que foi?

Ela deu um passo para trás e apontou para a poça de água no chão.

— Ai, não! — Elias ecoou a fala dela e colocou as mãos na cabeça.

— Ai, não, o quê? — Bento questionou do sofá.

— Tua mãe vai ter o bebê. — Elias começou a andar de um lado para o outro. — Eu preciso… o que eu preciso fazer mesmo?

Mariá quase riu, até que uma pontada mais forte do que as que ela vinha ignorando o dia todo a forçou a apoiar-se na parede.

— Vai buscar a Zuleide! — Ela agitou a mão em direção à porta.

— Preciso chamar a Judite primeiro, tu não pode ficar sozinha com as crianças.

— Tá, faz isso. Eu preciso deitar um minuto.

Isabel e Bento correram para ajudá-la a chegar no quarto e enquanto o pai ia buscar as mulheres, as três crianças ficaram ali, fazendo companhia a ela.

As próximas horas foram de pura agitação no pequeno lar da família. O trabalho de parto levou toda a madrugada, e só quando o sol raiou, o novo integrante veio ao mundo.

— Eu vou fechar os olhos pra não ver essa comemoração de vocês. — Mariá riu ao presenciar marido e filho vibrando diante do pequeno Manuel.

— Agora as mulheres não são mais maioria nesta casa. — Elias piscou, sentando-se ao lado da esposa. Ele beijou o rosto do bebê e o humor em seus olhos foi substituído pelas lágrimas. — Bem-vindo, filho, vamos todos te amar e ensinar o que é um lar de verdade.

— Vamos, sim.

Todos se reuniram em volta do bebê e o mais puro amor transbordava de seus corações. Cada um deles tinha sofrido de alguma maneira, porém também haviam aprendido a enxergar a boa mão do Senhor nos detalhes de suas vidas.

E, no fim, sabiam que apesar dos males trazidos pelo mundo

manchado pelo pecado, Jesus era e sempre seria especialista em plantar vestígios, sussurros e explosões de graça.

“Então Hagar passou a usar outro nome para se referir ao SENHOR, que havia falado com ela. Chamou-o de ‘Tu és o Deus que me vê’, pois tinha dito: ‘Aqui eu vi aquele que me vê!’.”
Gênesis 16:13

E Ele vê mesmo. Em todo tempo.



Elias e Mariá agradecem a leitura! Não esqueça a avaliação :)

[1] Ensina-me – Ministério Life.

[2] Bolo feito com farinha extraída da massa de mandioca fermentada (ou pubada) e peneirada.

[3] Pela luz dos olhos teus – Tom Jobim.

[4] Baião – Rebanhão.